



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

MEU REI E A CONSTRUÇÃO DO PARAÍSO

PRISCILLA PINHEIRO QUIRINO



PRISCILLA PINHEIRO QUIRINO

MEU REI E A CONSTRUÇÃO DO PARAÍSO

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em História do Norte e Nordeste do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, sob a orientação da Professora Doutora Sylvana Maria Brandão de Aguiar.

Catálogo na fonte

Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

Q8m Quirino, Priscilla Pinheiro.

Meu Rei e a construção do paraíso / Priscilla Pinheiro Quirino. –
Recife: O autor, 2011.

160 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sylvana Maria Brandão de Aguiar.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco,
CFCH. Programa de Pós-graduação em História, 2011.

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DA ALUNA PRISCILLA PINHEIRO QUIRINO

Às 15h do dia 26 (vinte e seis) de agosto de 2011 (dois mil e onze), no Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, reuniu-se a Comissão Examinadora para o julgamento da defesa de Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pela aluna **Priscilla Pinheiro Quirino** intitulada "**MEU REI E A CONSTRUÇÃO DO PARAÍSO**", em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder a mesma o conceito "**APROVADA**", em resultado à atribuição dos conceitos dos professores doutores: Sylvana Maria Brandão de Aguiar (orientadora), Carlos Alberto Cunha Miranda e Roberto Mauro Cortez Motta. A validade deste grau de Mestre está condicionada à entrega da versão final da dissertação no prazo de até 90 (noventa) dias, a contar da presente data, conforme o parágrafo 2º (segundo) do artigo 44 (quarenta e quatro) da resolução Nº 10/2008, de 17 (dezessete) de julho de 2008 (dois mil e oito). Assinam a presente ata os professores supracitados, a Vice-coordenadora, Profª. Drª. Tanya Maria Pires Brandão, e a Secretária da Pós-graduação em História, Sandra Regina Albuquerque, para os devidos efeitos legais.

Recife, 26 de agosto de 2011

Profª. Drª. Sylvana Maria Brandão de Aguiar

Prof. Dr. Carlos Alberto Cunha Miranda

Prof. Dr. Roberto Mauro Cortez Motta

Profª. Drª. Tanya Maria Pires Brandão

Sandra Regina Albuquerque

A todos os que contribuíram de alguma forma
com este meu árduo trabalho de *escrever...*

AGRADECIMENTOS

A Pedro Falk pelas inúmeras horas de escuta paciente, pela força ao longo desta jornada, pelas palavras de incentivo, pelas questões pertinentes, pelos filmes nos momentos de stress, pelos “brownies” e “cookies” que adoçaram os nossos dias, pelos longos telefonemas, enfim, pelo carinho e amizade ao longo destes anos de pesquisa ininterrupta.

A Sylvana Brandão meu muitíssimo obrigado pela orientação durante estes últimos cinco anos na elaboração de minha monografia e nesta dissertação e, principalmente, pelo fato de ter me guiado nesse caminho árduo que é a pesquisa histórica. Obrigada, professora, por ter-me ensinado ao longo do caminho o que é ser, **verdadeiramente**, uma pesquisadora.

A CAPES, pela bolsa que possibilitou minhas viagens de pesquisa de campo.

Ao meu amigo Aluizio Medeiros, pelos cafés intermináveis, pelas dicas, pelos papos teóricos, e pelas horas passadas discutindo os pontos de nossas pesquisas. Enfim, pela sua amizade incondicional, pelo seu carinho e pela sua força.

Aos meus amigos do mestrado, pelo apoio mútuo nas angústias que todo pós-graduando passa, pelas brincadeiras para desanuviar a mente, pelas sugestões, mas, principalmente, pelo companheirismo.

Aos funcionários da Secretaria da Pós-Graduação, Carmem, Sandra e João, sem os quais nenhum pós-graduando conseguiria percorrer estes dois longos anos.

A Kléber Kyrillos pela ajuda inestimável nas minhas pesquisas no Arquivo Público Jordão Emerenciano.

A equipe da hemeroteca da Fundação Joaquim Nabuco, sempre gentis e acessíveis.

A meus tios e suas esposas por me acolherem em Arcoverde durante minhas pesquisas de campo.

De forma especial aos moradores da Fazenda Porto Seguro que me receberam de forma irrestrita durante minha pesquisa. Principalmente à Carminha, Helena, Marluce, Dadá, Guilherme, Neném, Aninha, Ismael e a todos que colaboraram tão gentilmente com o presente estudo.

A Jesus Amorim, Leidinha Amorim, Salomão de Farias, Maria Monteiro, Maria Martins, Raquel de Farias, Edvaldo Bezerra e todos os que se dispuseram a dar seus depoimentos sobre o movimento estudado e por terem nos recebido tão bem em Buíque.

À equipe da casa paroquial da Igreja Matriz de Buíque pelo acolhimento e paciência.

Aos colegas da Biblioteca Municipal de Olinda, pelo incentivo e, sobretudo, pela compreensão. Pois, no momento de minha ausência entenderam que eu estava trabalhando intensamente em torno desta pesquisa.

Enfim, a todos os meus amigos e familiares por terem me agüentado falar, durante os últimos anos, incessantemente sobre Meu Rei, seu movimento e todos os detalhes de minhas pesquisas. Todos foram importantes e constituíram parte de um grande universo.

RESUMO

Esta dissertação traz uma análise acerca da devoção existente em torno da figura de Cícero José de Farias, o Meu Rei, que foi o líder político, social e religioso da Comunidade da Fazenda Porto Seguro no município de Buíque. Meu Rei era visto como pretenso *Profeta de Deus* responsável pela preparação do *povo eleito* para a chegada do Apocalipse, construindo naquela parte do Sertão do Moxotó uma aura messiânico-milenar que perduraria por vinte e três anos. Também foi analisado por nós a formação do campo de atuação deste líder e os agentes que junto com ele atuavam na manutenção de tal campo. Ademais, nossa pesquisa nos fez refletir sobre a administração deste mercado de bem simbólico no qual a religião de cunho apocalíptico é o seu principal capital. Do ponto de vista teórico, nos foram basilares as obras de Pierre Bourdieu, Max Weber, Jean Delumeau e Norman Cohn. Em nossa compreensão, no viés sociológico, este é um movimento singular e que consubstancia um movimento maior de (re)encanto da religiosidade que vê-se cada vez mais nos dias de hoje. Como caminhos metodológicos optamos por um estudo de caso simples e fizemos convergir interpretações de documentação oficial, com História Social e Etnografia. Do que foi argumentado ao longo deste trabalho, podemos aferir que este é um movimento de longuíssima duração, no dizer de Braudel, resiste ao devir da antiguidade no rastro da apocalíptica judaica perpassando a escatologia medieval e absorvendo alguns caracteres sebastianistas dos grandes movimentos messiânicos do século XIX.

Palavras-Chave: Milenarismo. Meu Rei. Messianismo. História Social. Antropologia.

ABSTRACT

This paper presents an analysis of the devotion existing around the figure of Cicero Jose de Farias, My King, who was the leading political, social and religious figure of the Community Farm of Porto Seguro in the city of Buíque. My King was seen as an alleged prophet of God responsible for the preparation of the chosen people for the arrival of the Apocalypse, building a millenarian-messianic aura in that part of the hinterland of Moxotó that would last for twenty-three years. We also discuss the formation of the field of action of this leader and of the agents who worked with him in maintaining such field. Furthermore, our research made us reflect on the administration of the market of symbolic goods in which the religion of apocalyptic nature is its main asset. From the theoretical point of view, the works of Pierre Bourdieu, Max Weber, Jean Delumeau and Norman Cohn were basic. In our understanding, from a sociological point of view, this is a unique movement, one which embodies a larger movement to the (re) encounter of religiosity that can be found more and more nowadays. As a methodological approach, we choose a simple case study and made converging interpretations of official documents with Social History and Ethnography. From what has been argued throughout this paper, we assess that this is a movement of a very, very long duration, which, in the words of Braudel, resists the transformation of antiquity in the wake of apocalyptical Judaism passing through the medieval eschatology and absorbing some of the characteristics of the bigger messianic movements of the XIX century.

Keywords: Millenialism. My King. Messianism. Social History. Anthropology.

LISTA DE INSTITUIÇÕES PESQUISADAS

APEJE - ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL JORDÃO EMERENCIANO – (RECIFE-PE)

FUNADAJ – FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO – (RECIFE-PE)

GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA - (RECIFE-PE)

IAHGP – INSTITUTO ARQUEOLÓGICO, HISTÓRICO E GEOGRÁFICO PERNAMBUCANO – (RECIFE)

IHO – INSTITUTO HISTÓRICO DE OLINDA – (OLINDA)

BIBLIOTECA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – UFPE (RECIFE)

BIBLIOTECA CENTRAL – UFPE (RECIFE)

BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DE PERNAMBUCO – (RECIFE)

BIBLIOTECA PÚBLICA DE OLINDA – (OLINDA)

IBGE – INTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – (RECIFE/ARCOVERDE)

AESA - AUTARQUIA DE ENSINO SUPERIOR DE ARCOVERDE – (ARCOVERDE)

LISTA DE IMAGENS

1. CÍCERO JOSÉ DE FARIAS.....	87
2. MANOEL DE FARIAS E FAMÍLIA.....	87
3. IRMÃ DE CÍCERO JOSÉ DE FARIAS	88
4. IRMÃ APOLÍNIA	88
5. CAMINHO QUE LEVA A CAVERNA.....	96
6. PAREDÃO ONDE SE LOCALIZA A CAVERNA	97
7. MAPA DO PERCURSO PARA O VALE DO CATIMBAU	98
8. MAPA DA LOCALIZAÇÃO DA FAZENDA PORTO SEGURO	98
9. TERRAÇO LATERAL ESQUERDO	101
10. TERRAÇO FRONTAL.....	101
11. VISTA DA PORTA DE ENTRADA DO PALÁCIO	102
12. PRIMEIRA SALA DO PALÁCIO.....	102
13. ESPAÇO DA PRIMEIRA SALA, ONDE MEU REI OUVIA MÚSICA	103
14. SEGUNDA SALA DO PALÁCIO	104
15. ESCADARIA QUE LEVA A COZINHA, NO SUBSOLO	104
16. MESA ONDE ACONTECIAM AS REUNIÕES DOMINICAIS	105
17. VISTA LATERAL DO PALÁCIO DE DEUS.....	106
18. ISRAEL E ALGUNS DOS MAÇONS QUE O VISITAVAM	107
19. CÉDULAS DE TALENTO	108
20. MEU REI, COROADO, DANÇANDO BOLERO.....	111
21. MEU REI DANÇANDO BOLERO	111
22. FESTIVIDADE DA FAZENDA.....	112
23. MESA NA ANTE-SALA DO QUARTO DE MEU REI, ONDE ELE RECEBIA AS REVELAÇÕES DE DEUS-PAI.....	121
24. PLACA EM HOMENAGEM Á ELETRIFICAÇÃO DA PORTO SEGURO	123
25. DESCERRAMENTO DA PLACA. MEU REI E O DEPUTADO HENRIQUE QUEIROZ.....	123

26. DIA DA INAUGURAÇÃO DA ENERGIA ELÉTRICA NA PORTO SEGURO, FRENTE DO PALÁCIO	124
27. MEU REI, HENRIQUE QUEIROZ E CONVIDADOS.....	124
28. DISCURSO DE MEU REI, EM COMEMORAÇÃO A ELETRIFICAÇÃO	125
29. VISTA DA RUA PRINCIPAL DA FAZENDA PORTO SEGURO, AO FUNDO, O PALÁCIO DE DEUS.....	141
30. CASA ABANDONADA NA COMUNIDADE	142
31. CASA DO IRMÃO DE MEU REI, MANOEL DE FARIAS	142
32. CONSTRUÇÃO QUE, A PRINCÍPIO, SERIA A CENTRAL TELEFÔNICA DA COMUNIDADE	143
33. CASA DA SENHORA MARIA DUARTE.....	143
34. PRAÇA DA FAZENDA PORTO SEGURO	144
35. FACHADA DA ESCOLA.....	145
36. DETALHE DO MURO QUEBRADO POR UMA BATIDA DE CARRO	145
37. PRIMEIRA SALA DA ESCOLA	146
38. MERCADINHO DA PORTO SEGURO	147
39. LOJA DE ROUPAS, DO LADO ESQUERDO, DE FACHADA BRANCA.....	147
40. POUSADA/ALBERGUE EM FASE DE CONSTRUÇÃO	148

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. O PARAÍSO PERDIDO: UMA VISÃO ANTROPOLÓGICA DA RELIGIÃO	22
1.1. DURKHEIM E AS FORMAS DE VIDA RELIGIOSA	22
1.2. PIERRE BOURDIEU E SUAS TROCAS SIMBÓLICAS	25
1.3 O PRINCÍPIO DA ANOMIA E O CONCEITO DE TEODICÉIA	27
1.4. A SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO WEBERIANA E SEU CONCEITO DE CARISMA	36
1.5. MAX WEBER, PIERRE BOURDIEU E O PROFETA	40
1.6. PETER BERGER E O CONCEITO DE PLAUSIBILIDADE	43
2. A NOVA JERUSALÉM, CENTRO DO MUNDO: MOVIMENTOS MESSIÂNICO- MILENARES, UM BALANÇO HISTORIOGRÁFICO	49
2.1. A DIFERENÇA ENTRE MESSIANISMO E MILENARISMO... AS TEORIAS APOCALÍPTICAS.....	49
2.2. AGITAÇÕES MILENARISTAS NO MEDIEVO... OS REVOLUCIONÁRIOS E ANARQUISTAS MÍSTICOS	58
2.3. SÉCULO XIX, O SÉCULO DOS PROFETAS BRASILEIROS... OS DESDOBRAMENTOS DO MILENARISMO PORTUGUÊS EM TERRAS BRASÍLICAS	71
2.4. SÉCULO XX... MILENARISMO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO	79
3. O PROFETA PERNAMBUCANO DE DEUS: MEU REI E A CONSTRUÇÃO DO PARAÍSO	86
3.1. CÍCERO JOSÉ DE FARIAS... OS CAMINHOS QUE LEVARAM AO NASCIMENTO DO PROFETA	86
3.2. ISRAEL... PEREGRINAÇÕES E A CHEGADA À “TERRA PROMETIDA”	93
3.3. SERRA DOS BRÉUS... LOCAL DA NOVA JERUSALÉM	95
3.4. A FAZENDA PORTO SEGURO... O REFÚGIO DO POVO ELEITO.....	99
3.5. O PALÁCIO DE DEUS... MORADA DE UM REI IMORTAL	100
3.6. MEU REI E A ADMINISTRAÇÃO DO ESPAÇO SOCIAL.....	109
3.7. O CÓDIGO ÉTICO-RELIGIOSO DA FAZENDA PORTO SEGURO	115
3.8. SADABE... <i>O PRIMEIRO HOMEM IMORTAL DA TERRA</i>	119

3.9. MEU REI... AS CONQUISTAS PARA A SERRA DOS BRÉUS E AS REPERCUSSÕES DE SUA COMUNIDADE NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO	122
4. A FAZENDA PORTO SEGURO, O NOVO JARDIM DAS DELÍCIAS: DO ANO DE 1999 AO OCASO DA PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XXI	136
4.1. 1999... O COMEÇO DO FIM?	136
4.2. A AMEAÇA DA 'IRREALIDADE' NO COTIDIANO SOCIAL DA PORTO SEGURO.....	138
4.3. O ABANDONO DE UM SONHO...FAZENDA PORTO SEGURO NOS DIAS ATUAIS	140
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	153
6. REFERÊNCIAS	

INTRODUÇÃO

Para que não se desvanecesse no tempo a memória dos acontecimentos e dos homens.¹

Ao longo das nossas pesquisas para a elaboração desta dissertação nossa maior preocupação foi compreender a formação e manutenção de uma comunidade milenarista no Sertão do Moxotó, suas peculiaridades, seu cotidiano e como se deu a gestão deste mercado de bem religioso ao longo de vinte e três anos.

Para tanto procuramos fazer uma análise de seus diferentes aspectos (social, político, econômico, cultural, religioso), através de entrevistas com seus participantes pudemos apreender como era o funcionamento da comunidade, como se delineava seu dia-a-dia, qual a significação do líder para cada um deles. Buscamos através de fontes diversas narrar esta história de forma ampla e densa e, desta forma, enriquecer a historiografia acerca do movimento desencadeado na Fazenda Porto Seguro.

Contudo não nos restringimos apenas ao relato dos iniciados, tentamos, com o auxílio da bibliografia e da documentação existente trazer para estas páginas a voz de Cícero José de Farias, o Meu Rei, líder do movimento. Meu Rei deixou um vasto acervo documental, que perfazia seu código ético-religioso e que foi-nos de suma importância na nossa ambição de entender, nem que minimamente, quem foi esse homem que construiu toda uma nova estrutura sócio-político-religiosa para as cerca de 45 famílias que o seguiam.

Outra fonte importante em nosso estudo foi a dissertação de Carlos Buenos Ayres², que nos traz os relatos de Meu Rei sobre suas missões e revelações divinas o que enriqueceu sobremaneira nosso trabalho.

¹ HERODOTO. **Histórias - Livro I**. Lisboa: Edições 70, 2007.

² AYRES, Carlos Buenos. **Breus, serra onde Deus habita, berço de uma nova civilização: Um Movimento Messiânico – Milenarista em Gestão no Nordeste** (Buique – PE). Recife, Dissertação de Mestrado, UFPE, 1994.

Mas, para contar esta História, fez-se necessário escolher que caminhos da historiografia seguiríamos e optamos pela História Social, que diferentemente da visão de Marc Bloch que a via como uma mera depositaria das idéias e conclusões de outros ramos historiográficos e de outras ciências, seguimos a significação de História Social que Sylvana Brandão explicita em sua tese, **Triunfo da (Des)Razão: A Amazônia na Segunda Metade do Século XVIII**³:

[...] apoiando-se fartamente em dados fornecidos por outras áreas, a História Social reconsidera-os e ultrapassa-os, como refletiram Albert Soboul e Yves Lequim. A História Social busca a compreensão do *homem social*, os significados dos acontecimentos e processos históricos para este *homem social*, naturalmente levando em conta as condições derivadas das estruturas e das conjunturas e observações quando o novo emerge, quando a ruptura social se delineia, quando a desordem social se instaura e o que dela se recria. Para esta História é importante o *homem social em estado de ebulição*, reinventando suas formas de organização social.⁴

Através desta conceituação da História Social podemos situar perfeitamente o movimento liderado por Meu Rei, afinal, tal movimento gera uma ruptura com a sociedade vigente, desloca seus participantes de suas vidas cotidianas, daquilo que lhes é conhecido e íntimo, leva-os para caminhos nunca antes percorridos e lhes mostra um novo modo de vida, ou seja, (re)significa a ordem social reinventando suas formas de organização, onde a recompensa final seria a participação nas fileiras do *povo eleito de Deus* para repovoar a terra na chegada do terceiro milênio. Doravante eles não seriam mais apenas donas de casa, professores ou agricultores, eles seriam os *eleitos*.

Para além da História, utilizamos também, teóricos da Antropologia como Peter Berger⁵ e seu conceito de plausibilidade; Max Weber⁶ e sua teoria sobre o carisma e como se dá a formação do *profeta*; Pierre Bourdieu⁷ e suas teorias de

³ BRANDÃO, Sylvana. **Triunfo da (Des)Razão: A Amazônia na Segunda Metade do Século XVIII**. Recife, Tese de Doutorado, UFPE, 1999.

⁴ Ibidem, p. 13.

⁵ BERGER, Peter. **O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulus, 1985.

⁶ WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. V. 1. Brasília: UNB, 1982.

⁷ BOURDIEU, Pierre. **Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

bens simbólicos, campos e mercado; Émile Durkheim⁸ e sua visão acerca da religião, além da ferramenta da etnografia deveras importante para o aprofundamento de nossas pesquisas de campo.

A importância destas teorias em nossa pesquisa deveu-se à nossa necessidade de observar o fenômeno religioso através dos olhos de outra ciência além da História, perfazendo de nosso estudo um campo de análise interdisciplinar.

Tudo o que até agora foi relatado aqui encontra-se consubstanciado nos quatro capítulos que se seguem. Tendo em vista a imensa responsabilidade de compreender as teorias antropológicas e aplicá-las corretamente ao nosso estudo, dedicamos nosso primeiro capítulo **O PARAÍSO PERDIDO: UMA VISÃO ANTROPOLÓGICA DA RELIGIÃO** aos teóricos que nos serviram como base nessa nossa incursão nas sendas da Antropologia.

Foi ponto preponderante neste capítulo, a visão da Antropologia acerca da religião. Para tanto, buscamos nas teorias de Durkheim⁹, Bourdieu¹⁰, Weber¹¹ e Berger¹² os subsídios necessários para uma melhor compreensão do movimento desencadeado por Meu Rei na Serra dos Bréus, fazendo desta dissertação um trabalho de cunho interdisciplinar no qual buscamos congregar a ótica antropológica à histórica no concernente à movimentos que têm como centro catalisador a religiosidade.

No que se refere à Peter Berger¹³, sua teoria de plausibilidade foi-nos importante para compreendermos, através do viés antropológico, os requisitos que possibilitam a um movimento existir e permanecer durante um determinado tempo como algo plausível, algo *real*.

Em Max Weber¹⁴, através de seu conceito de carisma e da sua descrição de como surge um *profeta* e o que ele representa para a Igreja já constituída, tivemos

⁸ DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

⁹ Ibidem

¹⁰ BOURDIEU, Pierre. **Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

¹¹ WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. V. 1. Brasília: UNB, 1982.

¹² BERGER, Peter. **O Dossel Sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.

¹³ BERGER, Op. Cit.

¹⁴ WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. V. 1. Brasília: UNB, 1982.

uma explicação mais profunda sobre a significação da importância de Meu Rei para a Fazenda Porto Seguro e seus iniciados.

Pierre Bourdieu¹⁵ nos mostrou o que se faz necessário para a manutenção do campo e do mercado religioso, aspectos estes que Meu Rei dominou ao longo de vinte e três anos.

Durkheim¹⁶ nos apresentou a um outro viés da análise antropológica da religião, visão que diverge da de Max Weber, pois o primeiro vê o fenômeno religioso como parte integrante e atrelada à conjuntura social, enquanto que o segundo percebe a religião como um ente social pulsante e que pode ser analisado individualmente.

Não conseguiríamos neste curto espaço reconstruir todos os conceitos antropológicos acerca da religião, portanto optamos por estes autores específicos e ao longo do texto restringimos suas teorias à tópicos específicos que se aplicam diretamente ao nosso objeto de pesquisa.

No nosso segundo capítulo **A NOVA JERUSALÉM, CENTRO DO MUNDO: MOVIMENTOS MESSIÂNICO-MILENARES, UM BALANÇO HISTORIOGRÁFICO**, buscamos traçar as origens dos movimentos de cunho messiânico-milenares, o quais remota à Antiguidade Judaico-Cristã. Para que isso fosse possível utilizamos as teorias de Norman Cohn¹⁷ e Jean Delumeau¹⁸. No que se refere ao movimento milenarista europeu que desemboca em solo brasileiro, o *Sebastianismo*, se buscou em Ana Megiani¹⁹ e Maria Isaura Pereira de Queiroz²⁰, suas origens e desdobramentos em terras brasileiras, à procura de compreender melhor sua posição primordial na fundamentação do movimento da Serra dos Bréus.

O que pudemos observar ao longo de nossas pesquisas é que a grande incidência de movimentos de cunho messiânico-milenar deu-se na Europa do

¹⁵ BOURDIEU, Pierre. **Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

¹⁶ DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

¹⁷ COHN, Norman. **Cosmos, Caos e o Mundo que Virá**: As Origens das Crenças no Apocalipse. Trad. Claudio Marcondes. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

¹⁸ DELUMEAU, Jean. **Mil Anos de Felicidade**: Uma Breve História do Paraíso. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

¹⁹ MEGIANI, Ana Paula Torres. **O Jovem Rei Encantado**: expectativas do messianismo régio em Portugal, séculos XII a XVI. São Paulo: Hucitec, 2003.

²⁰ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Messianismo no Brasil e no Mundo**. São Paulo: Dominus/EDUSP, 1965.

medieval²¹. Segundo Norman Cohn²² e Jean Delumeau²³, isso se deveu à expectativa do homem medieval na volta iminente de Jesus Cristo, a chamada Parusia²⁴. Além disso, segundo os autores, outros fatores que consubstanciaram essa proliferação deste tipo de movimento foram a organização estamental da sociedade, a miséria dos servos, os movimentos das Cruzadas e as Invasões Islâmicas.²⁵

Contudo, este tipo de movimento não ficou restrito apenas à Idade Média, a pesar de neste período ter se proliferado em maior quantidade. As crenças nos movimentos messiânico-milenares atravessam o Atlântico e deságuam em terras brasileiras através dos colonizadores portugueses e, no século XIX eclodem movimentos imbuídos de uma roupagem ibérica mas com caracteres brasileiros bem peculiares. A maior expressão dos movimentos messiânico-milenares do Brasil do século XIX²⁶ foi o movimento liderado por Antônio Conselheiro, no Sertão baiano.

O movimento conselheirista provocou uma grande mobilização sócio-política na recém proclamada República. Tal movimento sócio-religioso levou os líderes republicanos a uma brutal retaliação ao Arraial de Canudos. Tendo em vista que Antônio Conselheiro proclamava a volta de D. Sebastião²⁷ e seus cavaleiros do além-mar para libertá-los do grilhão republicano, era necessário que se eliminasse tal resistência ao novo regime político brasileiro.

²¹ ²¹ Os Movimentos Medievais Europeus são: o Movimento dos Flagelantes que ocorre entre os séculos XIII e XIV; Movimento Joaquimista (Joaquim de Fiore) que dividia a história em três idades: a Idade do Pai, a do Filho e do Espírito Santo; O Imperador Frederico II como o Imperador dos últimos Dias; O Movimento dos Espirituais; entre outros. In. COHN, Norman, **Na Senda do Milênio: Milenaristas Revolucionários e Anarquistas Místicos da Idade Média**. Lisboa: Presença, 1970.

²² COHN, Op. Cit.

²³ DELUMEAU, Jean. **Mil Anos de Felicidade: Uma Breve História do Paraíso**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

²⁴ Palavra que designa a espera *messiânica* na volta de Jesus Cristo para a instauração do *Reino Milenar* e ao findar destes mil anos a chegada do *Juízo Final*.

²⁵ Todos estes fatores de tensão social parecem ter papel importante na proliferação de movimentos de cunho milenarista. In: COHN, Norman. **Na Senda do Milênio: Milenaristas Revolucionários e Anarquistas Místicos da Idade Média**. Lisboa: Presença, 1970.

²⁶ Movimentos Messiânico-Milenares Brasileiros no século XIX: Pedra Bonita, Cidade do Paraíso Terrestre, Contestado e Canudos. In. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O Messianismo no Brasil e no Mundo**. São Paulo: Dominus/EDUSP, 1965.

²⁷ Antônio Conselheiro era um apaixonado pela Igreja Católica e, pelo fato do Regime Republicano ter tirado parte do poderio da Igreja (como a secularização dos cemitérios, a instituição do casamento civil como o legalmente válido, entre outros), ele declarava que quando da Monarquia era melhor, pois, a Igreja detinha todo o poder sobre os homens, daí sua proclamação da *volta* de D. Sebastião como alusão à retomada do poder Católico. In. NOGUEIRA, Ataliba. **Antônio Conselheiro e Canudos: Revisão Histórica**. São Paulo: Atlas, 1997.

O movimento de Canudos é visto como uma das mais violentas guerras ocorridas em terras brasileiras, podendo-se dizer que foi um ataque brutal aos sertanejos e a sua resistência indomável.²⁸

Nas diversas abordagens acerca do movimento de Conselheiro, o mesmo não teria se restringido ao seu tempo e espaço específicos, mas se desdobrou em embates de distintas perspectivas. E, acreditamos, espelhando-se na espera messiânica também encontrada no movimento conselheirista, o movimento na Serra dos Breus, em Buíque, em pleno século XX, surge quase cem anos após o desmembramento do sonho construído no Sertão baiano.

Ao longo de todo o segundo capítulo procuramos traçar um panorama, que se guiou de forma linear em sua temporalidade, dos movimentos messiânico-milenares desde suas origens até o ocaso do século XX.

Nosso terceiro capítulo **O PROFETA PERNAMBUCANO DE DEUS: MEU REI E A CONSTRUÇÃO DO PARAÍSO** procuramos trazer uma análise detalhada sobre a figura de Meu Rei, suas peregrinações, suas missões, os desdobramentos de sua fundamentação teológica e sua significação no ambiente sócio-cultural e político da vida da Porto Seguro.

Para além da fundamentação teórica, nossa pesquisa só pode ser concluída através da realização de pesquisas de campo, pois a bibliografia específica acerca da comunidade da Fazenda Porto Seguro limita-se apenas à dissertações de mestrado, uma de Carlos Buenos Ayres²⁹ e outra de Renata da Silva Severino³⁰, e nossa monografia³¹, podemos considerar, portanto, que o mesmo seja um movimento histórico pouco conhecido no âmbito acadêmico e pouco estudado, deixando lacunas muitas ainda a serem preenchidas. Para tanto, empreendemos

²⁸ Existe uma vasta bibliografia acerca da Guerra de Canudos, entre eles podemos destacar: SILVA, Rogério Souza. **Antônio Conselheiro**: a fronteira entre a civilização e a barbárie. São Paulo: Annablume, 2001; ALMEIDA Erickson de. **Canudos**: a trama político - religiosa e os militares. Paraná: Almeida, 2000; MOURA, Clóvis. **Sociologia política da guerra camponesa de Canudos**: da destruição do Belo Monte ao aparecimento do MST. São Paulo: Expressão Popular, 2000; NOGUEIRA, Ataliba. **Antônio Conselheiro e Canudos**: Revisão Histórica. São Paulo: Atlas, 1997.

²⁹ AYRES, Carlos Buenos. . **Breus, serra onde Deus habita, berço de uma nova civilização**: Um Movimento Messiânico – Milenarista em Gestão no Nordeste (Buique – PE). Recife, Dissertação de Mestrado, UFPE, 1994.

³⁰ SEVERINO, Renata da Silva. **“Meu Rei” e sua “Comunidade Metafísica e Teológica início de um Reinado”, no Vale do Catimbau, Pernambuco**. Dissertação de Mestrado, UNICAP, 2008.

³¹ QUIRINO, Priscilla P. **MEU REI: a imortalidade no Sertão do Moxotó. Serra dos Bréus, Buíque – PE, séculos XIX-XX**. Recife: UFPE, Monografia, 2008.

viagens de pesquisa de campo às localidades de Arcoverde/Buíque/Serras dos Bréus, entre outubro de 2006 e outubro de 2010.

Em outubro de 2006 fomos pela primeira vez ao município de Buíque em busca dos iniciados da Fazenda Porto Seguro. Lá encontramos o senhor Edvaldo Bezerra, que foi a primeira pessoa a ser entrevistada por nós. Nesse primeiro momento passamos cerca de quinze dias entre as cidades de Arcoverde/Buíque pesquisando na biblioteca da AESA (Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde) e em alguns acervos particulares.

Nossa segunda ida à região do Moxotó deu-se em janeiro de 2007, e durou cerca de vinte dias. Durante esse segundo momento nos encontramos com o filho de Meu Rei, Jesus José de Farias, que nos concedeu uma longa entrevista e nos forneceu documentação concernente à comunidade, dentre as quais algumas cédulas da moeda Talento. Nesse mesmo dia entrevistamos sua esposa Emanuela Caetano, que além de ser nora de Meu Rei, nasceu e foi criada na comunidade, tendo sido sua mãe uma das mais fervorosas seguidoras de Meu Rei.³²

Nossa terceira viagem de pesquisa deu-se já no mestrado. No sábado, 14 de agosto de 2010, saímos de Recife em direção à Arcoverde. Durante a viagem sentou-se ao nosso lado uma freira de nome Irmã Rose que ao longo do percurso, no meio de nossa conversa, nos informou que conheceu a irmã de Meu Rei e que a mesma era freira, chamava-se Irmã Apolónia.

Na terça-feira, dia 17 de agosto de 2010, saímos da cidade de Arcoverde rumo à Buíque. Quando lá chegamos nos dirigimos à casa paroquial da Igreja Matriz e lá entrevistamos a Sra. Maria Martins, originária de Alagoas, e uma das iniciadas da comunidade de Meu Rei. Ao findar a entrevista com a Sra. Martins, encaminhamo-nos para uma lanhouse próxima à Matriz, de propriedade do Sr. Jesus Amorim outro iniciado da Fazenda Porto Seguro, que também nos concedeu entrevista. Ao longo daquela semana entrevistamos ainda o Sr. Salomão de Farias, sobrinho de Meu Rei, e, novamente, o Sr. Edvaldo Bezerra.

³² Estas duas primeiras idas à Arcoverde/Buíque deu-se no período da elaboração de nossa monografia de conclusão de curso, defendida em janeiro de 2008.

Voltaríamos à Buíque mais uma vez. Entre os dias 07 e 28 de outubro de 2010 ficamos ininterruptamente na Fazenda Porto Seguro participando do dia-a-dia das pessoas que lá ainda residem. Na comunidade tivemos acesso à uma vasta gama documental, além da realização de entrevistas com todos os remanescentes (Guilherme, Ismael, Maria do Carmo, Maria Helena, Marluce, Maria Monteiro, Maria Duarte, Aninha, Dadá, Neném, Raquel de Farias), entre outras. Além disso, voltamos a pesquisar na biblioteca da AESA e no IBGE; pesquisamos, pela primeira vez, no Arquivo Particular da Fazenda Porto Seguro, no Arquivo Pessoal da Sra. Maria do Carmo e no Arquivo Pessoal da Sra. Dadá. E realizamos, também, um trabalho etnográfico na comunidade. Durante nossa pesquisa de campo, chegou à Fazenda um grupo de romeiros alagoanos em busca de Meu Rei e sua “água milagrosa”; todos eram devotos de Padre Cícero e compararam bastante este com Meu Rei.

No quarto capítulo **A FAZENDA PORTO SEGURO, O NOVO JARDIM DAS DELÍCIAS: DO ANO DE 1999 AO OCASO DA PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XXI**, procuramos traçar o panorama atual da comunidade. Utilizamos da etnografia para descrever as condições em que ela se encontra após o falecimento de Meu Rei e a deserção de mais de 90% dos iniciados.

Inserimos iconografias que retratam bem o abandono em que se vê mergulhada a Fazenda Porto Seguro e buscamos narra os conflitos que lá ocorreram após a morte de Meu Rei no concernente à questão das terras da Fazenda.

O que nós ambicionamos com este trabalho, foi que muitos e importantes pontos tenham sido abordados nestas páginas, contudo, muito ainda falta a ser pesquisado acerca deste movimento que se apresenta como um dos caminhos no (re)encanto da religiosidade tão forte nos dias atuais.

CAPÍTULO I

O PARAÍSO PERDIDO: UMA VISÃO ANTROPOLÓGICA DA RELIGIÃO

[...] Não há religiões falsas. Todas são verdadeiras a seu modo: todas correspondem, ainda que de maneiras diferentes, a condições dadas da existência humana.³³

1.1. DURKHEIM E AS FORMAS DA VIDA RELIGIOSA...

Ao longo de nossas pesquisas, sentimos a necessidade de analisar a *Religião* pela ótica de uma outra ciência, para tanto, fomos buscar na Antropologia conceitos como *carisma*, *profeta*, *plausibilidade* e *etnografia* para compor com a História Social o arcabouço teórico desta dissertação, enriquecendo nossa escrita e aprofundando nossas observações de campo.

O que procuramos fazer nesse capítulo foi uma análise teórica de alguns expoentes da Antropologia que nos foram basilares ao longo de nossas pesquisas, tais como Émile Durkheim, Pierre Bourdieu, Peter Berger e Max Weber. Buscamos, desta feita, apresentar os pontos de suas teorias que nos guiaram na melhor compreensão de nosso objeto de estudo, tentando ao longo do capítulo mostrar as divergências e similitudes entre suas visões acerca do fenômeno religioso.

Todavia, devemos deixar claro aqui, que apesar de utilizarmos as teorias das Ciências Sociais e Antropologia, fazendo desta dissertação um trabalho interdisciplinar, ainda sim, configura-se, predominantemente, um compêndio histórico.

³³ DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. VII.

Procuramos nas linhas dos escritos de Émile Durkheim, os elementos do que seria e como se compunha a vida religiosa. Através das páginas de sua obra “**As Formas Elementares da Vida Religiosa**”³⁴ compreendemos que a diversidade de interesses sociais particulares reduziria os alicerces da moral, impedindo assim a integração social pelo simples fato de não existir o consenso. Para o autor, a integração social estaria baseada na adaptação do indivíduo à viver de acordo com as regras já estabelecidas por instituições como a família, a religião (Igreja), o Estado e, neste último, o poder jurídico que seria a exterioridade moral.

Para Durkheim, no primado ontológico que é a sociedade, a existência da vida religiosa faz dela uma força engendradora de um arcabouço social naquilo que é essencial na vida humana, pois, “não existe religião que seja uma cosmologia ao mesmo tempo em que uma especulação sobre o divino”³⁵, para o autor essa visão cósmica do mundo redigida pela religião na reflexão teria enriquecido o espírito humano previamente formado e, ao mesmo tempo, contribuído também para fomentá-lo, afinal, “*os homens não lhe deveram apenas uma notável parcela de seus conhecimentos, mas também a forma segundo a qual esses conhecimentos são elaborados*”³⁶.

Na sua análise sobre a religião, Durkheim introduz uma visão cósmica do mundo, elabora uma divisão de fenômenos sagrados e profanos a qual seria uma criação humana e não uma transcendência de uma divindade.

Com base em sua teoria, do sagrado se ergueriam as crenças, os ritos e os símbolos que seriam, ao mesmo tempo, distinções para com os fenômenos profanos e garantiriam a renovação e manutenção do sagrado através dos procedimentos e práticas no intuito de estabelecer relações de coordenação e submissão.

Na sua visão de ‘coisas’ sagradas, estariam incluídas as determinações do proibido e as crenças, ritos e símbolos – *orientações e procedimentos* – conduziriam as consciências no sentido de formar uma *comunidade moral* que se confundiria com a própria sociedade, uma vez que o sagrado surge da força coletiva e impessoal sendo uma representação da própria sociedade.

³⁴ DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

³⁵ Ibidem, p. 211.

³⁶ Ibid, p. 211.

Essa força coletiva se sobreporia às consciências individuais, tendo em vista que, como a própria sociedade, a religião só poderia ser uma criação do coletivo uma vez que, para Durkheim, não existiria uma “religião individual” ou “particular”.

Para Durkheim,

[...] A religião é a imagem da sociedade: reflete todos os seus aspectos, mesmo os mais vulgares e repugnantes. Tudo se reencontra nela e se, freqüentemente, se vê o bem subjugar o mal, a vida a morte, as potências da luz as potências das trevas, é porque não ocorre diferentemente na realidade. Pois, se a relação entre estas forças fossem contrárias, a vida seria impossível [...].³⁷

Podemos aferir, que se a religião é uma imagem da sociedade, então ela seria imaginada, ou melhor, idealizada. Contudo, o autor nos dirá que se a religião fosse apenas fruto de idealizações, se suas raízes não estivessem solidamente assentadas na realidade, não teria resistido ao tempo e tornar-se-ia irreal, sem qualquer ressonância ou relação. Ou seja, se a religião surge e se renova em situações de efervescência, então seu processo criativo está, indubitavelmente, radicado no real. O sagrado, neste contexto, seria a possibilidade de ser acrescentado no real. Seria pelo fato de ter uma expressão do real que a religião teria algo de eterno, uma vez que ela conservaria e reforçaria (através de suas crenças, ritos e símbolos) os sentimentos coletivos e as idéias coletivas que refletiriam os sentimentos e idéias da própria sociedade.

De forma um tanto quanto antagônica, Max Weber em sua teoria sociológica da religião, vai negar a visão durkheiminiana de sociedade consensual e de consciência coletiva como formas de preservar e manter a ordem e a moral sociais, mostrando que pode sim existir uma consciência individual dentro de regras, leis e ritos.

³⁷ DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 225.

1.2. PIERRE BOURDIEU E SUAS TROCAS SIMBÓLICAS...

Ao estudarmos as teorias de Pierre Bourdieu, percebemos que existe muito mais em torno do fenômeno religioso do que os escritos de Durkheim nos deixa observar. Através da ótica de Bourdieu, com seus campos de atuação, seus capitais (principalmente o simbólico), seus hábitos e toda a estrutura que ele monta para explicar como tal fenômeno se configura em seus diversos níveis, compreendemos que a *religião* é muito mais complexa e profunda do que supúnhamos. No que se refere ao nosso objeto de estudo, uma comunidade de cunho milenar no Sertão do estado de Pernambuco, compreendemos, através das teorias de Bourdieu e Weber, que o líder de tal movimento, Meu Rei, soube perfeitamente utilizar-se do seu carisma natural para manter sua imagem de profeta e consolidar seu mercado de bens simbólicos.

No que se refere à religião, Pierre Bourdieu³⁸ nos diz que a mesma contribuiria para a imposição (*dissimulada*) dos princípios de estruturação da percepção e do pensamento do mundo e, em particular, do mundo social, na medida em que impõem um sistema de práticas e de representações cuja estrutura objetivamente fundada em um princípio de divisão política apresenta-se como a estrutura natural-sobrenatural do cosmos.

Para Bourdieu, a tentativa de compreender o processo de sistematização e de moralização da sociedade como sendo o efeito direto e imediato das transformações econômicas e sociais, seria ignorar que a eficácia própria destas transformações limitar-se-ia a tornar possível, por uma espécie de dupla negação, a constituição progressiva de um *campo religioso*³⁹ relativamente autônomo.

³⁸ BOURDIEU, Pierre. **Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

³⁹ Segundo Bourdieu, a sociedade é um conjunto de campos sociais, mais ou menos autônomos, atravessados por lutas entre classes: “*Em termos analíticos, um campo pode ser definido como uma rede ou uma configuração de relações objetivas entre posições. Essas posições são definidas objetivamente em suas existências e nas determinações que elas impõem aos seus ocupantes, agentes ou instituições, por sua situação atual e potencial na estrutura da distribuição das diferentes espécies de poder cuja posse comanda o acesso aos lucros específicos que estão em jogo no campo e, ao mesmo tempo, por suas relações objetivas com as outras posições (dominação, subordinação, homologia, etc.)*”. Ou seja, um campo pode se conceber como um *mercado*, com produtores e consumidores de bens. Os produtores, indivíduos dotados de capitais específicos, se enfrentam. A razão de tal luta é a acumulação da forma de capital que garante a dominação do campo. O capital aparece então, ao mesmo tempo, como meio e como fim. Os campos não são espaços com fronteiras estritamente delimitadas, totalmente autônomos. Eles se articulam entre si. Por outro lado, a posição dos agentes sociais num campo é

O autor nos diz ainda, que a autonomia do campo religioso afirma-se na tendência dos especialistas de fecharem-se na referência autárquica ao saber religioso já acumulado e no esoterismo de uma produção quase acumulativa de início destinada aos produtores da religião.

Na ótica de Bourdieu, na qualidade de sistema simbólico estruturado, a religião funcionaria como princípio de estruturação que:

1) constrói a experiência em termos de *lógica em estado prático*, condição impensada de qualquer pensamento, e em termos de *problemática implícita*, ou seja, de um sistema de questões indiscutíveis delimitando o campo do que merece ser discutido em oposição ao que está fora de discussão; 2) graças ao efeito de *consagração* realizado pelo simples fato da *explicitação*, consegue submeter o sistema de disposições em relação ao mundo natural e ao mundo social a uma *mudança de natureza*, em especial convertendo o *ethos*⁴⁰ enquanto sistema de esquemas implícitos de ação e de apreciação em *ética* enquanto conjunto sistematizado e racionalizado de normas explícitas.⁴¹

dependente da posição destes no espaço social: existe uma homologia entre a estrutura social e os campos sociais. Conseqüentemente, cada campo, embora possuindo a sua própria lógica e uma relativa autonomia, é atravessado por clivagens idênticas àquelas que opõem as diferentes classes. Todo campo, enquanto produto histórico gera o interesse que é a condição do seu funcionamento. Isto é verdade para o próprio campo econômico, que, enquanto espaço relativamente autônomo, obedecendo às suas leis próprias, dotado da sua axiomática específica, ligado a uma história original, produz uma forma particular de interesse, que é um caso particular do universo das formas de interesse possíveis. In: BOURDIEU, Pierre. **Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

⁴⁰ O *ethos* é o ponto de partida para a compreensão do que funda o "humanum", ou seja, ele é como que o alicerce que sustenta o humano como fonte borbulhante e dinâmica, não estática, o *ethos* está na origem das normas e da própria diversidade das culturas e religiões. Vemo-lo como a marca primeira do criador impressa nos seres humanos. O ser humano, no seu dia-a-dia sente a necessidade de organizar a sua vida. Isto compreende as relações fundamentais do ser humano: a si mesmo, o mundo, o outro e a transcendência. A cada dia apresenta-se um novo e diferente desafio, e, é próprio do ser humano dar a resposta adequada conforme o lugar, tempo, costumes, etc. Cada grupo, aos poucos, cria um modo próprio habitual de compreender o mundo, isto é, *ethos*. *Ethos*, sua etimologia é grega. *Ethos* designa costume, ou "moradia, o lugar onde se vive", o caráter, o modo de ser no mundo, a origem dos valores, as normas que estruturam uma civilização, um povo, de um grupo social ou simplesmente, de um indivíduo. O *ethos* emerge em um mundo cultural, de um grupo, num período da história. As pessoas, no dia-a-dia diante das coisas adquirem hábitos, atitudes, modo de agir, e dão significados às coisas e atos. Isto constitui uma maneira de ser e de habitar o mundo. O *ethos* é a maneira como cada homem e cada cultura vivem o ser. Se há história do homem, há também história do *ethos*. O *ethos* é o lugar onde elaboram-se os costumes, moral, etc.; de lá também emana todo o mundo simbólico, mítico, os valores que sustentam a vida de uma povo. O *ethos* está na raiz de cada cultura, de cada ser humano em particular, portanto, precede a qualquer regulamentação ou norma moral instituída. In: AGOSTINI, N. **Ética e Evangelização**. São Paulo: Vozes, 1993. ; LAMPE, A. (Org.). **Enrique Dussel, Ética e a Filosofia da Libertação**. São Paulo: Vozes, 1995.

⁴¹ BOURDIEU, Pierre. **Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 46.

A religião, então, exerceria um efeito de consagração sob duas modalidades:

1) através de suas sanções santificantes, converte em limites legais os limites e as barreiras econômicas e políticas efetivas e, em particular, contribui para a manipulação simbólica das aspirações que tende a assegurar o ajustamento das esperanças vividas às oportunidades objetivas; 2) inculca um sistema de práticas e de representações consagradas cuja estrutura reproduz sob uma forma transfigurada, e portanto irreconhecível, a estrutura das relações econômicas e sociais vigentes em uma determinada formação social e que só consegue produzir a objetividade que produz ao produzir o desconhecimento dos limites do conhecimento que torna possível, e ao contribuir para o reforço simbólico de suas sanções aos limites e às barreiras lógicas e gnosiológicas impostas por um tipo determinado de condições materiais de existência.⁴²

Como já foi abordado aqui, o fato religioso revela, através dos símbolos sagrados, a síntese do *ethos* de uma determinada comunidade. As disposições morais, mesmo as estéticas e o próprio devir da existência fazem parte da visão de mundo congeminaada pela religião.

1.3. O PRINCÍPIO DA ANOMIA E O CONCEITO DE TEODICÉIA...

Ao tentarmos compreender de forma mais profícua a religião não podemos desassociá-la do contexto social no qual a mesma encontra-se inserida. No decorrer de nossas leituras percebemos que a religião se configura como uma das principais molas da engrenagem social, pois, o conjunto das crenças, ritos e estruturas dos diferentes grupos religiosos estão presentes em praticamente todas as sociedades.

É certo que existem controvérsias entre as diferentes ciências e suas convicções particulares, contudo, o que podemos perceber ao longo de nossas análises é que existe um determinado consenso entre elas no que se refere ao fato de que, para poder-se pretender um estudo sobre o ser humano e seus

⁴²BOURDIEU, Pierre. **Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 46.

comportamentos, tem-se que se voltar à exploração da religião, ou melhor, do fenômeno religioso, como ponto central de tal análise.

Em sua maioria, os estudos sobre a religião baseiam-se no trabalho desenvolvido por Émile Durkheim acerca do processo de *anomia*, segundo o qual todo o contexto de formação da consciência coletiva resultaria num dos motivos da formação do sonho utópico do *paraíso perdido*.

Nessa visão sociológica, nas situações de indecisão, anomia ou transição, emergiriam personagens, de certa forma, equilibrados que captariam e expressariam sentimentos reprimidos presentes em um determinado grupo social. **Tais personagens funcionariam como espécies de catalisadores de esperanças e medos, cujos significados latentes teriam sido embotados pela mente humana.**

Segundo Durkheim, o comportamento do ser humano só poderia ser justificado através do contexto social e, o fator espiritual seria preponderante para se refletir sobre as mudanças necessárias e as crenças, tendo em vista que a religião seria a base de todo comportamento humano.⁴³

Existiriam, na sociedade, grupos ditos marginalizados, por não seguirem alguns contextos sociais, por não se enquadrarem em determinados padrões pré-definidos pela sociedade *dominante*.

Desta forma, a sociedade dominante excluiria o grupo marginalizado por vários motivos, mas, segundo a sociologia, os principais seriam sempre os políticos e os econômicos. O grupo marginalizado entraria assim em *anomia*, isto é, perderia os valores que tinha até então, não sendo mais capaz de receber o novo e o diferente, não estando mais aberto às coisas novas. Por isso, os membros deste grupo se apegariam às coisas mais antigas que de certa forma lhe dão alguma segurança no cotidiano conturbado pelo novo que vem de fora acompanhado pela incerteza do futuro.

A partir do momento que se sentem desprotegidos, os grupos marginalizados agarrar-se-iam a uma centelha de esperança e, seria nesse momento que surgiria a figura do *carismático*, a figura de um líder que usaria toda sua racionalidade para

⁴³ DURKHEIM, Émile. **Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 392.

que seus adeptos lhe concedam a legitimidade social. No imaginário popular, ele seria o *enviado*, o *iluminado* e, o grupo esperaria dele as respostas para suas angústias e desesperanças. Para o grupo excluído, esse líder sempre sabe mais e é quem melhor lida com os problemas que surgem.

Desse processo de exclusão e desamparo é que surge a figura do *messias*. A idéia de *messias* se vincularia à crença de que o *líder* é um enviado divino e que esse enviado traria aos seres humanos a felicidade terreal. É a atividade de todo um grupo de excluídos, que obedece às ordens do enviado divino com objetivo de instalar o paraíso na terra, que permite a construção do movimento messiânico. Para esse grupo de excluídos, o carismático está acima do bem e do mal.

No entendimento primário do grupo excluído, onde estão firmados os prosélitos, esse líder vem ratificar o afã de liberdade com ânsia de salvação terrena. A função profana das chamadas religiões populares tende a devotar resoluções de crises existenciais concretas determinadas pela dinâmica histórica, função que consiste em restauração de formas adequadas de redenção mítico-ritual.

O considerado enviado divino faz renascer o mito do paraíso perdido e promete a regeneração do mundo aqui e agora. Cria como solução auto-subsistente baseada em uma ordem profética de solidariedade, cooperativismo e, na reação contra o inimigo comum que são seus opressores, quase sempre a sociedade dominante. O mito exprime o reclamo de uma época de liberdade e bem estar, contra o estado atual de opressão e de miséria.⁴⁴

Dentro desta visão se enquadra a comunidade de Meu Rei, pois nos relatos dos participantes, os mesmos sentiam-se excluídos de alguma forma da sociedade maior e ao seguir Meu Rei estavam em busca de um lugar próprio na engrenagem social. Ao se afastarem da sociedade 'global' e adentrarem em um mundo socialmente 'particular', davam ao líder o status de 'messias', 'profeta' e 'rei'.

O movimento, tido como profético, consistiria na libertação em relação aos opressores e na aquisição de um padrão de vida mais alto. Este tipo de movimento é aguçado pelo encontro dos grupos marginalizados com a situação recém chegada, que, geralmente, traz consigo uma cultura desconhecida e instrumentos

⁴⁴ WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. V. 1. Brasília: UNB, 1982, p. 112.

extraordinários de supremacia. No momento mesmo em que nasce, ou no momento em que re-elabora o mito do fim do mundo, o movimento profético se encarrega de uma atualidade e de uma concretude que lhe é dada pelo rito correspondente. De fato, toda coletividade, entra, por assim dizer, no fim do mundo. A coletividade sai ritualmente da história, da ordem, numa atmosfera de exaltação religiosa que através da cessação de toda atividade econômica costumeira e na expectativa do renascimento cósmico realiza, a seu modo, aquele mito.

Contudo, é-nos necessário percebermos como a concepção de *criação do mundo* dá-se através da religião, antes de aprofundarmos as questões em torno dos *líderes carismáticos* que, em seu papel de profetas dissidentes da Igreja constituída constroem universos simbólicos que disputam espaços com o já *tradicionalmente* constituído. Para isso buscamos em Pierre Bourdieu⁴⁵, Peter Berger e Max Weber as diferentes visões do conceito de *teodicéia*.

As teorias de Pierre Bourdieu baseiam-se em três concepções dos autores clássicos. De Durkheim, Bourdieu utiliza a concepção da origem social da religião, ou seja, a religião como um fato social; de Marx, ele considera a realidade das classes sociais como grupos organizadores da vida social; e, de Weber utiliza a concepção de ação social religiosamente orientada, ou seja, os indivíduos atuam por princípios religiosos. Assim, para Bourdieu os interesses religiosos dos indivíduos têm um sentido vago e somente ganham conteúdo sociológico quando postos em relação à realidade social.

Desta forma, para Bourdieu, a religião cumpriria funções sociais. Os leigos não esperariam da religião apenas as justificativas para a existência, a qual se supunha capaz de livrá-los da angústia existencial, de doenças, sofrimento e morte, mas contam com ela para que *“lhes forneça justificações de existir em uma posição social determinada [...] com todas as propriedades que lhes são socialmente inerentes”*.⁴⁶

Bourdieu nos diz que, para Max Weber, a interrogação sobre o sentido da existência humana e da origem do mal somente tem interesse para as classes privilegiadas, que estariam sempre em busca de uma “teodicéia de sua boa sorte”.

⁴⁵ BOURDIEU, Pierre. **Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

⁴⁶ Ibidem, p. 48.

Para Bourdieu, tal questão, “*constitui uma interrogação social a respeito das causas e razões das injustiças e privilégios sociais*”.⁴⁷ Ou seja, para ele a *teodicéia* do ponto de vista da situação concreta vivida pelas pessoas é uma ‘*sociodicéia*’. Tem-se assim, uma importante diferença entre Bourdieu e Weber. O primeiro aborda a religião a partir dos interesses materiais, enquanto Weber parte dos interesses materiais e ideais.

Para Bourdieu, a questão da salvação pessoal e da existência do mal,

seriam produzidas e manipuladas através de diferentes métodos [...] têm como condição social de possibilidade um desenvolvimento do interesse pelos problemas de consciência e um aumento da sensibilidade pelas misérias da condição humana o que só se torna viável a partir de um tipo determinado de condições materiais de existência.⁴⁸

Exemplo disso seria a representação do Paraíso como lugar de uma felicidade individual que se opõe à esperança milenarista de uma subversão da ordem social presente na fé popular.

Poderíamos afirmar então que, para Bourdieu, uma relação direta entre as teorias religiosas e as condições materiais de existência e posições sociais, onde se desenvolvem dois tipos opostos de representações transfiguradas da ordem social e de seu futuro. Ou seja, para o autor o interesse religioso teria por princípio a necessidade de legitimação das propriedades e de posição na estrutura social. As funções sociais desempenhadas pela religião em favor de um grupo ou de uma classe, seriam diferentes de acordo com a posição que este grupo ou classe ocupa na estrutura das relações de classe e na divisão do trabalho religioso.

Para Peter Berger⁴⁹, assim como Pierre Bourdieu, a religião possuiria o caráter de *legitimação* da ordem social. Porém, diferente de Bourdieu, no qual a religião oculta o caráter de dominação social de uma classe sobre a outra, para Berger a religião remeteria a um “*cosmos*” sobrenaturalizado, num processo de *ocultamento*, de “*alienação*”; ou seja, o não reconhecimento do caráter humano da criação da sociedade.

⁴⁷ BOURDIEU, Pierre. **Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 49.

⁴⁸ Ibidem, p. 49.

⁴⁹ BERGER, Peter. **O Dossel Sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.

É neste sentido que Berger nos afirma que a religião seria legitimadora. O *mundo social* é chamado por ele de *nomos* e seria um reflexo microscópico do “*cosmos*”. Em termos religiosos o *nomos* seria a ordem sagrada que se reafirma frente ao *caos*.

A nominização seria a função da sociedade em dar sentido à realidade humana, tendo em vista o *cosmos*, em oposição à anomia, ou *caos*, que seria os fenômenos do sofrimento, o mal e a morte, partes da experiência individual e coletiva. O papel decisivo da religião como legitimação do mundo social, é explicável por sua capacidade única de colocar os fenômenos humanos dentro de um marco de referência cósmico.⁵⁰

A religião seria, dessa forma, para Berger, “uma empresa humana” pela qual se “estabelece um *cosmos* sagrado” e a qual teria um papel estratégico para “construir mundos”, e dar a todo o universo um significado humano.

A teodicéia, nesse sentido, seria “*uma explicação dos fenômenos anômicos em termos de legitimações religiosas, seja qual for seu grau de complexidade teórica*”.⁵¹

Berger diferencia as teodicéias, partindo da tipologia weberiana, em graus de racionalidade. Ou seja, que possam explicar de maneira coerente e sólida os fenômenos anômicos em termos de uma concepção totalizante do universo. Para o autor em todos os tipos de teodicéia há subjacente uma atitude “irracional”, que seria *a redenção do eu ao poder ordenador da sociedade*.

Para Berger, a teodicéia afetaria de maneira direta o indivíduo e sua vida concreta dentro da sociedade, e, brindaria primeiro os indivíduos não com o alívio dos seus infortúnios, mas sim, com o “significado” e o “porque” deles. O autor afirma ainda que não devemos considerar as teodicéias somente em termos de seu potencial “redentor”, pois, algumas não conteriam nenhuma promessa de redenção. No entanto, em concordância com Weber e Bourdieu, afirma que “*uma das funções*

⁵⁰ BERGER, Peter. **O Dossel Sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985, p. 26.

⁵¹ Ibidem, p. 71.

*sociais das teodicéias é, na verdade, sua explicação das desigualdades sociais prevalentes enquanto a poder e privilégio”.*⁵²

Em relação à tipologia weberiana da teodicéia, Berger os apresenta dentro de um contínuo que vai do irracional ao racional.

1. Irracional: a transcendência simples do eu que origina a completa identificação com a coletividade. 12 Pode ter um caráter masoquista, mas não necessariamente. Não há indivíduo radicalmente distinto de sua coletividade. O seu ser mais íntimo é o clã, a tribo, e o seu pertencimento ao coletivo. Essa fusão é felicidade ou infortúnio, no qual o indivíduo não pode negar a menos que negue seu próprio ser. Conseqüência desta teodicéia: os infortúnios da vida do indivíduo, incluindo morrer, se debilitam em seu impacto anômico, ao serem concebidos como meros episódios da história comum da coletividade com a qual o indivíduo se identifica, o que possibilita menor anomia social. A coletividade seria vista como imortal, enquanto que os infortúnios coletivos seriam meros episódios. Este tipo seria uma teodicéia implícita.

2. Irracional: a teodicéia da participação auto-transcendente que não estaria limitada às religiões primitivas e persistiria onde prevalece o esquema micro-macrocósmico. No misticismo, os sofrimentos e morte do indivíduo se convertem em insignificantes trivialidades, irreais em comparação com a abrumadora realidade da experiência mística de união. O cotidiano e vida mundana se convertem em algo irreal, ilusório. Na medida em que tudo é ou está em Deus, tudo é bom e o problema da teodicéia desaparece. Desta forma, o misticismo nas grandes religiões mundiais deu origem a complexos sistemas teóricos contendo teodicéias explícitas de grande coerência racional.

3. Racional: o conjunto karma-samsara onde toda *anomia* concebível é integrada em uma interpretação totalmente racional e *omnímoda* do universo. Toda ação humana tem suas conseqüências necessárias e toda situação humana é a conseqüência necessária de ações humanas passadas. A vida do indivíduo é efêmera, parte de uma cadeia causal que se estende infinitamente ao passado e ao futuro. Para Berger, como também para Weber, o Karma-samsara é o exemplo de perfeita simetria

⁵² BERGER, Peter. **O Dossel Sagrado:** elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985, p. 78.

entre as teodicéias do sofrimento e da felicidade. Esta teodicéia legitima a ordem social sendo, portanto, conservadora. Porém, dela surge uma idéia de *redenção* como *libertação final do ciclo de nascimento* com diferentes versões dessa redenção. O Budismo representa a racionalização mais totalizante dos fundamentos teóricos do conjunto karma-samsara no nível da soteriologia e de sua teodicéia concomitante. O problema da teodicéia se resolve da maneira mais racional concebível, a saber, pela eliminação de todos os intermediários entre o homem e a ordem racional do universo; porque os fenômenos anômicos que dão origem se revelam como meras ilusões fugitivas, pois na concepção de anatta (não-eu) é o indivíduo que traça seus problemas.⁵³

Ainda segundo Peter Berger existiriam teodicéias com variados graus de racional-irracional e, portanto, ele os subdivide dentro da tipologia weberiana e os apresenta da seguinte maneira:

(A) Teodicéia terrenal que projeta a compensação dos fenômenos anômicos no futuro terreno através da intervenção da divindade; neste caso, os que sofrem serão consolados e os injustos serão castigados. Exemplos desta teodicéia seria o messianismo, o milenarismo e a escatologia. Essas teodicéias estão associadas historicamente às épocas de crises e desastres. Na teodicéia terrenal legitimam-se os fenômenos anômicos por referência a uma nomização futura, com o qual os reintegra a uma ordem significativa geral. Será racional na medida em que contenha uma teoria coerente da história. Uma dificuldade prática para essa teodicéia seria sua vulnerabilidade frente a uma refutação empírica. Tem-se, nessa teodicéia o sentido da vida futura como o lugar da nomização. Seria mais provável que se produzisse esta transposição quando a teodicéia prototípica por participação transcendente se debilita enquanto a sua plausibilidade, processo relacionado com a individuação progressiva.

(B) Numa posição intermediária entre racional e irracional está a **teodicéia dualista** do Zoroastrismo do Iran. Neste caso a luta entre o bem e o mal representaria os fenômenos anômicos (forças do mal ou negativas) e a nomização (forças do bem ou positivas). Tem-se, neste tipo, a influência do gnosticismo em relação à diferença entre espírito e matéria. A Redenção seria o Reino da Luz, esperança e nostalgia do verdadeiro lugar do homem. A resolução do problema da teodicéia estaria na transposição que se faz de seus termos; ou seja, o universo empírico deixa de ser um cosmos e se

⁵³ BERGER, Peter. **O Dossel Sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985, pp.79-89.

converte em cenário no qual se desenvolve a *cosmização* ou, é concebido realmente como o âmbito do caos. Tudo no mundo material e físico é desvalorizado de forma radical, a história é desprovida de significação redentora. A teodicéia dualista seria assim, acósmica, ascética e ahistórica. Isso é compreendido como uma ameaça às religiões bíblicas.

(C) **Teodicéia das religiões bíblicas** – que seria um problema maior para o monoteísmo ético. A relação entre a teodicéia bíblica e a atitude masoquista apresenta-se da seguinte forma: *o masoquismo religioso adquire um perfil peculiar na órbita bíblica porque o problema da teodicéia se faz insuportavelmente agudo quando se define o “outro” como um deus todo-poderoso, todo-justo, etc.* É a voz desse deus terrível que deve ser abrumadora e afogar o pranto do homem atormentado. A solução masoquista apresentada por essa teodicéia seria a submissão que não pode ser questionada ou desafiada, acima de toda norma humana ética ou nômica. Assim, da teodicéia tem-se a antropodicéia: o problema do pecado humano substitui o problema da justiça divina. Neste ponto Berger se afasta de Weber. Como essas idéias são difíceis para as massas, estas as mitigaram com a esperança e compensação em outro mundo.

(D) **Mitigação da teodicéia masoquista:** a *Cristologia*. Este ponto apresenta-se como uma debilidade na tipologia weberiana. Berger apresenta o Deus encarnado como resposta ao problema da teodicéia (encarnação-redenção), este seria o deus encarnado, o deus que sofre. Este sofrimento, representado no sofrimento de Cristo aliviaria o homem. A relação do sofrimento com o Deus castigador está na plena divindade e humanidade do Cristo encarnado. Cristo sofreu pelos pecados do homem, o homem tem que reconhecer isso. A resolução *agostiniana* para o problema da teodicéia remete novamente da teodicéia para a *antropodicéia*, e mitiga a aspereza dos fenômenos anômicos com o *deus-homem* e o masoquismo.⁵⁴

Para fechar a sua análise sobre a *teodicéia* Berger se utiliza de sua categoria antropodicéia (o problema do sofrimento do mundo seria uma responsabilidade do homem). Para o autor, a plausibilidade do Cristianismo resistiria ou cairia junto com a plausibilidade desta teodicéia.

Para Berger, a consequência histórica da desintegração da teodicéia cristã seria o começo de uma era de revoluções. A História e as ações humanas na História se converteram nos instrumentos dominantes mediante os quais deve

⁵⁴ BERGER, Peter. **O Dossel Sagrado:** elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985, pp. 91-103.

buscar-se a nominação do sofrimento e do mal. Com o questionamento da explicação cristã tem-se conseqüentemente o questionamento da ordem social; troca-se o reino da graça pelo reino da justiça.

Repitamo-lo: toda ordem humana é uma comunidade frente à morte. A teodicéia representa a tentativa de fazer um pacto com a morte. Seja qual for o destino de qualquer religião histórica ou ainda da religião como tal, podemos estar seguros de que a necessidade desta tentativa persistirá enquanto os homens morram e tenham que dar sentido a este fato.⁵⁵

Em Weber, o problema da teodicéia perpassa a vida material e a justificação da ordem social; mas, tem como ponto principal o problema “ideal” do sentido da existência humana, principalmente em relação ao monoteísmo e seu desenvolvimento no Ocidente, com o Calvinismo e sua teoria da predestinação.

1.4. A SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO WEBERIANA E SEU CONCEITO DE CARISMA...

No que nos concerne em nossa pesquisa, foi-nos de primordial importância o conceito weberiano de carisma. Afinal, que outro ponto nos serviria de explicação para o fato de cerca que 45 famílias deixarem tudo aquilo que lhes era conhecido para lançarem-se numa jornada de encontro com o divino e construírem em torno de si uma forma social, moral e religiosa desligada da sociedade por eles deixada, senão o poder carismático exercido por Cícero José de Farias, o Meu Rei?

Desta forma nossa compreensão, segundo a proposição de Max Weber, foi o de que um dos fundamentos de legitimidade da dominação e ascendência exercida por certos indivíduos é o carisma, verdadeira autoridade baseada na existência de dons pessoais e extraordinários. Este elemento teria por base a confiança depositada em alguém, que se diferencia dos demais por exhibir qualidades prodigiosas, por heroísmo ou por outras habilidades exemplares que dele fazem o chefe, o líder.⁵⁶

⁵⁵BERGER, Peter. **O Dossel Sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985, p. 103.

⁵⁶WEBER, Max. **Ciência e Política**: duas vocações. São Paulo: Martin Claret, 2006, p.61.

Para Weber, o possuidor do *carisma* seria mais forte do que um deus e poderia conseguir constrangê-lo à sua vontade. O serviço religioso não seria mais um serviço divino, mas sim, uma coação do divino; as invocações dos deuses não seriam mais preces, seriam fórmulas mágicas. Dentro desta explanação, esta seria a base da religiosidade popular com um viés de propagação universalista.

Uma destas modalidades típicas de dominação, existente no campo religioso, seria encontrada no poder exercido pelo profeta, ou seja, o portador de um carisma puramente pessoal, anunciador de uma doutrina religiosa ou um mandamento divino. O posicionamento de Weber aponta que a submissão ao carisma profético está relacionada com a existência de certas características próprias de uma vocação pessoal, missionária, revelacional e, portanto, distinta tanto do ministério sacerdotal (dependente de seu cargo) quanto da atividade do mago (caráter de troca, onerosidade).

Assim, o direcionamento da teoria weberiana, abarca a noção de que a atividade profética sempre traz consigo a anunciação de uma verdade religiosa de salvação, em virtude de sua revelação pessoal, sendo esta sua principal característica.⁵⁷

Contudo, a sistemática weberiana da teoria do carisma, mereceu contundente crítica e distanciamento por parte de Pierre Bourdieu, que, em análise da gênese e estrutura do campo religioso, desconsiderou a relevância das características pessoais e extraordinárias relacionadas com a atuação do profeta.

Neste prisma, Bourdieu encara o profeta não como homem de características excepcionais ou extraordinárias, mas como partícipe e êmulo de uma situação extraordinária, na qual está imerso.⁵⁸

Em tal perspectiva de observação, o carisma profético fica reduzido ao campo de um epifenômeno subordinado à dinâmica de relações objetivas, movimentações e situações que convergem para a manifestação do profeta como interprete das situações que o escolhem. Assim, “*Enquanto a crise não tiver encontrado seu*

⁵⁷ WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. V. 1. Brasília: UNB, 1982.

⁵⁸ BOURDIEU, Pierre. **Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

*profeta, os esquemas com os quais se pensa o mundo invertido continuam sendo produto do mundo a ser derrubado.”*⁵⁹

Este ponto de vista afasta-se da análise dos atributos pessoais que dão vazão ao carisma profético, buscando uma aproximação ao pensamento de Durkheim no que diz respeito à interação entre o grupo social e seus símbolos religiosos.

Considera, assim, que o profeta exerce função análoga ao emblema junto ao grupo social, trazendo em seus discursos e gestos as representações coletivas *“que já existiam antes dele embora de modo implícito, semiconsciente ou inconsciente”*.⁶⁰

Segundo Bourdieu, o pensamento de Weber limitou-se ao fato de considerar como o único fundamento para a legitimidade carismática o ato de reconhecimento das qualidades extraordinárias do profeta, sendo esse uma mera representação ingênua que desconsidera as tensões, vontades e direcionamentos sociais.

Para Bourdieu, a análise empreendida por Max Weber não levou em conta a importante origem social do capital religioso manejado pelo profeta, em uma verdadeira criação a partir “do nada”.

O êxito do profeta permanece incompreensível enquanto a explicação estiver presa nos limites do campo religioso. A não ser que se invoque um poder miraculoso, ou seja, uma *criação ex-nihilo de capital religioso*, como faz Max Weber em algumas de suas formulações da teoria do carisma. Na verdade, assim como o sacerdote alia-se à ordem ordinária, o profeta é o homem das situações de crise quando a ordem estabelecida ameaça romper-se ou quando o futuro inteiro parece incerto.⁶¹

Não obstante, uma melhor observação da linha de raciocínio, traçada por Weber, não autoriza o entendimento de ingenuidade capaz de desconectar a atuação e interação do indivíduo com o contexto social; muito pelo contrário, demonstra que dos momentos de intensas instabilidades sociais (situações extraordinárias) deriva a atuação carismática.

Em toda a sua argumentação, Bourdieu chega a tocar tangencialmente em pontos que poderiam conduzir a uma visualização mais próxima do entendimento de

⁵⁹ BOURDIEU, **Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 77.

⁶⁰ Ibidem, p. 92.

⁶¹ BOURDIEU, Op. Cit, pp. 73-74.

Weber, contudo, parece não atentar para elementos que destacam as qualificações extraordinárias do profeta como fatores preponderantes para a permanência da legitimação de sua dominação.

Assim, chega a considerar que, por não possuírem um aparato legitimador oriundo da função ou do cargo institucional que exerce (como é o caso do sacerdote), o profeta e sua seita estão

obrigados a realizar a acumulação inicial de capital religioso pela conquista (e/ou pela reconquista incessante) de uma autoridade sujeita à flutuações e às intermitências da relação conjuntural entre a oferta do serviço religioso e a demanda religiosa de uma categoria particular de leigos.⁶²

Observa-se, portanto, que é a interação entre os atributos do indivíduo e os interesses imanentes no grupamento social que propicia o encontro da “crise com o seu profeta”. Bourdieu parece não querer ver, mas são suas próprias palavras que apontam, ainda que timidamente, para a importância de certas aptidões de mobilização e convencimento que devem estar presentes para a existência do carisma profético:

A força de que dispõe o profeta (empresário independente de salvação) cuja pretensão consiste em produzir e distribuir bens de salvação de um tipo novo e propensos a desvalorizar os antigos – tarefa para a qual conta exclusivamente com sua “pessoa” como única caução e garantia na falta de qualquer capital inicial – depende da aptidão de seu discurso e de sua prática para mobilizar os interesses religiosos virtualmente heréticos de grupos ou de classes determinadas de leigos, graças ao efeito de consagração que o mero fato da simbolização e explicitação exerce.⁶³

Ainda que faça menção da aptidão de mobilização presente no discurso e na prática do profeta, o referido autor, em outro trecho de seus comentários busca claramente um desvio de rota, quando explicita que, [...] *não significa que o poder de exprimir ou de impor pelo discurso ou pela ação oratória a fé na verdade do discurso contribui de forma relevante para o poder de persuasão do discurso.*⁶⁴

⁶²BOURDIEU, Pierre. **Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 59.

⁶³Ibidem, p. 60.

⁶⁴Ibid., p. 60.

Numa visão mais abrangente da construção do carisma profético, esta deve estar pautada pelo entendimento do profeta, como homem vinculado a certas situações sociais das quais é porta-voz. Estas situações são diretamente relacionadas e dependentes de características extraordinárias das quais o profeta se faz portador, para a utilização e manutenção de sua atuação carismática.

A figura do profeta largamente utilizada por Weber e Bourdieu, nos remete ao nosso objeto de estudo. Meu Rei era visto entre seus seguidores como um *homem santo* que falava com Deus e profetizava suas vontades. Através de seus escritos, os iniciados procuravam pautar sua nova vida, para que desta forma pudessem ser merecedores das promessas do Paraíso Terreal. Portanto, podemos dizer que Meu rei encontra-se inserido na significação weberiana de profeta.

1.5. MAX WEBER, PIERRE BOURDIEU E O PROFETA....

Como já foi colocado anteriormente, o nosso propósito nesta dissertação é a análise de uma comunidade de cunho milenar, por isso nada mais apropriado do que destacar uma figura de fundamental importância para a construção da gênese religiosa na visão weberiana: o *Profeta*. Os líderes milenaristas trazem consigo a mística da profecia ao declarar o porvir de um mundo glorioso e divino, no qual os homens partilharão com *Deus* as belezas e benesses deste *paraíso*.

Na ótica weberiana, o *profeta* seria um detentor de *carisma* puramente pessoal, que em virtude de sua 'missão' anuncia uma doutrina religiosa ou uma ordem divina. O *profeta* seria imbuído de uma vocação pessoal, na qual reivindicaria sua autoridade em consequência de uma revelação pessoal ou em decorrência de seu *carisma*.

Segundo Weber, o *profeta* não conseguiria adquirir sua autoridade sem uma legitimação carismática, pois, os defensores de novas doutrinas sempre precisarão de legitimações deste tipo.

Nos escritos weberianos, podemos perceber uma distinção entre os profetas de diferentes orientações religiosas. Ele nos diz que os profetas judeus

interessavam-se pela política externa, pois esta era o palco das ações de Yaweh; A profecia de Zoroastro seria fundamentalmente religiosa e estaria interessada na luta contra o culto extático e a favor da fé na sua própria missão divina cujas conseqüências se refletiriam na sua base econômica; na profecia apregoada por Maomé, existia uma política social quase que inteiramente associada ao interesse da unificação dos crentes na luta contra as nações estrangeiras, tendo por objetivo constituir um grande contingente de combatentes de Allah.

Para o que aqui nos propomos, tomaremos a definição de Weber de que *o profeta é um instrumento que, por incumbência de um deus, proclama a vontade deste – quer esta seja uma ordem concreta ou uma norma abstrata – e que em virtude desse encargo, exige obediência como dever ético.*⁶⁵

Para Bourdieu, no que concerne ao *profeta*, a ideologia da revelação, da inspiração ou da missão, constitui a forma por excelência da ideologia carismática porque a convicção do profeta contribui para a operação de inversão e de transfiguração que o discurso profético realiza impondo uma representação da gênese do discurso profético que faz descer do céu o que ele devolve ao céu aqui na terra.

Sem dúvida, no dizer de Bourdieu, o princípio da relação entre o interesse, a crença e o poder simbólico⁶⁶, deve ser buscado no que Lévi-Strauss⁶⁷ denomina “o complexo xamanista”, ou seja, na dialética da experiência íntima e da imagem social, circulação quase mágica de poderes no curso do qual o grupo produz e projeta o poder simbólico que será exercido sobre ele e ao fim do qual se constitui, tanto para o profeta como para seus sectários, a experiência do poder profético responsável por toda a realidade de tal poder.

⁶⁵ WEBER, Max. **Sociologia das Religiões e Considerações Intermediárias**. Lisboa: Olho D'Água, 2006, p.97.

⁶⁶ O poder simbólico surge como todo o poder que consegue impor significações e impô-las como legítimas. Os símbolos, para Bourdieu, afirmar-se-iam como os instrumentos por excelência de integração social, tornando possível a reprodução da ordem estabelecida. O campo surge como uma configuração de relações socialmente distribuídas. Através da distribuição das diversas formas de capital os agentes participantes em cada campo são munidos com as capacidades adequadas ao desempenho das funções e à prática das lutas que o atravessam. As relações existentes no interior de cada campo definem-se objetivamente, independentemente da consciência humana. Na estrutura objetiva do campo (hierarquia de posições, tradições, instituições e história) os indivíduos adquirem um corpo de disposições, que lhes permite agir de acordo com as possibilidades existentes no interior dessa estrutura objetiva: o habitus. Desta forma, o habitus funciona como uma força conservadora no interior da ordem social.

⁶⁷ LEVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2008, p. 198.

A construção e existência de um *habitus* religioso seria o princípio gerador de todos os pensamentos, percepções e ações consoantes as normas de um panorama religioso do mundo natural/sobrenatural. O capital religioso gerado neste *habitus* seria dependente de uma estrutura baseada nas relações diretas entre demanda religiosa e oferta religiosa, este capital religioso determinaria a natureza, a forma e a força das estratégias que as diferentes classes sociais podem (ou devem) colocar à serviço da satisfação de seus interesses religiosos.

Para Pierre Bourdieu, o *profeta* e sua seita movidos pela ambição que têm de satisfazer suas próprias necessidades religiosas sem a necessidade de mediações realizadas pela Igreja constituída, se encontram em condições de perceber a existência da Igreja colocando em xeque o monopólio exercido por esta sobre os meios de salvação, realizando desta feita, a acumulação inicial de uma capital religioso através da conquista de um tipo de autoridade sujeita às flutuações da relação da conjuntura entre a oferta (do *serviço religioso*) e da demanda (*religiosa*) de uma determinada categoria de leigos.

Na ótica do sistema simbólico, a força de que disporia o profeta que tem a pretensão de produzir e distribuir bens de salvação de um tipo novo e propensos a desvalorizar os antigos, dependeria de sua aptidão no discurso e de sua prática para mobilizar os interesses religiosos notadamente heréticos de grupos ou classes de leigos, graças ao efeito de consagração que o mero fato da simbolização e da explicação exerce. Por outro lado, tal força dependeria também do grau em que contribui para a subversão da ordem simbólica vigente e para a reordenação simbólica da subversão desta ordem, ou seja, para a dessacralização do sagrado e para a sacralização do sacrilégio.

Para Bourdieu, o profeta não é tanto o homem ‘extraordinário’ de que falava Weber, mas o homem das situações extraordinárias, a respeito das quais os guardiões da ordem pública não têm nada a dizer, pois a única linguagem de que dispõem para pensá-las é a do exorcismo. Seria pela capacidade de realizar, através de sua pessoa e de seu discurso como palavras exemplares, o encontro de um significante e de um significado que lhe era pré-existente, mas somente em estado potencial e implícito, que o profeta reúne as condições para mobilizar os grupos e as classes que reconhecem sua linguagem porque nela se reconhecem.

Podemos incluir Meu Rei nessa concepção de *profeta*. Afinal, ele se configura como um líder religioso, que cria uma sociedade voltada para um modo de vida diverso do que é vivido na sociedade maior. Ele tem um séquito de seguidores, que, ao longo de nossas entrevistas, justificaram sua inclusão no movimento pelo fato de se sentirem excluídos, de alguma forma, do cotidiano social; por tal motivo, se agregam ao redor de um homem que dizia *conversar com Deus*, e assim, dão início a uma longa jornada milenarista que perduraria até o ano de 1999.

Dentre toda essa explanação, é preciso dar-lhe um sentido razoável de aceitação. Para tanto, fomos buscar em Peter Berger, mais precisamente em seu conceito de plausibilidade, outra vertente para explicar a relação íntima entre o homem e a religião.

1.6. PETER BERGER E O CONCEITO DE PLAUSIBILIDADE....

A relação íntima entre a religião e o homem se espelha na ordem moral e ética da sociedade, pois ambas advém de um corpus burocrático oriundo da religião enquanto instituição. Ademais, a questão da fé que o humano deposita no ente divino perpassa qualquer barreira de explicação racional. A racionalidade das teorias não consegue explicar de forma total e satisfatória a questão da fé. Nunca seremos capazes de explicitar a significação profunda e vital que a fé representa para o devoto.

A fé em Meu Rei, um homem que se acreditava falar com Deus e ser Seu emissário aqui na terra, era tamanha entre seus prosélitos que ainda hoje, onze anos após sua morte, muitos ainda lhe devotam fé e obediência. Através dos escritos deixados por Meu Rei, muitos dos iniciados pautam suas vidas atualmente.

A utilização da teoria de plausibilidade de Peter Berger nos ajudou, também, a compreender como se configura o processo de legitimação de um determinado processo social, mais particularmente, nos fez ter uma melhor compreensão do processo que legitimou Meu Rei como um líder milenar, o qual congregou um considerável contingente de adeptos.

Dentro desta perspectiva, buscamos em Peter Berger um maior aprofundamento nessa relação de intimidade entre o homem e a religião. O que observamos é que para ele a religião ocupa um lugar de destaque na construção de um mundo possível, aceitável pela população. Tentar fugir deste consenso significa sofrer sanções e estar fora do que pensa a maioria. É importante manter a estrutura de plausibilidade para um mundo socialmente construído, pois justifica até as guerras mais violentas advindas de idéias centrais vividas pela sociedade.

Na vida humana entende-se uma realidade que, por não vir pronta da natureza, como a do mundo biológico dos animais, precisa ser construída pelos homens. Uma realidade peculiar, a qual Berger explica da seguinte forma:

Como os outros mamíferos, o homem está *em* um mundo que precede o seu aparecimento. Mas à diferença dos outros mamíferos, este mundo não é simplesmente dado, pré-fabricado para ele. O homem precisa *fazer* um mundo para si.⁶⁸

Mais adiante ele afirma que o homem “*biologicamente privado de um mundo do homem, constrói um mundo humano. Esse mundo, naturalmente, é a cultura*”.⁶⁹

Segundo Berger, o homem ao nascer é inserido no mundo onde irá começar a desenvolver-se biológica e culturalmente. O mesmo depende, pelo menos, de dois ambientes para sobreviver: o natural, que é considerado o particular, o familiar, cujo espaço irá adquirir traços característicos de sua linhagem; e o segundo ambiente, que é o sociocultural, onde o indivíduo irá criar laços sociais, observando que será impossível viver isoladamente.

A análise da realidade, definida por Berger, permite um acercamento do cotidiano, porque é na vida diária onde a imagem é mais visível e reconhecível. Diante disso, é passível o conhecimento de comportamentos humanos na dinâmica social, como também a verificação dos mecanismos de socialização que levam ao ‘equilíbrio’ do cotidiano, determinado pelo sentido comum, que é a lei comum das relações sociais. O indivíduo aparece como produto de um espaço social que é construído dialeticamente, depurado pelo consenso de seus atores, culminando na identidade da estrutura social.

⁶⁸ BERGER, Peter. **O Dossel Sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985, p. 18.

⁶⁹ Ibidem, p. 19.

A base para a aceitação social objetivada encontra-se na *legitimação*, sobre a qual Berger nos diz que,

a legitimação se entende o “saber” socialmente objetivado que serve para explicar e justificar a ordem social. Em outras palavras, as legitimações são as respostas a quaisquer perguntas sobre o “porquê” dos dispositivos institucionais.⁷⁰

Os discursos legitimadores ajudam a sustentar os mundos humanos. Contudo, a legitimação não garante a manutenção do mundo, estando ela só, é necessário que haja condições na estrutura da sociedade para que a mesma tenha efeito. A legitimação só terá validade se houver uma estrutura de *plausibilidade*, ou seja, de aceitação social. Não bastam que as respostas legitimadoras sejam repetidas indefinidamente. É preciso que a sociedade esteja estruturada para que essas respostas façam sentido. Quanto melhor a estrutura de plausibilidade da sociedade, mais explicações virão à tona acerca do mundo e, conseqüentemente, menos discursos legitimadores são necessários para a sua manutenção. Uma boa estrutura de plausibilidade resiste às anomias sociais, às guerras, enfim, aos problemas que norteiam o mundo.

Em “**O Dossel Sagrado**”, Berger fala da legitimação ocorrida em três níveis:

a) Nível pré-teórico, ou melhor, incipientemente teórico, em que a legitimação assume a forma de “*provérbios, máximas morais e sabedoria tradicional*”; b) Nível teórico: aqui são explicados e justificados os setores específicos do saber; c) Nível altamente teórico: as legitimações são integradas numa cosmovisão na qual se abrange tudo. Neste nível é atingida a consciência teórica.⁷¹

A religião também tem sua base legitimadora. Existe uma importante relação entre elas. De acordo com a história, a religião foi o instrumento mais amplo e efetivo de legitimação, e isso se deve ao fato de que a legitimação religiosa fundamenta a ordem social em origens que transcendem a história e o homem.

Segundo Berger, a religião faz parte do mundo criado pelo homem, como também da cultura estabelecida por uma comunidade de homens ou, antes, por uma

⁷⁰ BERGER, Peter. **O Dossel Sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985, p. 42.

⁷¹BERGER, Op. Cit., p. 44.

sociedade, já que existe mais um acordo do que uma essência comum entre os indivíduos que compõem essa sociedade. Para Berger, a religião é a construção de um dossel sagrado que serve para explicar os fenômenos. O autor entende a cultura como o produto da atividade e da consciência humanas. E a religião entra em cena como o meio necessário para a manutenção desse mundo.

Para Peter Berger, *“toda sociedade humana é um empreendimento de construção do mundo. A religião ocupa um lugar destacado nesse empreendimento.”*⁷² O mundo socialmente construído pelos homens se apresenta estruturalmente muito menos sólido do que o mundo biológico dos animais: *“Todos os mundos socialmente construídos são intrinsecamente precários”*.⁷³ Daí surge a necessidade de unir esforços para que se mantenha o mundo humano. Essa manutenção é realizada através de discursos legitimadores, sendo o discurso da religião o mais eficaz para tal tarefa. *“A religião legitima de modo tão eficaz porque relaciona com a realidade suprema as precárias construções da realidade erguida pelas sociedades empíricas”*.⁷⁴

O fato de a cultura ser uma nova ordem ou um mundo construído a partir de um momento histórico específico representa uma preocupação a respeito de sua legitimação:

Se um indivíduo se imagina um fundador de sociedades consciente de seu papel, algo como uma combinação entre Moisés e Maquiavel, poderia ser colocada a seguinte questão: como se poderia assegurar a conservação dessa ordem institucional, nesse momento estabelecida *ex-nihilo*? Em termos de poder existe uma resposta óbvia a essa questão. Mas se se imagina que todos os meios de poder tenham sido empregados, todos os opositores destruídos, todos os meios de coerção à nossa disposição tenham alcançado um resultado positivo e que tenham sido tomadas todas as medidas razoáveis para a transmissão de poder aos sucessores designados, ficará ainda por resolver o problema de legitimação mais urgente, devido à novidade e à muito sabida precariedade da nova ordem.⁷⁵

⁷²BERGER, Peter. **O Dossel Sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985, p. 15.

⁷³Ibidem, p. 42.

⁷⁴Ibid, p. 45.

⁷⁵BERGER, Peter. **O Dossel Sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985, pp. 45-46.

A religião situa as instituições num quadro de referência sagrado e cósmico. A legitimação religiosa relaciona a realidade humana como a única definida numa coletividade humana. As atividades humanas, apesar de contraditórias, recebem a aparência de inevitabilidade, firmeza e durabilidade de suas construções ganhando, na visão de Berger, o *status* cósmico.

A cosmofiguração se refere, não só às estruturas nômicas gerais, mas, às instituições e papéis específicos numa dada sociedade. O *status* cósmico atribuído a eles é objetivado, isto é, torna-se parte da realidade objetivamente disponível das instituições e papéis em causa.⁷⁶

Na prática, as instituições mudam à medida que as exigências da sociedade mudam, portanto, estão sempre em ameaça devido à dialética que compõe a realidade. Mas, as legitimações cósmicas são aceitas como óbvias, passando por cima das contingências humanas e históricas, permitindo ao indivíduo ter um senso de retidão moral nos papéis que devem desempenhar na sociedade. E quando se vai contra essa ordem imposta, é, todavia, “aliar-se às forças primevas da escuridão”.

Na mente contraditória do indivíduo passam situações duvidosas a cada instante. “A realidade da vida de cada dia é, portanto, continuamente envolvida por uma penumbra de realidades imensamente diferentes.”⁷⁷ A religião serve para entrosar as realidades invasoras e obscuras na realidade da vida cotidiana. Mantém a harmonia da vida real legitimando as situações marginais, tornando-as sagradas e aceitas pelo universo. Assim, o indivíduo continua a existir na sociedade, no seu “antigo” mundo, sabendo que seus questionamentos têm sentido e significam algo para si e para os outros.

Desse modo, é possível a manutenção de uma base social para continuar a existência humana com um mundo que é real para seres humanos reais. Quando o indivíduo deseja se converter deve desligar-se dos grupos que constituíam sua antiga estrutura de plausibilidade e associar-se mais intensamente àqueles que irão

⁷⁶BERGER, Op. Cit., p.49.

⁷⁷BERGER, Peter. **O Dossel Sagrado:** elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985, p. 55.

compor a sua nova realidade religiosa. De acordo com Berger, migrar entre mundos religiosos significa migrar entre suas respectivas estruturas de plausibilidade.

As atividades humanas que a sociedade produz também produzem religião, essa deriva da realidade objetiva e subjetiva dos homens e, para mantê-la, é necessário resolver um problema de “engenharia social”, pois, para permanecer em sua religião, o ser humano deve conservar uma estrutura adequada de plausibilidade.

A proposição desta dissertação é analisar de forma profunda o cotidiano e os desdobramentos decorridos da fundação de uma comunidade de cunho milenar no Sertão do Moxotó, interior de Pernambuco. Para isso, essa gama teórica nos foi imprescindível. Verdade, que alguns nos foram mais emblemáticos, como Weber, Bourdieu e Berger, mas, todos tiveram importância inquestionável na elaboração destas linhas, como também na elucidação de alguns questionamentos.

A respeito da tradição e origem dos movimentos de cunho messiânico-milenares, trataremos no capítulo que se segue, buscando traçar um paralelo entre os movimentos desencadeados na Europa medieval com o Brasil dos séculos XIX e XX.

CAPÍTULO II

A NOVA JERUSALÉM, CENTRO DO MUNDO: MOVIMENTOS MESSIÂNICO-MILENARES, UM BALANÇO HISTORIOGRÁFICO.

O mesmo milenarismo extravagante, o mesmo pavor do Anticristo despontando na derrocada universal da vida. O fim do mundo próximo [...] Que abdicassem as venturas mais fugazes e fizessem da vida um purgatório; e não manchassem nunca com o sacrilégio de um sorriso. O Juízo Final aproximava-se, inflexível. E quando encantou-se D. Sebastião afincou a espada na pedra, ela foi até os copos e ele disse: *Adeus mundo*. Das ondas do mar ele sairá com todo seu exército.⁷⁸

2.1. A DIFERENÇA ENTRE MESSIANISMO E MILENARISMO... AS TEORIAS APOCALÍPTICAS.

Tendo em vista que o foco principal desta dissertação é a análise de um movimento milenarista ocorrido no Sertão pernambucano, foi-nos imprescindível fazer um levantamento das origens de tais movimentos e, também, seus desdobramentos ao longo da História.

Nossa primeira questão foi quanto a natureza do movimento: messiânico ou milenar? Qual a diferença entre os dois tipos de movimentos? Não seriam nomenclaturas diferentes para um mesmo significado? Seguindo a ótica do historiador francês Jean Delumeau, a resposta correta seria *não*.

⁷⁸ CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

Segundo o autor, no seu livro *Mil Anos de Felicidade: Uma História do Paraíso*⁷⁹:

[...] O milenarismo é a forma assumida por uma *messianismo* não realizado a despeito do aparecimento (histórico) do Salvador, quando o grupo que se formou em torno do messias tenta reativar a urgência messiânica para controlar os efeitos do fracasso sofrido pelo messias.⁸⁰

Ou seja, o milenarismo seria a esperança de um retorno do Salvador, ou Messias, para que o mesmo possa cumprir todas as suas promessas. Seria uma forma paliativa para essa espera.

Já o messianismo, seria o aguardo do surgimento do *messias*. Podemos citar como exemplos clássicos de tais tipografias religiosas o Cristianismo, que se enquadraria no modelo milenar uma vez que seu messias (Jesus) já teria surgido e deixado promessas a serem cumpridas; e o Judaísmo, que se enquadraria no modelo messiânico, tendo em vista que ainda hoje o seu *messias* não se revelou.

A crença existente no Antigo Testamento de um reino messiânico terrestre, no qual o povo eleito seria libertado de todo o sofrimento e, finalmente, triunfaria sobre os infiéis fora expressa muito antes de Jesus. No livro de Daniel já existiam alusões ao fim dos tempos e ao reino milenar que adviria do surgimento de seu Mashiah (messias).

Contudo, segundo o historiador Norman Cohn, em seu livro *Cosmos, Caos e o Mundo que Virá: As Origens das Crenças no Apocalipse*⁸¹, essas crenças adviriam do movimento zoroastrista que pregava uma nova cosmogonia e a vinda de um messias que reinaria durante mil anos e, ao findar deste tempo o mundo viveria em harmonia e numa felicidade sem fim.

Segundo Cohn, a vinda do Saoshyant (messias do zoroastrismo) será precedida por uma época na qual, em vez de asha (o bem, o cosmos) triunfar sobre druj (o caos), este parecerá ter a vitória assegurada. Esses dias serão descritos em

⁷⁹ DELUMEAU, Jean. **Mil Anos de Felicidade: Uma História do Paraíso**, São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

⁸⁰ DELUMEAU, Op. Cit., p. 18.

⁸¹ COHN, Norman. **Cosmos, Caos e o Mundo que Virá: As Origens das Crenças no Apocalipse**. Trad. Claudio Marcondes. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

uma profecia supostamente transmitida pelo próprio Ahura Mazda (Deus) a Zoroastro:

Nessa época [...] todos os homens se tornarão enganadores e as grandes alianças serão alteradas. A honra e a afeição e o amor pela alma desaparecerão do mundo [...] Os reios de sol serão muito horizontais e de pequena inclinação, e o ano e o mês e o dia serão mais curtos. E a terra [...] se contrairá [...] E as pessoas nascerão atrofiadas, e terão poucas habilidades e pouca energia. Não será possível a uma nuvem auspiciosa e a um vento justo trazer chuva na estação e no tempo certos. Nuvens soturnas escurecerão todo o céu: um vento quente e um vento frio soprarão e arrastarão com eles todos os frutos e grãos de cereais. A chuva não cairá no momento certo e, quando cair, será uma chuva de criaturas perniciosas, não de água. E a água dos rios e das fontes irá diminuir e não voltará a aumentar [...] O camelo, o boi e o carneiro nascerão muito menores e menos resistentes. O gado da seca terá pouca força, e o veloz cavalo será fraco e não conseguirá galopar além de um pequeno trecho [...] O Espírito do Mal será muito opressivo e tirânico, nessa época em que será necessário destruí-lo.⁸²

Ainda em relação ao messias do Zoroastrismo,

Durante os 57 anos anteriores ao “tornar maravilhoso” (o paraíso na terra), o Saoshyant irá trazer os mortos de volta á vida, e lhes dará de novo seus corpos; também caberá a ele reunir os vivos e os mortos para o grande ordálio. Segundo algumas versões dos textos sagrados dos Zoroastrianos, o Saoshyant irá até mesmo substituir Ahura Mazda (Deus) na tarefa de conceder a imortalidade aos justos. Por fim, fixando seu olhar no mundo, ele o tornará imortal e incorruptível, completando assim o “tornar maravilhoso”, o triunfo do cosmos sobre o caos.⁸³

Para o autor, o movimento criado por Zoroastro e os escritos e profecias advindos dele influenciaram sobremaneira outras religiões. Zoroastro teria se inspirado em um antigo mito do combate para criar outro mito do combate; sua criação teria sido transformada em *fé apocalíptica*. Ele nos diz, também, que quando

⁸² COHN, Norman. **Cosmos, Caos e o Mundo que Virá**: As Origens das Crenças no Apocalipse. Trad. Claudio Marcondes. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 139.

⁸³ Ibidem, p. 140.

a escatologia⁸⁴ zoroastriana foi assimilada e adaptada por não-zoroastrianos, foi em escala grandiosa.

Ao longo de sua obra, percebemos que as crenças zoroastrianas ultrapassaram o tempo e, através dos fenícios (considerados cananeus tardios pelo autor) influenciaram a visão religiosa dos israelitas que ainda estavam adquirindo sua identidade própria.

Existem similaridades entre a visão de mundo revelada pelas fontes ugaríticas e o iaveísmo da monarquia de Jerusalém. Não se trata de influência direta: não só a distância entre Ugarit e Jerusalém era muito grande pelos padrões da época, mas a cidade-Estado de Ugarit foi destruída cerca de dois séculos antes da fundação da monarquia de Jerusalém. Porém, a visão de mundo que associamos a Ugarit não era exclusiva daquela cidade-Estado. Ao contrário, era comum em toda Síria-Palestina e sobreviveu na visão de mundo daqueles cananeus tardios, os fenícios, por um milênio após a queda de Ugarit.⁸⁵

Apesar da influência da religião fundada por Zoroastro, o deus dos israelitas, *Yahweh*, é o que tem sua atuação, no campo da História, mais constante, mais intencional e mais coerente do que qualquer coisa atribuída a outros deuses. Com *Yahweh* surgiria uma *nova era* para o seu povo eleito e tal era seria um período de êxtase visionário.

Sobre essa *nova era*:

A *nova era* é evidentemente, o que se chama com frequência de ‘era messiânica’, mas este termo é enganador. A designação de ‘messias’ – que em hebraico e aramaico significa apenas “o eleito” – aparece raras vezes na Bíblia hebraica, e, quando aparece trata-se simplesmente de um título dado ao rei ou, quando a monarquia deixou de existir, ao sumo sacerdote. O futuro rei esperado, da casa de Davi, nunca é chamado de “messias”, nem jamais é retratado como uma figura sobrenatural. Ele será, no máximo, um grande líder militar e um soberano sábio e justo, guiado por *Yahweh* e indicado por ele para governar seu povo em Judá. A noção de um redentor

⁸⁴ Escatologia é uma parte da teologia e filosofia que trata dos últimos eventos na História do Mundo ou do destino final da humanidade, comumente denominado como fim do mundo. Em muitas religiões, o fim do mundo é um evento futuro profetizado no texto sagrado ou no folclore. De forma ampla, escatologia costuma relacionar-se com conceitos tais como Messias ou Era Messiânica. É nesse aspecto que este termo é utilizado nesta dissertação. In. SHEDD, Russell. **Escatologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, s/d.

⁸⁵ COHN, Norman. **Na Senda do Milênio: Milenaristas Revolucionários e Anarquistas Místicos da Idade Média**. Lisboa: Presença, 1980, p. 176.

transcendental em forma humana, tão importante para o zoroastrismo e tão central no cristianismo, inexistente na Bíblia hebraica.⁸⁶

As visões dos movimentos de cunho messiânico ou milenar têm sempre o Apocalipse como final pronto e esperado, como o sinônimo de algo terrível que acontecerá com a humanidade antes que a redenção venha dos céus e salve as almas devotas e boas.

Mas, o que o termo Apocalipse significa é ‘desvelamento’, ‘descobrimento’, ou seja, seria o ato de desvendar algo e, uma característica comum a todas as visões “apocalípticas” é o propósito de desvendar aos seres humanos segredos anteriormente conhecidos apenas dos céus. Às vezes, tal conhecimento secreto trata do mundo dos céus, mas na maioria das vezes refere-se mesmo é ao destino do mundo terreno.

Jean Delumeau nos diz que as promessas milenar-messiânicas têm geralmente um caráter terrestre. Elas anunciariam uma mudança radical, um tipo de salvação coletiva, iminente, total. Afirmariam o sentido da História. E, com frequência profetizam um tempo de felicidade entre dois períodos de catástrofes.⁸⁷

Toda crença no reino messiânico derivado dos meios judaicos ao cristianismo seriam baseados no Apocalipse de São João, o qual fixaria de forma definitiva a duração desse reinado de mil anos.

Então os mártires e todos os que se recusaram a adorar a Besta e sua imagem voltaram a viver e reinaram com Cristo por mil anos. Esta é a primeira ressurreição. [...] Os outros não puderam retornar à vida antes de se completarem mil anos. [...] Transcorridos mil anos, Satã, solto da prisão, sairá a seduzir as nações.⁸⁸

Na obra do historiador francês percebemos uma vasta gama de citações acerca de vários personagens importantes do cristianismo que corroboram com a crença do milênio, como por exemplo, Pseudo-Barnabé que na sua Epístola explica que:

⁸⁶ COHN, Norman. **Cosmos, Caos e o Mundo que Virá**: As Origens das Crenças no Apocalipse. Trad. Claudio Marcondes. São Paulo: Companhia das Letras, 1996., pp. 210-211.

⁸⁷ DELUMEAU, Jean. **Mil Anos de Felicidade**: Uma História do Paraíso, São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

⁸⁸ Apocalipse de João, 20, 1-15. In: **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 1998.

Deus realizou sua obra em seis dias. Isto significa que em 6 mil anos Deus levará todas as coisas a seu fim, pois para ele um dia significa mil anos, como ele próprio o certifica. [...] E ele repousou no sétimo dia. Isto tem a seguinte significação: quando seu Filho vier pôr fim ao prazo concedido aos pecadores, julgar os ímpios, transformar o sol, a lua e as estrelas, então ele repousará gloriosamente no sétimo dia. Enfim, ele diz ainda aos judeus: não são vossos sabás que me agradam, mas aquele que fiz e no qual, pondo fim ao universo, inaugurarei o oitavo dia, isto é, um outro mundo. Assim, para o Pseudo-Barnabé, Cristo reinará durante mil anos – o sétimo dia. Depois disso, o oitavo dia marcará o advento de um mundo novo e definitivo.⁸⁹

Delumeau nos fala ainda de Pápío que foi bispo de Hierápolis no início do século II. Sua teoria passaria por uma *fecundidade fantástica* da terra.

Viriam dias em que as vinhas crescerão, em que cada uma terá 10 mil videiras, e em cada vide 10 mil ramos e em cada ramo 10 mil botões, e em cada botão 10 mil cachos, e em cada cacho 10 mil uvas, e cada uva prensada dará 25 metretas [medida equivalente a trinta litros] de vinho. E quando um dos santos colher um cacho, um outro cacho lhe dirá: “Sou melhor, colhe-me, e abençoa por mim o Senhor!”. Assim também, o grão de trigo produzirá 10 mil espigas, cada espiga terá 10 mil grãos e cada grão dará cinco choenix [medida de peso] de bela farinha; acontecerá o mesmo, guardadas as proporções, com os outros frutos, com as sementes e ervas. E todos os animais, servindo-se desse alimento que receberão da terra, viverão em paz e em harmonia uns com os outros e serão plenamente submissos aos homens.⁹⁰

Existe uma diferença sensível entre o messianismo do Pseudo-Barnabé e o de Pápío, uma vez que esse reino é concebido pelo primeiro como “um repouso dos santos”, enquanto Pápío insiste na fecundidade fantástica da terra regenerada.

Como sucessor de Pápío, se destaca Justino que foi um palestino morto como mártir em Roma por volta do ano 165. Seu *Diálogo com Trífon*, redigido em 148, faz dele uma das grandes testemunhas da crença do milênio das primeiras gerações cristãs. Segundo Justino, na Jerusalém do milênio,

⁸⁹ DELUMEAU, Jean. **Mil Anos de Felicidade**: Uma História do Paraíso. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 22.

⁹⁰ *Ibidem*, p. 23.

não se ouvirá mais a voz do gemido nem a voz da queixa; não haverá mais criança nascida antes da hora, nem velho que não cumpra seu tempo: o jovem terá cem anos e é aos cem anos que o pecador morrerá por maldição. Serão construídas casas e quem construir as habitará; serão plantadas vinhas e quem plantar comerá seus produtos. Não sucederá que se construa e outros habitem, ou que se plante e outros comam. Meus eleitos não hão de sofrer em vão, não hão de procriar para a maldição, serão uma raça justa e abençoada pelo Senhor, e seus filhos com eles [...] Então lobos e cordeiros pastarão juntos, o leão e o boi comerão forragem, e a serpente terá a poeira como pão. [...] Entre nós [escreve] um homem chamado João, um dos apóstolos de Cristo, profetizou o Apocalipse que lhe foi revelado que os que acreditarem em Nosso Cristo passarão mil anos em Jerusalém; a seguir acontecerá a ressurreição geral e eterna, para todos sem exceção, e finalmente o julgamento.⁹¹

Como já foi visto aqui, a História do mundo recapitularia a da criação, segundo Delumeau, e como um dia do Senhor equivaleria a mil anos, é manifesto para Santo Irineu que, ao cabo de 6 mil anos e após um período de provações, Deus trará um tempo de repouso e de paz que será o sétimo milênio:

Ora, depois que o Anticristo tiver reduzido o mundo a um deserto, depois que tiver reinado três anos e seis meses e ocupado o templo de Jerusalém, o Senhor virá do alto do céu, sobre nuvens, na glória do Pai, e lançará no poço de fogo o Anticristo e seus fiéis; ao mesmo tempo inaugurará para os justos o tempo do reino, isto é, o repouso, o sétimo dia santificado.⁹²

Para Santo Irineu, assim como também para Justino, seriam heréticos os que não admitiam uma série de etapas do caminho dos justos para a vida celeste. O itinerário completo compreenderia o envio das almas dos justos ao lugar de espera, paraíso terrestre reencontrado, além da morte, depois a ressurreição corporal desses eleitos para o reino de mil anos, e finalmente, após a ressurreição dos outros mortos e o juízo final, a entrada na Jerusalém celeste.

Segundo Delumeau, toda esta teoria de Santo Irineu não deve ser vista como ‘alegoria’, mas sim como espelho da crença professada pelo mesmo. Ele nos diz, também, que Irineu influenciou sobremaneira Tertuliano.

⁹¹ DELUMEAU, Jean. **Mil Anos de Felicidade**: Uma História do Paraíso. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 24.

⁹² Ibidem, pp. 25 - 26.

Tertuliano foi o primeiro dos escritores cristãos de língua latina, que tomou por sua conta a espera exagerada dos montanistas, os quais davam uma grande importância aos profetas e anunciavam a iminência do retorno de Cristo. Na sua obra *Contra Marcão*, Tertuliano afirma que:

Um reino nos está prometido na terra e antes no céu, mas num outro estado, a saber: após a ressurreição, durante mil anos, na cidade feita por Deus, a Jerusalém celeste. [...] A ressurreição para o milênio será seguida da segunda ressurreição e da destruição do mundo. É somente então, que modificados em nossa substância e tornados semelhantes aos anjos, seremos transferidos ao reino celeste.⁹³

Apesar de ter sido combatido por Orígenes e cada vez mais suspeito aos olhos das autoridades eclesiásticas, o milenarismo teria recolhido, ainda no século III, o assentimento de cristão notáveis. E, que por volta do ano 200 da era cristã, as profecias montanistas e a espera angustiada de uma perseguição próxima aumentam a febre escatológica nas comunidades cristãs.

A tradição milenarista manifestar-se-ia ainda no século IV de maneira bastante pedagógica, nas *Instituições Divinas* do apologista Lactânio, que foi mestre de retórica, pagão convertido ao cristianismo e tutor do filho de Constantino. Segundo ele,

assim como Deus trabalhou durante seis dias em tão grandes obras, assim também é necessário que ao fim do sexto milênio toda maldade desapareça da terra, que a justiça reine por mil anos e que haja tranquilidade e repouso dos trabalhos que o mundo já suporta há muito tempo. [...] Após a ressurreição, o Filho de Deus reinará mil anos entre os homens e os governará por um governo muito justo. Os que viverem não morrerão, mas durante mil anos engendrarão uma multidão incalculável; quanto aos ressuscitados, eles presidirão aos vivos como juízes. Então o sol se tornará sete vezes mais quente do que agora. A terra manifestará sua fecundidade e produzirá espontaneamente colheitas abundantes. O mel manará das montanhas. O vinho correrá nos regatos. O mundo viverá enfim na alegria, livre do império do mal. Os animais não se alimentarão mais de sangue.⁹⁴

⁹³ DELUMEAU, Jean. **Mil Anos de Felicidade:** Uma História do Paraíso. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, pp. 26-27.

⁹⁴ DELUMEAU, Op. Cit., pp. 28-29.

Em contrapartida a essa corrente milenarista, encontramos Santo Agostinho, que se juntará às posições de Ticônio, que interpretou o Apocalipse como um evento que significaria a vitória de Cristo desde a encarnação. O milênio se tornaria, desta forma, o reinado da Igreja Cristã.

Uma das razões que teriam afastado Santo Agostinho do milenarismo foi o freqüente desvio deste para a exaltação dos prazeres terrestres. No seu livro *A Cidade de Deus*, Agostinho deixa tal posição bastante clara:

Essa opinião [dos quiliastas] poderia de alguma maneira ser tolerada se admitisse que os santos obtêm nesse sabá, pela presença do Senhor, algumas delícias espirituais. Pois nós também partilhamos outrora essa opinião. Mas, quando se ouve dizer que os que forem então ressuscitados se entregarão a festins carnavais mais desmedidos, nos quais haverá tanta comida e bebida que, longe de guardar uma moderação, irão mesmo além do que se poderia imaginar, então seguramente só pode haver homens carnavais para acreditar em semelhantes coisas.⁹⁵

Agostinho parecia pensar que a encarnação do Salvador marcaria o início dos mil anos do seu reinado terrestre, e esse reinado seria seguido pelo juízo final e pelo advento da cidade celeste que não terá fim. Para ele, esse reino do milênio estaria ainda em ‘estado de guerra’ e nele se estaria ‘às voltas com o inimigo’; e seria assim ‘até chegar-se àquele reino de toda paz onde se reinaria sem inimigo’. Não obstante, para Agostinho, ‘desde agora a Igreja é o reino de Cristo’. A partir das teorias agostinianas, o milenarismo é marginalizado na Igreja.

A literatura profética, no final do século V, o célebre decreto de Gelásio, que distinguia os escritos canônicos e os apócrifos, teria mantido o Apocalipse entre os primeiros, contudo, lançou a suspeita sobre os escritos milenaristas de Tertuliano, Lactânio, Comodiano de Gaza e Vitorino de Pettau, que teriam interpretado literalmente o ‘livro das Revelações’. A recusa da Igreja acerca de uma leitura literal do capítulo 20 do Apocalipse talvez explique o fato da iconografia consagrada ao curso do tempo no ‘livro das Revelações’ ter omitido, na maioria das vezes, a evocação dos mil anos do reinado terrestre de Cristo. A Igreja oficial teria, desta forma, apagado o anúncio deste reinado.

⁹⁵DELUMEAU, Jean. **Mil Anos de Felicidade:** Uma História do Paraíso, São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 30.

Estes ânimos milenaristas, contudo, não foram totalmente apagados dos espíritos daqueles que acreditavam nas profecias longamente propagadas em torno do *reino de mil anos*, tendo em vista que tal tradição expurgada da doutrina oficial persistiria na obscuridade da religião popular. Desta forma, na Idade Média, encontramos diversas agitações milenaristas, e sobre elas falaremos a seguir.

2.2. AGITAÇÕES MILENARISTAS NO MEDIEVO... OS REVOLUCIONÁRIOS E ANARQUISTAS MÍSTICOS.

A tradição que sobreviveu na Idade Média, até meados do século X de uma forma marginalizada para depois ser expressa abertamente, tal tradição ficou conhecida como ‘sibilinas cristãs’.

As *sibilinas cristãs* seriam textos proféticos cujos oráculos anunciavam a vinda de um rei messiânico. Segundo Delumeau, o texto mais antigo das *sibilinas* é conhecido como *Tiburtina* e teria sido escrito no século IV. A *Tiburtina* seria um testemunho sobre a confusão e as esperanças de espíritos pios em torno das guerras fratricidas dos sucessores de Constantino, em suas linhas profetizaria que Roma seria tomada e saqueada e que o imperador grego Constans restabeleceria a unidade do Império.

Então surgirá um rei dos gregos, chamado Constans, que será o rei dos romanos e dos gregos. Ele será alto, terá uma bela aparência, um rosto resplandecente, um corpo harmoniosamente desenhado em todos os seus membros. Seu reinado durará 112 anos e, durante esse tempo, as riquezas se multiplicarão e a terra dará fruto em abundância, de modo que uma medida de cereal se venderá por um denário, uma medida de vinho por um denário, uma medida de óleo por um denário. E esse rei levará consigo um dístico no qual se lerá: “O rei dos romanos libertará todo o reino dos cristãos”. De fato, ele devastará todas as ilhas e cidades dos pagãos. Exterminará em todo o universo os templos dos ídolos. Convocará ao batismo todos os pagãos e erguerá a cruz de Cristo em todos os tempos.

Ele receberá como dádiva de Deus o Egito e a Etiópia. Aquele que não adorar a cruz de Cristo será punido pela espada. E, quando forem

cumpridos 120 anos, os judeus se converterão ao Senhor e todos prestarão homenagem a seu glorioso túmulo. Naqueles dias, Judá será salvo e Israel viverá na paz.⁹⁶

A *Tiburtina* teria sido incluída e modificada no século X, pelo monge Adson, abade do Montier-en-Dier, em seu *De ortu et tempore Antichristi* [Sobre o nascimento e o tempo do Anticristo] o qual teria sido redigido a pedido de Gerberge, rainha da França, esposa de Luiz IV.

Como diz o apóstolo Paulo, o Anticristo não virá a este mundo antes que tenha ocorrido primeiro o esfacelamento do Império, ou seja, antes que tenham se separado do Império todos os reinos que lhe eram submissos. Esse tempo ainda não chegou. Pois, ainda que vejamos o Império Romano em grande parte destruído, enquanto durarem os reis dos francos, os quais devem possuir o Império Romano, a dignidade deste não perecerá totalmente, pois residirá nesses reis. Nossos doutores asseguram, com efeito, que um rei dos francos governará a totalidade do Império Romano. Ele será o imperador dos últimos tempos. Será o maior e o último soberano. Depois que ele tiver governado seu reino com felicidade, irá finalmente a Jerusalém e, no monte das Oliveiras, depositará seu cetro e sua coroa. Será então o fim e a consumação do Império Cristão de Roma.⁹⁷

Essa idéia do *imperador dos últimos dias* começava então com a *Tiburtina*, e tal idéia teria uma longa carreira que perduraria até o século XIX.

A tradição *sibilina* teria ajudado a fixar nos espíritos a figura do Anticristo. Esta figura do Anticristo amalgamou elementos vindos de três fontes: a) o livro de Daniel: “*Ele proferirá insultos contra o Altíssimo*”; “*Ele [o rei mau] se exaltará e se levantará acima de todo Deus, e contra o Deus dos deuses dirá coisas espantosas. Será bem-sucedido até consumir-se a cólera*”; b) a segunda epístola aos tessalonicenses: “*Primeiro deve vir a apostasia e manifestar-se o Homem da impiedade, o Filho da perdição, aquele que se levanta contra tudo que chamam Deus o adoram, a ponto de sentar-se em pessoa no templo de Deus e de proclamar que é Deus*”; c) o Apocalipse, no qual o nome do Anticristo não aparece mas onde se lê: “*Foi-lhe dado*

⁹⁶ DELUMEAU, Jean. **Mil Anos de Felicidade**: Uma História do Paraíso. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, pp. 32-33.

⁹⁷ Ibidem, p.33.

*fazer guerra aos santos e vencê-los, e foi-lhe dado o poder sobre toda tribo, povo, língua e nação”.*⁹⁸

Segundo Norman Cohn⁹⁹, através de toda a Idade Média a escatologia sibilina persistiu à parte das escatologias derivadas do Livro do Apocalipse, e suplantando estas últimas em popularidade. Pelo seu ponto de vista, as profecias sibilinas tiveram uma enorme influência, e constituíram, provavelmente, os escritos que mais influenciaram a Europa Medieval.

A partir do século XIV começaram a surgir traduções nas diversas línguas européias, e de quando do aparecimento da imprensa essas traduções teriam sido os primeiros livros a serem publicados.

Segundo o autor, a tradição joanina¹⁰⁰ fala de um só salvador-guerreiro, enquanto que as *sibilinas* falam de dois, porém ambos têm em comum a questão do surgimento de um poderoso inimigo de Deus, a figura do Anticristo.

As profecias *sibilinas* e joaninas teriam afetado profundamente as atitudes políticas. Para a população da Idade Média o drama grandioso dos Últimos Dias não era uma fantasia a respeito de um certo futuro longínquo e incerto, mas sim uma profecia infalível e iminente.

Cohn, diferentemente de Delumeau, aponta outro fator importante na proliferação dos agitos milenaristas medievais, a *dissidência religiosa* existente durante todo o medievo.

Segundo ele, a riqueza e as ambições políticas do alto clero e a concubinação e o laxismo sexual no baixo clero eram as principais queixas dos leigos. E, ademais, o povo queria ouvir o Evangelho de forma simples e direta, podendo assim aplicá-lo à sua própria existência, através de uma pregação acessível a ele.

Contudo, para o nosso estudo, o que mais nos interessa saber é sobre um novo tipo de escatologia que surge na Europa do século XIII, cujo idealizador é o

⁹⁸ DELUMEAU, Jean. **Mil Anos de Felicidade:** Uma História do Paraíso, São Paulo: Companhia das Letras, 1997, pp. 35-36.

⁹⁹ COHN, Norman. **Na Senda do Milênio:** Milenaristas Revolucionários e Anarquistas Místicos da Idade Média. Lisboa: Presença, 1980.

¹⁰⁰ A que deriva do Apocalipse, o qual é atribuído a São João.

abade Joaquim de Fiore. Sua escatologia influenciará sobremaneira o messianismo ibérico, o qual desaguará em terras brasileiras e fomentará todos os movimentos desta natureza ocorridos aqui no Brasil do século XIX e XX.

Depois de vários anos passados no estudo das Escrituras, Joaquim de Fiore elaborou uma interpretação das mesmas, através de inspiração divina, mostrando o sentido nelas escondido de grande conteúdo profético.

Nas suas exegeses das Escrituras, Joaquim teria elaborado um interpretação histórica como uma sucessão através de três idades, cada qual presidida por uma das Pessoas da Santíssima Trindade.

A primeira Idade era a Idade do Pai ou da Lei; a segunda Idade era a Idade do Filho ou do Evangelho; a terceira Idade era a Idade do Espírito, seria, relativamente às suas predecessoras, como o esplendor do dia comparado à luz das estrelas e à aurora, ou como o pino do Verão comparado ao Inverno e à Primavera. Se a primeira fora uma idade de terror e servidão e a segunda uma idade de fé e submissão filial, a terceira seria uma idade de amor, de alegria e de liberdade, em que o conhecimento de Deus seria revelado diretamente nos corações de todos os homens. A Idade do Espírito haveria de ser o Sabbath ou o tempo de descanso dos homens. O mundo seria então um único enorme mosteiro, em que todos os homens seriam monges contemplativos absortos em êxtase místico e unidos em cânticos a Deus. E esta nova versão do Reino dos Santos haveria de durar até o Juízo Final.¹⁰¹

Na visão da história de Joaquim de Fiore, cada idade deveria ser precedida por um período de incubação. A incubação da primeira Idade teria durado desde Adão até Abraão, a da segunda Idade teria durado de Elias até Cristo, quanto a terceira Idade, a sua incubação começara com São Bento e estava a aproximar-se do termo no momento em que Joaquim escrevia. Desta feita, era necessário aprontar o caminho. Tal era a missão de uma nova ordem de monges que iriam propagar o Evangelho através de toda a Terra. Segundo a teoria joaquimita, dentre estes monges surgiriam doze patriarcas que converteriam Israel, e um mestre

¹⁰¹ COHN, Norman. **Na Senda do Milênio**: Milenaristas Revolucionários e Anarquistas Místicos da Idade Média. Lisboa: Presença, 1980, pp. 89-90.

supremo que conduziria toda a humanidade do amor das coisas terrenas para o amor das coisas do espírito.¹⁰²

O esquema trinário montado por Joaquim de Fiore e sua respectiva correspondência entre o Antigo e o Novo Testamento permitiriam anunciar outra *concordância* entre o Novo Testamento e a terceira seqüência profetizada pelo Apocalipse. Os três estados se sucederiam, desta feita, através de uma mesma ordenação.

Personagens, acontecimentos e instituições do Antigo Testamento são reproduzidos analogamente ao Novo e se reproduzirão do mesmo modo na idade da *intelligentia spiritualis*, mas cada vez de uma maneira mais elevada e mais perfeita.¹⁰³

O abade de Fiore teria conciliado sua divisão em três tempos como um simbolismo da semana ou das 'sete idades do mundo'. As cinco primeiras teriam sido, pela ordem: da criação, de Noé, de Abraão, do reino de Judá, dos profetas e do exílio babilônico. A sexta idade teria sido inaugurada por João Batista e, plenamente estabelecida por Jesus e continuaria por todo o porvir da era cristã. E, a sétima idade seria caracterizada pelo sabá e o repouso.

Para Delumeau, Joaquim não seria um messianista, pois não teria divisado no horizonte nenhum novo messias. Tampouco seria um milenarista no sentido estrito da palavra, uma vez que jamais profetizou que o reinado do Espírito duraria mil anos. No entanto, ao romper com a interpretação de Santo Agostinho há muito acatada pela Igreja oficial, ele teria retornado às concepções escatológicas dos primeiros séculos do cristianismo.

Um movimento que teve um caráter escatológico revolucionário, e que buscou em Joaquim de Fiore as bases de sua doutrina foi o movimento do Livre-Espírito. Os seguidores do Livre-Espírito teriam sido gnósticos voltados para sua salvação individual, contudo, aparentemente, a gnose que eles atingiram poderia ser descrita como um anarquismo quase místico.

¹⁰² COHN, Norman. **Na Senda do Milênio:** Milenaristas Revolucionários e Anarquistas Místicos da Idade Média. Lisboa: Presença, 1980.

¹⁰³ DELUMEAU, Jean. **Mil Anos de Felicidade:** Uma História do Paraíso, São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 42.

Segundo Cohn, a heresia do Livre-Espírito teria sido, durante muito tempo, considerada como um dos mais intrigantes e misteriosos fenômenos da História medieval. Diz-nos que no interior da cristandade ocidental, esta heresia não pode ser localizada com precisão antes do começo do século XIII.

Como Joaquim, os Amaurianos (adeptos da doutrina do Livre-Espírito, seguidores de um dos líderes deste movimento, chamado Amaury de Bène, e mais tarde apelidados de Amaurianos)¹⁰⁴ viam a História dividida em três idades, correspondendo às três pessoas da Trindade. Contudo, distintamente à Fiore, eles acreditavam que cada idade teria sua própria Encarnação.

Desde o começo do mundo até o nascimento de Cristo, o Pai tinha atuado sozinho; ele tinha encarnado em Abraão, assim como talvez nos outros patriarcas do Velho Testamento. A idade em vigor desde a Natividade tinha sido a do Filho. Mas agora tinha já iniciado a idade do Espírito Santo, que perduraria até o fim do mundo. Essa idade seria então marcada pela última e maior Encarnação. Era a vez do Espírito Santo fazer-se carne e os Amaurianos seriam os primeiros homens em que tal se tinha processado – os primeiros “Espiritualistas”.¹⁰⁵

Podemos dizer que o movimento do Livre-Espírito, foi apenas o pontapé inicial para outros movimentos escatológicos do medievo, como, por exemplo, as Cruzadas.

As motivações escatológicas teriam desempenhado um papel determinante no desencadeamento das Cruzadas. Na época das mesmas, acreditava-se na vinda próxima do Anticristo, o qual deveria ser precedido por belas conquistas dos últimos tempos e por uma temporada dos ‘santos’ na Jerusalém libertada. Contudo, a retomada da cidade santa só poderia ser perpetrada por um Carlos Magno *redivivus*.

Essa *esperança* explicaria o extraordinário sucesso obtido em Flandres, no início do século XIII, pelo Pseudo-Balduíno. Em 1204, os cruzados haviam declarado o conde de Flandres, Balduíno IX, *Imperador de Constantinopla e do Oriente Cristão*. Porém, com menos de um ano, ele teria sido capturado e morto pelos

¹⁰⁴ A esse respeito ver: COHN, Norman. **Na Senda do Milênio**: Milenaristas Revolucionários e Anarquistas Místicos da Idade Média. Lisboa: Presença, 1980; DELUMEAU, Jean. **Mil Anos de Felicidade**: Uma História do Paraíso, São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

¹⁰⁵ COHN, Norman. **Na Senda do Milênio**: Milenaristas Revolucionários e Anarquistas Místicos da Idade Média. Lisboa: Presença, 1980, pp. 128-129.

búlgaros. Então sua filha Joana teria lhe sucedido em Flandres, mas não conseguiu impedir que Felipe Augusto se apossasse dos seus territórios. E é a partir deste momento que surge a lenda do *imperador adormecido*, segundo a qual Balduíno iria despertar e voltar; e em 1221, um eremita teria se apresentado como o conde *redivivus*, sendo reconhecido por diversos nobres e aclamado por multidões, teria sido, também, coroado como conde de Flandres e Imperador de Constantinopla, contudo, ao visitar a corte de Luiz VIII fora desmascarado e enforcado. Mas, os flamengos conservaram a lembrança de um rei messiânico.

Esse arquétipo de um rei messiânico fará parte da história de diversos povos europeus, como no caso do El Encubierto na Espanha, e O Desejado em Portugal.

Em relação as cruzadas, Delumeau nos diz que:

Em 1198, após o fracasso da Terceira Cruzada, um ‘profeta’ taumaturgo, Foulque de Neuilly, convidou os pobres a organizarem sua própria expedição, que malogrou miseravelmente nas costas da Espanha. Mas alguns anos mais tarde, em 1212, vários exércitos de “crianças” partiram em direção à Terra Santa, uns vindos da França, outros do vale do Reno. A maior parte dessas “crianças” pereceram no Mediterrâneo ou foram capturadas no mar e vendidas como escravos.

[...] A derrota e a captura de São Luís em Mansurá (1250) provocaram, por sua vez, a primeira Cruzada dos ‘pastorinhos’, que nasceu na Picardia e se pôs à caminho sob o comando de um ex-monge, o “mestre da Hungria”. Essa Cruzada, que se alastrou de Amiens à Gascônia e a Marselha, passando por Paris e Burges, suscitou a princípio um fervor popular. Mas seus excessos levaram à inversão da situação e a eliminação dos pastorinhos. O mesmo roteiro recomeçou em 1320 quando Felipe V da França propôs sem convicção a idéia de uma nova Cruzada à Terra Santa. Também desta vez, bandos de desesperados, fanatizados por ex-monges e padres apóstatas, percorreram a França de norte a sul, massacrando judeus e atacando os bens do clero. [...] Esses revoltados anunciavam, em certa medida, o milenarismo revolucionário dos séculos XV-XVI.¹⁰⁶

¹⁰⁶ DELUMEAU, Jean. **Mil Anos de Felicidade: Uma História do Paraíso**, São Paulo: Companhia das Letras, 1997, pp. 38-40.

Outro exemplo de movimento milenarista medieval é o caso de Frederico II, da Germânia. Segundo Delumeau e Cohn, os primeiros joaquimitas italianos teriam sido bastante hostis com Frederico II, várias vezes excomungado pelo papa e ao qual chegou a ser dado o qualificativo de “Anticristo” e de *rex impudicus facie* (rei de espécie impudica). Mas, do lado germânico dos Alpes, o nome de Frederico tinha adquirido uma carga simbólica.

Frederico Barba-Ruiva afogou-se em 1190 durante a Terceira Cruzada, todavia sua morte estaria cercada de mistérios e, seu neto Frederico II se teria lançando, também, às Cruzadas e, desta maneira, teria conseguido recuperar para os cristão através de negociações as cidades de Jerusalém, Belém e Nazaré coroando-se rei de Jerusalém e as suas disputas com a Igreja de Roma teriam sido vistas como uma ação purificadora sobre a Igreja corrupta.

Porém, a morte inesperada de Frederico II, em 1250, abalou a esperança escatológica que a dinastia de Hohenstaufen havia suscitado. Teriam circulado na Alemanha algumas profecias atribuídas à Joaquim de Fiore cujo conteúdo seria hostil à Frederico II e seus descendentes. A espera agora se baseava num descendente de Carlos Magno, que também se chamaria Carlos, contudo, este descendente seria um alemão e um imperador da Alemanha.

Segundo Delumeau, Cohn, Mariz Isaura Pereira de Queiroz¹⁰⁷ e Câmara Cascudo¹⁰⁸, teria surgido em torno da figura de Frederico II o sentimento de que este rei era, como Balduíno IX, um *rei messiânico*, através da crença largamente difundida de que Frederico II não havia morrido; em 1284, apareceria um falso Frederico que durante algum tempo teria conseguido juntar uma corte na cidade de Neuss, e teve a sorte do falso Balduíno.

No momento em que as tribulações da cristandade chegaram ao máximo, teria sido profetizado por um autor desconhecido do século XIV, que:

Por injunção de Deus aparece o imperador Frederico, tão nobre, tão bom
[...] A paz é instaurada [...] o Santo Sepulcro é libertado. [...] O nobre
imperador submete de novo os homens a uma mesma lei. Todos os povos

¹⁰⁷ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Messianismo no Brasil e no Mundo**. São Paulo: Dominus/EDUSP, 1965.

¹⁰⁸ CASCUDO, Luiz da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Instituto Nacional do Livro, 1954.

pagãos lhe prestam homenagem. Ele destrói o poder dos judeus, sem violência. [...] nenhum vestígio, ou quase nenhum, subsiste da tirania do clero.¹⁰⁹

Integrando o hall das violências milenaristas medievais, temos a *Rebelião Hussita* como um de seus expoentes.

Segundo Jean Delumeau, após a morte trágica dos “mártires de Constança” teria sido transformada em revolta a inquietação tcheca, todavia, esta, teria vários componentes, tais como: uma necessidade de identidade nacional que se contrapunha a rica minoria alemã, rancores sociais e, reivindicações religiosas, formuladas por John Huss, contra a Igreja Católica e a favor do retorno à uma Igreja que devolvesse aos fiéis o lugar que lhes fora usurpado ao longo do tempo.

Como, principalmente, Roma e o rei da Boêmia recusassem expressamente as concessões religiosas, os países tchecos entraram em estado de revolta. Tal revolta só teria se aplacado após cinco Cruzadas, em 1436, quando o imperador Sigismundo e o concílio de Basiléia permitiram a participação dos leigos na comunhão.

No interior da rebelião hussita, diversas correntes rapidamente se opuseram umas às outras (segundo Pierre Bourdieu¹¹⁰, dentro de cada *capital* ou *mercado de bens*, existem tensões latentes, uma vez que os mesmos são compostos por indivíduos advindos de diferentes classes e que assumem diversas categorias em seu interior, desta feita, demandando pontos de vista contraditórios entre si, mas, amalgamados em torno de um ideal comum)¹¹¹: a dos moderados, em geral formada por ricos ou abastados que teriam se contentado com modificações sociais e religiosas mais aparentes que profundas; e a dos radicais (artesãos, desempregados, camponeses esmagados por dívidas aos senhores feudais e muito propensos à violência. Além disso, entre os últimos, houve realistas, entre os quais o chefe militar João Zizka, um pequeno nobre zarolho e milenaristas extremistas que se destacaram até seu esmagamento em 1421 pelo próprio Zizka.¹¹²

¹⁰⁹ DELUMEAU, Jean. **Mil Anos de Felicidade: Uma História do Paraíso**, São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 67.

¹¹⁰ BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

¹¹¹ Grifo nosso.

¹¹² DELUMEAU, Jean. **Mil Anos de Felicidade: Uma História do Paraíso**, São Paulo: Companhia das Letras, 1997, pp. 96-97.

O que podemos deduzir em vista dessas últimas colocações, é que o norte da Europa, principalmente a Alemanha, foi terra fértil no que se refere aos movimentos milenaristas, porém não foi exclusivamente nesse recorte geográfico que tais movimentos proliferaram. Na Península Ibérica, houve um movimento de grande importância para os movimentos milenaristas vividos no Brasil do século XIX, o *sebastianismo*.

As viagens de descobrimento teriam provocado nos países ibéricos um legítimo sentimento de orgulho e de entusiasmo, por terem sido seus iniciadores. Ademais reforçaram as especulações e expectativas escatológicas. Tais expectativas seriam formadas por vários componentes:

A corrente vinda do Pseudo-Metódico, o joaquimismo e a convicção de que o fim do mundo estava próximo, já que o cristianismo ia agora se espalhar ao planeta inteiro, extensão esta considerada como a última etapa da aventura humana na terra. [...] Podia-se de fato constatar que o termo da História chegaria nos cem ou duzentos próximos anos e ao mesmo tempo acreditar que antes desse prazo a humanidade (inclusive os judeus) viveria feliz e reconciliada na verdadeira fé sob o governo de um *pastor angelicus* e do imperador dos últimos dias.¹¹³

A longa história do profetismo português, o qual culminará com o milenarismo do jesuíta Antônio Vieira, enraíza-se na mensagem de Ourique.

Em 1139, o príncipe Afonso Henriques foi vencedor dos mouros na batalha de Ourique, assumindo a seguir o título de rei. Antes da batalha, Cristo lhe aparecera e prometera o sucesso e a glória a ele e seus sucessores. Esse profetismo de forte coloração nacional permanecia muito vivo. Tal profecia era estimulada pelos franciscanos, amigos do rei, e depositários da tradição joaquimita.¹¹⁴

Essa profecia teria sido largamente difundida através das trovas do sapateiro Bandarra, cujas estrofes anunciavam o aparecimento próximo de um salvador desconhecido e por ele denominado de *O Encoberto*.

Bandarra seria conhecedor de numerosas passagens da Bíblia e teria se inspirado em Daniel, Isaías e Jeremias, mas também no ciclo arturiano e nas

¹¹³ DELUMEAU, Jean. **Mil Anos de Felicidade:** Uma História do Paraíso, São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 176.

¹¹⁴ Ibidem, p. 182.

profecias de Jean de Roquetaillade. Para Bandarra, o Salvador seria um *rei ungido pelo Senhor*, os outros reis lhe prestarão obediência como seu verdadeiro “imperador”; o amor reinará por toda parte; os pagãos servirão a um único Senhor, as tribos dispersas de Israel por Nabucodonosor voltarão todas à cavalo. Não haverá um único combatente à pé.¹¹⁵

As trovas do Bandarra inquietaram de veras a Inquisição, que as teria condenado e impedido sua impressão, sem, contudo, poderem impedir sua propagação pela oralidade. Tal atitude da Inquisição teria como base as ligações existentes entre a profecia de Bandarra e as agitações messiânicas desenvolvidas entre os cristãos-novos da Península Ibérica.

Devemos ter em perspectiva, também, que Bandarra não inventou a figura de *O Encoberto*, ele a teria tomado da Espanha. Nas terras espanholas, por volta de 1527, teriam sido divulgados textos proféticos atribuídos a Isidoro de Sevilha, que anunciavam a vinda do *Encubierto*, sobre um cavalo de madeira.

De acordo com Delumeau, tal panorama ajudaria a compreender o nascimento do *sebastianismo* no final do século XVI.

O termo *sebastianismo* significa, literalmente, a crença na volta de D. Sebastião, rei de Portugal, que teria desaparecido na batalha de Alcácer-Quibir, no Marrocos, no ano de 1548, à frente das tropas portuguesas que lutavam pela desocupação moura da Península Ibérica.

A lenda em torno do retorno do rei tem como base fundamental o desaparecimento de seu corpo do campo de batalha. Tal fato foi o início de um movimento de espera messiânica em torno da figura de D. Sebastião, que deveria voltar para trazer um reino de felicidades e riquezas para seu povo e, assim, restaurar-lhes as glórias passadas.

¹¹⁵ DELUMEAU, Jean. **Mil Anos de Felicidade: Uma História do Paraíso**, São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 182.

Ademais, tal movimento, o *sebastianismo*¹¹⁶, não terá tanta força e divulgação quanto teve durante o período da União Ibérica¹¹⁷, contudo os principais movimentos milenaristas brasileiros terão esta crença como base.

Segundo João Lúcio de Azevedo, a crença sebastianista teria um caráter longo em que, excluído a raça hebraica, não tem igual na história. Enfatiza ainda que ninguém acreditava mais que Dom Sebastião viria ressuscitar; mas questiona-se se o sebastianismo desapareceu de todo. O autor mesmo nos responde dizendo que “nascido da dor, nutrindo-se da esperança, ele é na história o que é na poesia a saudade, uma afeição inseparável da alma portuguesa”.¹¹⁸

Ana Paula Torres Megiani¹¹⁹ nos chama a atenção, para o fato de que no século XVI se desenrolarem em Portugal manifestações de cunho profético-popular, que têm seus profetas em personagens do próprio povo, como o próprio Bandarra que era um sapateiro da cidade de Trancoso. E o que é mais relevante é que estes profetas populares, em sua maioria, pertenciam ao hall dos cristão-novos.

Entre os principais defensores do *sebastianismo* estava João de Castro, que seria neto de um vice-rei da Índia e leitor das trovas de Bandarra e, a partir das mesmas, “descobriu” que o *rei encoberto* anunciado pelo sapateiro profeta só poderia ser Sebastião.

Castro teria escrito em Paris, no ano de 1597, um livro intitulado *De quinta et ultima monarchia futura* em que indicava quais haviam sido seus guias em matéria de profecias:

¹¹⁶ MEGIANI, Ana Paula Torres. **O Jovem Rei Encantado**: expectativas do messianismo régio em Portugal, séculos XIII a XVI. São Paulo: Hucitec, 2003.

¹¹⁷ Waldemar Valente diz que a lenda espanhola do Encoberto exerceu papel mais importante na gênese do sebastianismo. Dom Sebastião lendário, antes de existir em Portugal, já existia na Espanha, sob a forma de O Encoberto. A concepção da volta de D. Sebastião fora o Bandarra (sapateiro de Trancoso) buscar na lenda castelhana. Inclusive a Restauração da Independência, em 1640, processou-se sob a influência de dois poderosos estímulos: o sebastianismo e o camoneanismo. A verdadeira literatura político-messiânica começou a aparecer a partir deste momento, e acreditava-se que a Restauração havia sido profetizada e D. João IV era o rei esperado. O sebastianismo teve o mérito de avivar o espírito nacional. As trovas do Bandarra eram copiadas a mão larga, e o próprio Marquez de Pombal, inimigo dos Jesuítas (propagadores do sebastianismo em terras lusas), não se nega a afirmar que a Restauração teve neles grande esteio. Demonstrando com isso que a crença sebastianista foi realmente elemento importante na exaltação do sentimento popular pela libertação de Portugal do Governo de Espanha. In: VALENTE, Waldemar. **Misticismo e Região**: aspectos do sebastianismo nordestino. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais/MEC, 1963.

¹¹⁸ AZEVEDO, João Lúcio de. **A Evolução do Sebastianismo**. Lisboa: Presença, s/d.

¹¹⁹ MEGIANI, Ana Paula Torres. **O Jovem Rei Encantado**: expectativas do messianismo régio em Portugal, séculos XIII a XVI. São Paulo: Hucitec, 2003.

[Em primeiro lugar] o venerável abade Joaquim [...] verdadeiro santo, que profetizou um número infinito de coisas de todas as nações do mundo [...] [depois] são Metódico, mártir, bispo de Tiro [...] santa Brígida [...], o abade Cirilo do monte Carmelo [...] o bretão Merlin [...], a coleção das profecias de todos os povos feita por Telésforo, eremita de Cresentia. E também as sibilas que viveram muito antes de Cristo [...] Correm também por Portugal e Castela várias profecias de são Isidoro, arcebispo de Sevilha, que viveu há mais de mil anos, das quais não se duvida nesses reinos mesmo sem saber-se quando se realizarão. Quase todas anunciam um grande príncipe e senhor que será monarca, ao qual dão o nome de *O Encoberto* [...] Mas o principal de todos esses profetas [...] foi um homem de baixa extração, o sapateiro de Trancoso. [...] Viveu há cerca de cinquenta anos, deixando as profecias de grandes mistérios comumente chamadas as *trovas de Bandarra*. [...] Elas se espalharam de mão em mão por todo Portugal.¹²⁰

Ao aproximar-se o ano de 1640 (o ano da Restauração Portuguesa), muitos portugueses acreditavam que brevemente surgiria um rei nacional que permitiria ao povo lusitano retomar sua missão universal. A partir do ano de 1637 ocorrem algumas revoltas anti-espanholas principalmente nas terras do Alentejo e em Algarves, vendo-se nelas a realização de uma das profecias de Bandarra que predissera que antes de chegar quarenta [1640, na ótica dos lusitanos] surgiria uma grande tormenta.¹²¹ Ao mesmo tempo, houve a divulgação de diversas profecias que anunciavam a redenção portuguesa, pelos jesuítas.

O duque de Bragança, agora coroado como João IV, foi personificado como *O Encoberto* e iria realizar a última fase do plano divino que era estabelecer, graças aos portugueses, o império de Deus na terra. Passava-se do *sebastianismo* para o milenarismo e, o jesuíta Antônio Vieira haveria de ser seu campeão no eixo Portugal-Brasil.

O messianismo elaborado por Vieira, totalmente integrante de um autêntico milenarismo, era de forte coloração nacionalista uma vez que o mesmo era partidário da independência de Portugal e saudou em João IV o restaurador da pátria, mobilizando através de suas prédicas toda a ajuda possível para impedir os movimentos de reconquista espanhóis.

¹²⁰ DELUMEAU, Jean. **Mil Anos de Felicidade: Uma História do Paraíso**, São Paulo: Companhia das Letras, 1997, pp. 185-186.

¹²¹ BANDARRA. “Profecias” do Bandarra, sapateiro de Trancoso. Lisboa: Veja, s/d.

Antônio Vieira acreditava que os judeus seriam de grande importância no restauro da prosperidade comercial portuguesa, desejando, assim, que a Inquisição de seu país fosse benevolente em relação a eles.

Como muitos milenaristas, Vieira estava convencido que Israel se converteria para participar em igualdade de condições da “quinta monarquia”. Tal simpatia em relação aos judeus e o fato de referir-se em suas predicas proféticas às trovas do Bandarra atraiu a ele a ira da Inquisição, conseguindo levá-lo ao cárcere de 1665 a 1667.

Tais efervescências vieram através do Atlântico desaguar em terras brasílicas, inspirando os movimentos de cunho milenaristas que ocorreram aqui no século XIX e, também, no século XX.

2.3. SÉCULO XIX, O SÉCULO DOS PROFETAS BRASILEIROS... OS DESDOBRAMENTOS DO MILENARISMO PORTUGUÊS EM TERRAS BRASÍLICAS.

No Brasil do século XIX houve uma proliferação de movimentos milenaristas. E, todos os movimentos deste cunho que aqui se desenvolveram tiveram seu líder, *seu profeta*.

Esses movimentos surgidos ao longo de todo o século XIX, em sua maioria, tiveram fins trágicos. O primeiro movimento, da Serra do Rodeador, chegou ao fim de forma bastante violenta com a decapitação e fuzilamento dos homens, e uma espécie de degredo das mulheres e crianças. O segundo movimento de que se tem registro documental foi o da Pedra Bonita, que teve em um de seus líderes, João Ferreira o perpetrador de um verdadeiro massacre dos próprios iniciados. O movimento de Canudos, liderado por Antônio Conselheiro, encontrou, também, trágico desfecho. Foi dizimado pelas tropas republicanas em fins do século XIX.

Porém, um dos movimentos mais interessantes e relevantes a esta pesquisa foi o movimento do Padre Cícero, em Juazeiro do Norte, Ceará. Padre Cícero era

considerado uma força agregadora e ordenadora do Sertão cearense, era também, em certa medida, um transgressor o que teria acarretado em inimizades com os grandes líderes políticos da região e com certas camadas da Igreja Católica.¹²²

É nesse contexto de efervescência de profetas milenaristas que nasce, no município de Garanhuns, Agreste Meridional de Pernambuco, Cícero José de Farias (Meu Rei), no dia 13 de setembro de 1883.

No Brasil, em especial na região Nordeste, os grandes movimentos de caráter milenarista tiveram um campo fértil para seu desenvolvimento, *a priori* devido ao forte apelo do imaginário da religiosidade popular entre os sertanejos. Nesse contexto, padres e beatos são facilmente transformados em líderes messiânicos. Padre Cícero e Antônio Conselheiro são exemplos clássicos: ambos, de ampla influência, fazem parte do imaginário do homem sertanejo, impregnado de um simbolismo profético e impressionante. A frequência dos movimentos messiânicos no sertão nordestino também está associada à predominância da tradição oral naquela região. Muito da sintonia entre o líder messiânico e seus seguidores vem da desenvoltura oratória do primeiro.

As manifestações coletivas, com conseqüências trágicas, do sebastianismo no Brasil verificam-se na primeira metade do séc. XIX, em Pernambuco, com os episódios da Serra do Rodeador e de Pedra Bonita.¹²³

A primeira manifestação sebástica de que se tem notícia ocorre em 1819, na Serra do Rodeador, em Bonito, interior de Pernambuco.

Silvestre José dos Santos teria sido autoproclamado profeta, após peregrinações por Alagoas, de onde foi praticamente expulso pelas autoridades locais, aproveitando-se do misticismo popular conseguiu difundir entre os sertanejos a crença sebastianista.

Pregava a volta de D. Sebastião e os milagres advindos daí. Dizia que quando o rei voltasse seus seguidores seriam abençoados com riqueza e felicidade.

¹²² Todos estes movimentos serão mais bem aprofundados nas páginas que se seguem.

¹²³ VALENTE, Waldemar. **Misticismo e Região:** aspectos do sebastianismo nordestino. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais/MEC, 1963.

Chefiando a nova seita, criou uma organização religiosa batizada de *Irmandade do Bom Jesus da Pedra*.

Waldemar Valente no diz que os rituais eram realizados numa espécie de templo improvisado em um mocambo. Lá eram guardadas duas pequenas imagens de pedra, uma da Virgem Maria e outra de Jesus Cristo.

Os fiéis apresentavam-se diante do mestre e confessavam-se para a santa de pedra que, segundo Silvestre, falava e tinha poderes sobrenaturais. Silvestre José dos Santos, ou mestre Quiou como ficou conhecido, interpretava as confissões e impunha penitências, que podiam ser pagas com dinheiro. Distinções e honrarias, que garantiam *status* diferenciado aos fiéis, também podiam ser negociadas na nova seita. Não se tem muito conhecimento das práticas religiosas da Serra do Rodeador, mas registram-se semelhanças entre os rituais de admissão à nova seita e os rituais maçônicos. Sabe-se que as cerimônias consistiam de cantigas e rezas, e seu final era marcado com uma salva de tiros.

Em pouco mais de um ano, o número de seguidores da nova seita cresceu e deixou alarmados os moradores dos arredores. Os sebastianistas agrupavam-se em casas cobertas de palha, numa espécie de arraial, e já se organizavam como comunidade independente, com regras próprias.

Os habitantes da região queixavam-se de serem enganados e mesmo roubados pelos seguidores da irmandade. Pressionado pelos comerciantes e fazendeiros locais, o então governador de Pernambuco, Luís do Rego Barreto, mandou uma tropa do exército combater e dissipar os fanáticos do Rodeador. Houve confronto e mortes. O pequeno povoado formado pelos sebastianistas foi incendiado; os homens, fuzilados e decapitados; mulheres e crianças, levadas ao Recife e abandonadas à própria sorte.¹²⁴

¹²⁴ A esse respeito ver: CABRAL, Flávio José Gomes. **Paraíso Terreal**: a rebelião sebastianista na Serra do Rodeador. Pernambuco, 1820. São Paulo: Annablume, 2004; CABRAL, Flávio José Gomes. . “Dom Sebastião e a Virgem da Pedra: práticas religiosas e sediciosas em Pernambuco colonial”. In: **Cadernos de Olinda**. Olinda - PE, v. 01, n. 01, p. 01, 2005; CABRAL, Flávio José Gomes. . “Desertores, desempregados e outros elementos perigosos na 'cidade do paraíso terreal': a rebelião sebastianista na serra do Rodeador (Pernambuco, primeira metade do século XIX).” In: **História & Perspectivas**, Uberlândia, v. 29-30, pp. 07-31, 2004; CABRAL, Flávio José Gomes. “A Guerra do Rodeador.” In: **Revista Continente Multicultural**, v. 34, pp. 88-91, 2003; VALENTE, Waldemar. **Misticismo e Região**: aspectos do sebastianismo nordestino. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais/MEC, 1963.

A respeito do movimento da Pedra Bonita, Antônio Leite¹²⁵ relata que no ano de 1836, um homem religioso e ao mesmo tempo astucioso, chamado João Antônio dos Santos, apareceu em São José do Belmonte apresentando umas pedrinhas brilhantes que dizia serem diamantes da melhor qualidade. Dizia que tinha encontrado essas pedras numa lagoa encantada, junto a duas grandes pedras próximas dali. Dizia também que tinha tido uma visão, e que nessa visão D. Sebastião, rei de Portugal, havia revelado a ele que aquelas duas pedras eram as torres de uma catedral encantada. E munido de um folheto, contava a vida e a morte de D. Sebastião, seu misterioso desaparecimento na batalha de Alcácer-Quibir e sua esperada ressurreição. Percorrendo toda a zona de Flores, Piancó, Cariri, Riacho do Navio e margens do São Francisco com suas pregações, ele começou a criar um movimento religioso e político em torno das duas pedras. O número de pessoas que o seguia deixou as autoridades locais inquietas e mandaram para lá um padre—Francisco José Correia de Albuquerque—que convenceu João Antônio a partir para o sertão do Ceará.

Segundo Antônio Leite¹²⁶, cerca de dois anos após a partida de João Antônio, um cunhado dele, João Ferreira, que havia ficado em Pernambuco, retomou as pregações com maior vigor e intensidade e se autoproclamou rei. E, sendo ele mais violento que João Antônio, foi durante o seu reinado que se deram os trágicos acontecimentos da *Pedra Bonita*.

Afirmava João Ferreira que D. Sebastião também aparecera a ele em sonho e confirmara que as duas pedras eram, realmente, as torres de uma catedral cujas portas se abririam para um reino encantado. Mas este reino só se desencantaria quando as bases das pedras fossem banhadas com sangue. Então, D. Sebastião surgiria com toda a sua corte e operaria milagres. E quem se oferecesse em sacrifício seria recompensado com riqueza, poder e imortalidade: os pretos ressuscitariam brancos; os feios, bonitos; os velhos voltariam jovens, e etc. Com isso ele praticou o massacre.

Com a promessa de boa fortuna e imortalidade, João Ferreira logo conseguiu reunir inúmeros fiéis à sua volta, entre vaqueiros, agricultores e moradores de toda a

¹²⁵ LEITE, Antônio Ático de Souza. “Memória sobre a Pedra Bonita ou o Reino Encantado”. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Pernambuco**. Recife, V. XI, 1903-1904.

¹²⁶ LEITE, Op. Cit.

zona percorrida antes por João Antônio. Os sebastianistas formaram uma espécie de povoado em torno das duas pedras, chamando o local de *Pedra do Reino* ou *Reino Encantado de Pedra Bonita*. Estabeleceu-se, então, uma hierarquia que beneficiava toda a família do rei João Ferreira. Em escala de importância e *status* dentro da comunidade, estavam: abaixo do rei, seu pai e o pai de João Antônio, que eram considerados maiores; Josefa, mulher de João Ferreira e irmã de João Antônio, era a Rainha e os irmãos dela, Pedro e Isabel, eram príncipe e princesa. Isabel, aliás, dividia com Josefa o leito de João Ferreira. Também gozavam de privilégios um certo Frei Simão, que conduzia os rituais religiosos, e toda a sua família.

Teria havido uma revelação de D. Sebastião transmitida à João Ferreira que para terem o *reino* prometido deveriam lavar as pedras com sangue e, desta forma, os sacrifícios foram marcados para o dia 14 de maio de 1838. O pai de João Ferreira foi o primeiro a oferecer seu pescoço, dando início ao morticínio que prosseguiu durante os dias seguintes. Nos três primeiros dias de matanças, foram sacrificadas 53 pessoas, entre homens, mulheres e crianças, e 14 cães. Alguns sobreviventes da matança alertaram as autoridades e os líderes de tal movimento foram presos, com exceção de João Ferreira que após matar suas duas esposas foi imolado pelos seus seguidores.¹²⁷

Maria Isaura¹²⁸ nos mostra, que diferentemente das crenças sebastianistas medievais, os movimentos sebásticos do século XIX acreditavam que D. Sebastião era um grande rei que distribuiria entre seus adeptos imensas riquezas e cargos honoríficos instalando no mundo o Paraíso Terrestre, em detrimento da visão primeira de um grande unificador nacional.¹²⁹

¹²⁷ Para mais informações ver: LEITE, Antônio Ático de Souza. “Memória sobre a Pedra Bonita ou o Reino Encantado”. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Pernambuco**. Recife, V. XI, 1903-1904; DIAS, Alexandre Alves. “A Serra do Rodeador e a irmandade do Senhor Bom Jesus da Pedra”. In: **Revista Suplemento Cultural**. Recife: CEPE, out/nov., 1997.

¹²⁸ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O Messianismo no Brasil e no Mundo**. São Paulo: Dominus/EDUSP, 1965.

¹²⁹ Ibidem.

Para Euclides da Cunha, é em Canudos que a concepção e construção de uma comunidade mística que procurava a total comunhão com o divino visando o alcance do Paraíso Terrestre encontrou sua expressão máxima.¹³⁰

O Conselheiro era um apaixonado pela Igreja Católica e jamais concordou que a República tirasse dela sua autonomia e poder; foram às ações republicanas – secularização dos cemitérios, criação do casamento civil, etc.- que levaram o líder de Canudos a construir uma escatologia revolucionária sertaneja.

Ele proclamava a espera da vinda de D. Sebastião e seus cavaleiros, dizendo que quando da monarquia era melhor, pois, a Igreja detinha em suas mãos o poder sobre os homens, inclusive os reis, divinamente perpetrado aos sacerdotes.

Antônio Conselheiro passaria, desta forma, para a história como um libertador, um condutor da *Verdade Divina*, com uma força tão igual ou maior às idéias sebásticas na mente do homem medievo português.¹³¹

Outro personagem dos milenarismos nordestinos foi o Padre Cícero, sendo contemporâneo do Conselheiro, teria se configurado como líder carismático por volta de 1872, atuando no Sertão do Cariri, interior do Ceará. Líder que era mais afortunado do que o Santo Aparecido, como era conhecido Antônio Conselheiro.

O domínio deste líder cearense sobre os adeptos durou até 1934, época de sua morte. Mas, ainda hoje, sua influência sobrevive na cidade de Juazeiro que, por sua vez, apresenta todos os caracteres de uma cidade mística. Trata-se do “Padim Ciço”, o maior santo do nordeste.¹³²

Quando chegou a Juazeiro, padre Cícero encontrou apenas uma capelinha. Ao morrer, na madrugada de 20 de julho de 1934, deixou uma cidade complexa e desenvolvida com cerca de quarenta mil habitantes.

Quando, em 1872, Padre Cícero se instalou em Juazeiro teria encontrado ali “um antro de ladrões de cavalos, ébrios e desordeiros”, amancebados que viviam

¹³⁰ CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

¹³¹ Estas últimas informações acerca do sebastianismo e seus desdobramentos foram primeiramente expostas por nós na monografia intitulada: **MEU REI: a imortalidade no Sertão do Moxotó**. Serra dos Bréus, Buique-PE, séculos XIX-XX. Recife: UFPE, 2008.

¹³² QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O Messianismo no Brasil e no Mundo**. São Paulo: Dominus/EDUSP, 1965, p. 231.

nas ruas ou em sítios das redondezas. A reputação do lugarejo era de tal ordem que os viajantes desviavam dele.¹³³

Segundo Maria Isaura, entre 1872 e 1890, Padre Cícero se dedicou inteiramente à catequese, à recuperação da população para a Igreja. Sua existência era quase nômade. Maltratado, peregrinava de sítio em sítio, de casa em casa, em constantes missões, pregando, apaziguando brigas, organizando terços, novenas e procissões, procurando diminuir o abandono em que vivia aquele povo. Instituiu o culto de Nossa Senhora das Dores, dando-lhe grande ênfase. No povoado, procurava organizar pomposas festas, mais uma vez, com o intuito de atrair a população para a Igreja.

Padre Cícero teria intercedido ativamente quando a cidade de Juazeiro, entre 1877 e 1879, foi acometida por flagelos e por epidemias. Nas ocasiões em que estiagem assolou a região, seu comportamento foi o mesmo: instalou retirante em terras que eram suas e nas quais os retirantes podiam cultivar de graça aconselhava sobre novas culturas, como a mandioca, a maniçoba; distribuía víveres; incitava a construção de obras públicas nas quais os retirantes pudessem ganhar a vida, etc. Realizava estas atividades não só com recursos que possuía, mas também, pedindo ao governo. Padre Cícero se apresentava aos governantes como porta-voz dos flagelados, como protetor dos humildes, como advogado dos pobres. Reforçava sua imagem de beato usando cabelos e barbas longos, batina descorada pelo uso, sandálias e, ainda, o bastão de peregrino.

As autoridades o consideravam “um elemento de ordem no sertão”. Sem ele não conseguiriam que a região permanecesse pacífica. Qualquer reação desencadeada pela Igreja não levaria a descrença aos ingênuos tabaréus. Mesmo que Padre Cícero fosse proibido pela Igreja de pregar, de ouvir confissões, de se entregar à direção das almas, de rezar a missa, os adeptos continuariam afluindo para se colocarem em definitivo aos pés dele. Somente para pedir a bênção.

A cidade de Juazeiro continuava crescendo. Padre Cícero obedeceu a todas as ordens da Igreja, apenas não admitiu que o tirassem de perto do “seu povo”. A partir dos milagres viveu praticamente independente de ordens. Se a Igreja não

¹³³ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O Messianismo no Brasil e no Mundo**. São Paulo: Dominus/EDUSP, 1965.

exigiu que cumprisse a ordem de abandonar Juazeiro foi porque ela sabia que os romeiros não deixariam a ordem ser cumprida sem luta. O Bispo do Ceará permitiu que o padrinho permanecesse em sua cidade. Padre Cícero mantinha-se obediente, proclamava sua adesão à Igreja, o que inviabilizava uma acusação de cismático.

Ainda que existissem dissabores, o prestígio do Padre Cícero não fazia senão crescer. Rodeado de adoração, cristalizavam-se ao redor de sua figura, lendas e milagres. Relatos sobre estas lendas e sobre estes milagres correram pelo sertão e muitos passaram a buscar a presença de Padre Cícero. Os cantadores espalhavam, através de seus romances, os prodígios mais extraordinários.

Apesar da adoração, existem opiniões contrárias que definem o Padre como coronel e como protetor de bandidos.

Um líder messiânico, como Padre Cícero de Juazeiro do Norte, Ceará (1870-1934), uma região que produziu muitos jagunços, tornou-se célebre sobre os camponeses pobres e sobre os jagunços e cangaceiros. Foi ele quem tentou armar Lampião para lançá-lo contra a Coluna Prestes. Ao contrário, porém, de outros líderes messiânicos e de outros rebeldes, a rebeldia do Padre Cícero circunscreveu-se ao interior da Igreja, suspenso de ordens. Fora dela, juntou jagunços e coronéis, tornando-se ele próprio um poderoso coronel sertanejo que chegou até depor o governador do Ceará.¹³⁴

Segundo Della Cava¹³⁵, o Padre Cícero não é nem santo, nem herói, seria, apenas, um simples e humilde devoto, como tantos outros sacerdotes do sertão do século XIX. O autor considera que ele se transformou em uma figura mais controvertida da história do Brasil pelas circunstâncias. Defensor involuntário de um “milagre”, Padre Cícero foi denunciado pela Igreja como impostor. Os temerosos coronéis, chefes políticos, o viam como perigoso agitador, pois, ele era aclamado como santo injustiçado pelas massas famélicas de sertanejos. Para estes últimos, Padre Cícero seria capaz de livrar os pobres e os enfermos de suas aflições.

¹³⁴ MARTINS, José de Souza. **Os Camponeses e a Política no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1981, p. 61.

¹³⁵ DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Juazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

2.4. SÉCULO XX... MILENARISMO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO.

No Estado de Santa Catarina surge um movimento milenarista com um cunho político-econômico mais forte e profundo do que os seus antecessores, tal movimento ficou conhecido como *Contestado*.

Segundo Douglas Teixeira Monteiro¹³⁶, entre os anos de 1912 e 1916, ocorreu uma disputa entre Santa Catarina e Paraná por uma região denominada de Contestado. Tal disputa teria levado às armas cerca de vinte mil “sertanejos” revoltados com os governos estaduais que promoviam a concentração da terra nas mãos de poucos.

Existia, também, um descontentamento com o governo federal, o qual teria concedido uma extensa área, já ocupada, à empresa americana responsável pela construção da estrada de ferro de São Paulo/Rio Grande do Sul, que passava pelo território em disputa.

. Desta forma, os “sertanejos” teriam enfrentado as forças militares dos dois Estados e do Exército Nacional, responsáveis pela repressão da revolta.

Segundo Monteiro, os revoltosos teriam sido liderados, inicialmente, por um monge peregrino, José Maria, que um ano mais tarde, após sua morte, faria eclodir um movimento milenar de crença em sua ressurreição e na instauração de um reino de paz, justiça e fraternidade. Os revoltosos chegaram a controlar uma área de vinte e oito mil quilômetros quadrados.

A Guerra do Contestado terminou em massacre tendo em vista que, embora imbuídos de uma empolgação ímpar, os “sertanejos” não puderam resistir à superioridade bélica das forças repressivas. Assim, terminada a Guerra, Paraná e Santa Catarina chegaram a um acordo sobre a questão dos limites e a colonização da região é intensificada.

Na década de 1980, ocorre um movimento de cunho milenarista no interior do Estado da Paraíba, precisamente na cidade de Campina Grande.

¹³⁶ MONTEIRO, Douglas Teixeira. **Os Errantes do Novo Século**: Um estudo sobre o surto milenarista do Contestado. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

Os “Borboletas Azuis” acreditavam que haveria um dilúvio – fixaram até uma data para sua ocorrência – após o qual seria instaurado um mundo renovado tal qual supunham ter existido no passado mítico da tradição judaico-cristã. Esse mundo seria uma espécie de reatualização do paraíso auroral.

Segundo Josildeth Consorte e Lísias Negrão¹³⁷, as primeiras notícias a respeito do movimento aparecem a partir de meados de 1978 quando os participantes da Casa de Caridade Jesus no Horto – um estabelecimento considerado espírita e registrado como tal, que tinha como substrato a doutrina católica – anunciaram uma profecia que afirmavam ter recebido do próprio Jesus. Tratava-se da ocorrência de um dilúvio, previsto para o dia 13 de maio de 1980.¹³⁸

A partir de então, esse grupo modificou completamente o seu cotidiano. Os “Borboletas Azuis”, como ficaram conhecidos, alcançaram destaque nacional e até mundial.¹³⁹

O movimento não se inicia com a profecia. A Casa de Caridade Jesus no Horto foi fundada em 1961, por Roldão Manguiera de Figueiredo, com a finalidade de pôr em atividade uma casa espírita.

Roldão Manguiera de Figueiredo nasceu em Conceição do Piancó (PB), tendo migrado, na década de 1930, para Campina Grande, onde, posteriormente, tornou-se um próspero comerciante de algodão, agave e mamona.¹⁴⁰

De acordo com Consorte e Negrão, as profecias dos “Borboletas Azuis” causaram enorme efervescência na cidade, a tal ponto que ganham notoriedade nacional, alargando o campo de visibilidade do grupo. A partir da profecia do dilúvio, no dia 13 de cada mês, os membros remanescentes passaram a fazer caminhadas de peregrinação pelas ruas centrais da cidade, anunciando o dilúvio e conclamando as pessoas a visitar a Casa de Caridade Jesus no Horto a fim de se voltarem pra

¹³⁷ NEGRÃO, L. N.; CONSORTE, J. G. “Os Borboletas Azuis de Campina Grande: um movimento messiânico malogrado.” In: NEGRÃO, L. N.; CONSORTE, J. G. (Orgs.) **O messianismo no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FFLCH-USP/CER, 1984, pp. 303-428. (Coleção Religião e Sociedade Brasileira).

¹³⁸ A profecia teria sido revelada em meados de 1978. O aviso entregue e endereçado à humanidade em geral, comunicava sobre um provável dilúvio que aconteceria em 13 de maio de 1980. In: “Borboletas Azuis aguardam o dilúvio que começa hoje.” In: **Diário da Borborema**, Campina Grande. 13 de maio de 1980b.

¹³⁹ “Borboletas Azuis: os fanáticos do dilúvio.” In: **Revista Manchete**, Rio de Janeiro, pp. 68-85, 10 nov. 1979.

¹⁴⁰ “Centenas de Pessoas Acompanharam o Sepultamento de Roldão Manguiera In: **Diário da Borborema**, Campina Grande, 25 de julho de 1980.

Jesus e escaparem dessa terrível catástrofe. A figura daqueles crentes sem sandálias nos pés e vestidos com mantos azuis e brancos chamou a atenção dos moradores da cidade, que passaram a denominá-los “Borboletas Azuis”.

O fato é que grande parte da população de Campina Grande se indignou com essas pessoas, e elas se tornaram alvo de insultos e, por vezes, agressões durante suas caminhadas de peregrinação¹⁴¹:

Segundo Roger Chartier, as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros, ao contrário, “produzem estratégias e práticas que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezadas, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas condutas”.¹⁴²

Nesse sentido, a partir de fatos reais diversamente interpretados e divulgados, uma multiplicidade de imagens discursivas foi sendo construída a respeito do movimento.

Preocupados com a reação da comunidade campinense em relação aos “Borboletas Azuis”, professores, rotarianos e cursilhistas formaram uma comissão para discutir a questão. Temia-se que, se levados ao ridículo, os participantes do grupo pudessem chegar ao desespero. “A zombaria pode se tornar a causa de um desastre em Campina Grande”, diziam eles.¹⁴³

A preocupação com uma provável tragédia que poderia suceder no dia 13 de maio – caso o dilúvio não acontecesse – sobreveio, principalmente, devido às comparações que começaram a ser feitas entre Roldão Mangueira e Jim Jones.¹⁴⁴ O episódio do suicídio em massa provocado pelo pastor norte-americano, ocorrido cerca de um ano antes, ainda se encontrava muito fresco na lembrança das pessoas

¹⁴¹ “Populares Espancaram Roldão e seus adeptos.” In: **Diário da Borborema**, Campina Grande, 26 set. 1979.

¹⁴² CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. São Paulo: Difel, 1990, p. 17.

¹⁴³ “Borboletas Azuis não devem ser hostilizados.” In: **Diário da Borborema**, Campina Grande, 08 maio de 1980a.

¹⁴⁴ Em 1978, o pastor norte-americano Jim Jones conduziu seus seguidores do “Templo do Povo”, situado em São Francisco (USA), para uma região remota da Guiana, onde fundaram um assentamento que chamaram de Jonestown. Ali eles se preparavam para o “grande dia”, que acreditavam estar próximo. Em novembro daquele ano, um senador americano e alguns integrantes da mídia chegaram ao local em uma missão de averiguação de denúncias feitas sobre a seita de Jim Jones. Depois de emboscar a comitiva e assassinar praticamente todos os integrantes, Jones e seus seguidores tomaram ponche com cianureto, cometendo provavelmente o maior suicídio em massa da história. Cerca de novecentas pessoas morreram. Todavia, como assevera Wilson, Jones e seus seguidores acreditavam que “a morte não seria morte, ao contrário, iria libertá-los dos infortúnios da vida humana comum, elevá-los a um nível espiritual mais alto e salvá-los da ira que Deus estava prestes a verter sobre o mundo”. In: WILSON, D. A. **A história do futuro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002, p.39

e muitos temeram que um fato semelhante viesse a ocorrer em Campina Grande. Alguns jornais manifestavam a preocupação com o fato através de manchetes que, provavelmente, alardearam ainda mais a população da cidade: “*Suicídio coletivo pode-se repetir em Campina Grande*”, dizia a manchete do Jornal Correio da Paraíba de 13/5/1980¹⁴⁵; “*Seita de Roldão pode levar adeptos ao suicídio*”, dizia o Diário da Borborema de 26/8/1979.¹⁴⁶

Segundo Consorte e Negrão, os 120 dias profetizados pelo movimento, em que a terra estaria inundada não se perpetraram. Assim, a profecia não foi concretizada. Ao contrário do esperado, o dia 13 de maio de 1980 teria sido de um sol radiante. Poucos meses depois desse episódio, mais precisamente no dia 24 de julho do mesmo ano, Roldão faleceu. A direção do movimento foi assumida por Antonio de França, que já assumia papel importante na Casa ao lado de Roldão. A sucessão de Roldão por Antonio de França se explica, de acordo com a tipologia weberiana¹⁴⁷, pelo “carisma” alcançado por este último, o que lhe dá legitimidade.

Após a morte de Antonio de França, no entanto, já com uma significativa diminuição do número de adeptos, a missão é informalmente assumida por D. Helena Fernandes, mulher que nas palavras de Negrão e Consorte “é inteligente e enérgica”¹⁴⁸. Seria ela quem dá prosseguimento às atividades no Templo. Ela seria uma das principais responsáveis pela ‘sobrevivência’ da missão. O não cumprimento da profecia apocalíptica não significou o fim total do movimento, o qual continua vivo para essas adeptas e alguns poucos mais que ainda esperam o agir de Deus e a concretização da profecia. Seria errôneo encarar esse fenômeno religioso como algo imóvel ou que ficou no passado. Ele deve ser visto como algo vivo, em constante processo de significação e ressignificação.

O movimento milenarista que constitui o centro deste trabalho dissertativo, encontra-se inserido no panorama dos movimentos milenares contemporâneos. Seu espaço temporal antecede em poucos anos o movimento das Borboletas Azuis e o

¹⁴⁵ ARCELA, Alberto. “População de Campina Grande revoltada com a previsão das Borboletas Azuis”. In: **Correio da Paraíba**, João Pessoa, 13 de maio de 1980.

¹⁴⁶ “Seita de Roldão pode levar adeptos ao suicídio.” In: **Diário da Borborema**, Campina Grande, 26 de agosto, de 1979.

¹⁴⁷ WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. 3. Ed. Brasília: UNB, 1994.

¹⁴⁸ NEGRÃO, L. N.; CONSORTE, J. G. “Os Borboletas Azuis de Campina Grande: um movimento messiânico malogrado.” In: NEGRÃO, L. N.; CONSORTE, J. G. (Org.) **O messianismo no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FFLCH-USP/CER, 1984, p. 318. (Coleção Religião e Sociedade Brasileira).

ultrapassa em mais de uma década, tendo em vista que se inicia no início da década de 1960, quando Meu Rei funda sua primeira comunidade milenarista na cidade de Campina Grande, depois, em meados de 1965, funda sua segunda comunidade milenar na cidade de Puxinanã (cidade vizinha à Campina Grande), para finalmente, encontrar o local definitivo para seus seguidores esperarem a chegada do terceiro milênio, a Serra dos Bréus (Buíque), no ano de 1976 e perduraria até o ocaso da década de 1990.

Ele consegue liderar tal movimento por longos vinte e três anos, instituindo uma ordem social, política e moral na mesma. E como percebemos no decorrer de nossas leituras, as ambições políticas muitas vezes amparam-se no elemento religioso e sua insatisfação perpassa explicações racionais e se instala em justificações divinas. Como bem nos diz Pierre Bourdieu¹⁴⁹, existe um entrelaçamento entre o campo religioso e o campo político. O primeiro caracteriza-se por uma base burocrática forte, o que levaria o segundo à apropriar-se de algumas de suas diretrizes e discursos. Como no caso dos imperialismos que têm suas bases no milenarismo nacionalista¹⁵⁰, tais imperialismos se desenvolveram, muitas vezes, como verdadeiras *guerras santas*¹⁵¹.

Dentro desta ótica, a criação da comunidade da Fazenda Porto Seguro não poderia ter se dado de outra forma a não ser por ordem divina. O local de espera do advento do milênio não seria mais a Jerusalém do Apocalipse de João, mas sim a Fazenda Porto Seguro, na Serra dos Bréus. E a nação responsável por tal repovoamento seria a brasileira (aqui se entende “nação brasileira” como o grupo dos iniciados) e Meu Rei seria seu grande líder.

A fundação da comunidade da Fazenda Porto Seguro lembra bastante o Israel antigo. Israel nasce a partir de um chamado divino ao patriarca Abraão, que

¹⁴⁹ BOURDIEU, Pierre. **Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

¹⁵⁰ A fase nacionalista do messianismo caracteriza-se pela presença de um herói nacional que deve desincumbir-se da velha promessa feita por Deus e originalmente cumprida pelo próprio Deus nas guerras de Javé, no tempo de Josué e dos Juízes (período descrito no Antigo Testamento). Como também é o caso de figuras nacionais elevadas ao patamar de *messias*, como o caso de Frederico II, El Cid e D. Sebastião. KOHN, Hans. **“Messianisme”**. In: **Encyclopedia of Social Science**. New York: Macmillan, 1948.

¹⁵¹ Como um caso clássico, podemos citar a colonização das Américas, principalmente a América Espanhola e Portuguesa, que tiveram na “necessidade de civilizar” os selvagens através da fé católica, para que deles fosse também o paraíso e para aumentar seu contingente de fiéis, que foi gravemente ameaçado pela Reforma Protestante.

estando em Ur, na Mesopotâmia, recebe ordens semelhantes às recebidas por Meu Rei de criar um novo povo, um novo começo de civilização.

Na tentativa de justificar e legitimar sua escolha como enviado e representante de Jeová, Meu Rei elaborou um código ético-religioso composto por vários documentos.

As revelações, no código, se dão de forma progressiva, quase como se estivessem seguindo a evolução espiritual do instrumento da divindade. O código busca fomentar a legitimidade de Meu Rei como representante de Deus na terra, assim como a legitimidade da comunidade da Serra dos Bréus como o povo escolhido.

Deus vai recomençar o mundo de glória no seu reino aqui na Serra dos Bréus. No tempo do dilúvio houve um julgamento para a geração adâmica, e de Noé a Cristo não houve mais julgamento. Deus sempre falou a este mundo através de seus confidentes, bem como, Abraão, Moisés e Cristo. Porém, agora vim desci das alturas, estou na terra como soberano, senhor de tudo que existe no universo. Eu sou Jeová o pai de Jesus Cristo, Eu vim para dá cumprimento ao bem, criar o reino de Deus aqui na Fazenda Porto Seguro, um *Novo Paraíso*.¹⁵²

O que percebemos é que, diferentemente dos judeus, que esperavam a *Nova Jerusalém* descer dos céus, vê-se claramente nas descrições feitas no código, de duas cidades a Deusa e a Arco-Íris¹⁵³, que ambas emergiriam do solo quando da hecatombe do Juízo Final instalando-se na Serra dos Bréus, no Brasil, e tendo Meu Rei como líder, participante da Trindade Divina.

Mas, esta construção do Paraíso não ocorreria se não existisse uma demanda pelo capital simbólico oferecido por Meu Rei na roupagem salvacionista tantas vezes empregada pelo Cristianismo, seja católico ou reformado, como forma de angariar adeptos, ou consumidores, de um mercado de bens simbólicos bastante significativo.

Estes pontos e todos os seus desdobramentos serão mais bem aprofundados no capítulo a seguir.

¹⁵² FARIAS, Cícero José de. **Testamento**: a palavra de Deus. Aqui está claro a palavra de Deus falando a Israel. Buique: Fazenda Porto Seguro, 1993.

¹⁵³ Símbolo emblemático da aliança firmada entre Deus e Noé quando do fim do dilúvio, e representava a vontade divina de não mais *soterrar* o mundo por sob as águas.

CAPÍTULO III

O PROFETA PERNAMBUCANO DE DEUS: MEU REI E A CONSTRUÇÃO DO PARAÍSO

Eu acredito que o paraíso terrestre esteja onde existam gentis-homens que possuem muitos bens e vivem sem se cansar.

Domenico Scandela, dito Menocchio.¹⁵⁴

3.1. CÍCERO JOSÉ DE FARIAS... OS CAMINHOS QUE LEVARAM AO NASCIMENTO DO PROFETA

No dia 13 de setembro de 1883, nascia no distrito de Garanhuns, Agreste Meridional pernambucano, Cícero José de Farias (o futuro Meu Rei). Filho do Sr. João Manoel de Farias e de Dona Maria Aurélia de Jericó.¹⁵⁵

Meu Rei não era filho único, teve sete irmãos, sendo o seu irmão Manoel o único a acompanhá-lo em sua jornada milenarista.

¹⁵⁴ GISNZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. 10 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 157.

¹⁵⁵ Informações retiradas da certidão de óbito de Cícero José de Farias, a qual nos foi concedida pelo Sr. Jesus José de Farias (filho de Meu Rei), em entrevista dada à autora em outubro de 2007. Tais informações foram por nós utilizadas, primeiramente, em nossa monografia, intitulada: **MEU REI**: a imortalidade no Sertão do Moxotó. Serra dos Bréus, Buíque – PE, séculos XIX-XX.. Recife: UFPE, 2008.

Imagem 1 – Cícero José de Farias



Fonte: Arquivo pessoal da Sr.^a Maria Monteiro

Imagem 2 – Da esquerda para a direita: Manoel de Farias (irmão), Raquel (sobrinha), Irmã Apolínia (irmã), Dona Maria Monteiro (cunhada) e Ruth (sobrinha).



Fonte: Arquivo pessoal da Sr.^a Maria Monteiro.

Imagem 3 – Irmã de Cícero José de Farias¹⁵⁶



Fonte: Arquivo pessoal da Sr.^a Maria Monteiro

Imagem 4 – Irmã Apolónia



Fonte: Arquivo pessoal da Sr.^a Maria Monteiro

¹⁵⁶ Devido ao pouco convívio, a Sr.^a Maria Monteiro não soube nos dizer o nome desta irmã de Cícero José de Farias.

Acreditamos que entre os anos de 1920 – 1925, Cícero José de Farias mudou-se da cidade de Garanhuns, para o município de Arcoverde no Sertão do Moxotó, sendo acompanhado nesta migração por sua mãe e irmãos.¹⁵⁷

Não conseguimos descobrir o que levou Cícero e sua família à deixarem Garanhuns e migrarem para tal localidade. Porém, tal mudança parece ter sido decisiva para o seu futuro como *confidente de Deus*¹⁵⁸.

Lá, juntamente com um de seus irmãos, abre um armazém de secos e molhados, chamado de Nova Aurora. E foi nos fundos de seu estabelecimento comercial que, no dia 13 de janeiro de 1932, Cícero teve seu primeiro contato com a divindade, e recebe sua primeira missão – o *carisma da cura*.

Começava, assim, sua longa jornada místico-religiosa:

Aconteceu que, mês de janeiro, eu às 11 horas da noite já tinha dormido um sono; me acordei, fui olhar uma mercadoria que tinha no telhado debaixo do muro. Aconteceu que quando saí fora do muro, olhando o ar, o alto, a Via Láctea das estrelas, entre as estrelas mirim, uma brilhava mais que as outras. Eu fiquei admirado com aquele planeta e achei que aquele planeta, ele tava crescendo, porque em proporção que eu admirava o planeta, o planeta foi crescendo. Eu senti que a irradiação do planeta tocou no meu eu. Eu tive medo, quis voltar para dentro de casa, não pude, fiquei estado; também não estava sentindo nenhuma coisa mal e observei que o planeta vei baixando, vei baixando. Quando se foi assim como o tamanho da lua cheia ou uma laranja grande, transformou-se no rosto de Jesus. Quando transformou-se no rosto de Jesus, a cidade, o claro da cidade ficou de maneira um claro alvo-azulado, que o claro desapareceu, a luz elétrica desapareceu. Bem, desceu aquela entidade corpo celeste, puramente Jesus. E desceu solto. Então, quando aproximou-se de mim, em cima de um monte – eu estava na cidade e o monte assim vizinho ao lado nascente da cidade. Ele desceu em cima do monte [...] então aconteceu que eu falei com Jesus; Ele falou comigo. Antes que eu falasse com Ele, Ele foi quem falou comigo [...] Era em forma telepática. Aquilo vinha direto. A fala Dele entrava no meu eu, no meu pensamento e minha fala também para Ele não

¹⁵⁷ Através das entrevistas realizadas entre agosto e outubro de 2010 com os participantes da comunidade, acreditamos que no momento desta mudança para Arcoverde, Cícero já era órfão de pai.

¹⁵⁸ O recebimento da primeira missão de Cícero ocorre durante sua vida em Arcoverde, não existindo registro de acontecimento semelhante, durante os 42 anos em que viveu em Garanhuns.

era com a boca aberta. Eu transmitia em forma telepática a sistema de perguntas que eu Lhe fiz pelo tombem ao que Ele me propôs uma missão:

- Tens missão a cumprir. Não nasceste para ser romano – disse Jesus.
- Senhor, que missão? - indagou Cícero.
- Você tem missão dada por Mim. É a missão da cura – respondeu Cristo.
- Senhor, eu não sou farmacêutico, não sei curar, não conheço essas coisas. Eu trato de comércio – retrucou Cícero.
- Cristo, por sua vez, replicou: Cura em meu nome.¹⁵⁹

Após o recebimento da missão de cura dada a ele por Jesus Cristo, Cícero conversa com sua mãe e ela o incentiva a seguir o que lhe foi ordenado. Deste modo, ele se despede de sua família e ganha a estrada rumo a paragens diversas.

Ele teria peregrinado por várias cidades nordestinas: Arcoverde, Caruaru, Buíque (PE); Puxinanã, Livramento, Teixeira, Patos, Campina Grande (PB); Juazeiro do Norte (CE); Maceió (AL) e Bahia (não nos foi possível precisar quais cidades baianas teriam sido alvo de suas peregrinações)¹⁶⁰.

De todas essas localidades, quatro seriam de importância vital para uma mudança ainda mais radical na vida de Cícero – Teixeira, Campina Grande, Puxinanã e Buíque.

Enquanto peregrinou executando sua missão de cura, Cícero arregimentou um número modesto de seguidores¹⁶¹ que tenderia à aumentar no ano de 1952, 20 anos após Jesus ter-lhe aparecido.

Jesus teria falando novamente com Cícero:

- Suba a Serra da Borborema, em Teixeira, na Paraíba. Faça um círculo de madeira; deixe uma entrada. Dentro desse círculo faça outro menor; deixe outra entrada ao reverso da outra. Dentro do menor faça uma palhoça com o teto bem feito, porque vai cair uma chuva. Leve lápis, papel, porque

¹⁵⁹ Depoimento de Cícero José de Farias, Meu Rei, concedido à Carlos Buenos Ayres. In: BUENOS AYRES, Carlos. **Breus, serra onde Deus habita, berço de uma nova civilização**: um movimento messiânico-milenar em gestão no Nordeste – (Buíque – PE). Dissertação de Mestrado em Antropologia. Recife: UFPE, 1994, pp. 22-24.

¹⁶⁰ Não sabemos precisar o porquê do fato de Cícero apenas ter peregrinado pelo Nordeste brasileiro, se foi alguma *ordem divina* ou escolha própria, pela tradição nordestina dos *profetas* – Antonio Conselheiro, Padre Cícero, Silvestre José dos Santos, João Antônio dos Santos, João Ferreira, etc..

¹⁶¹ Em sua maioria pessoas gratas pela cura de alguma enfermidade (tanto da carne, quanto do espírito).

receberás a missão por escrito. Mas você já viu Jesus, mas Deus-Pai você não vai ver.¹⁶²

Com tal determinação em mente, Cícero faz como lhe foi dito. Subiu a Serra e lá passou três dias à espera. Depois de já acomodado, tem seu primeiro encontro com Deus-Pai, “por uma teofania marcada pela percepção sensorial não-visual de um jato de energia.”¹⁶³

- De agora em diante teu nome não é mais Cícero José de Farias e sim Israel¹⁶⁴. E tens missão a cumprir. E a tua missão é para preparar um povo para guardar pra entrada do terceiro milênio um começo de civilização. Um povo que não jogue, que não beba, que não brinque carnaval; um povo que não mate gente; um povo que não jogue jogo de espécie nenhuma; um povo que guarde respeito pelos animais, que não sacrifique o carneiro, o boi, o caprino, etc. É essa sua missão.
- Senhor, e essa, esse pessoal, como fica, aonde vou guardar? É fora, é no campo, é em cidade, onde é? - pergunta Cícero.
- É dentro de uma pedra – responde-lhe Jeová.
- Bem, Senhor, como é que eu abro essa pedra pra guardar esse povo? – volta à carga Cícero.
- Esse local, esse lugar, essa fonte, ela já está aberta. Falta você encontrar que é dentro de uma caverna na serra [...] – responde Jeová.
- Esse local, esse lugar, essa fonte, ela já está aberta. Falta você encontrar que é dentro de uma caverna na serra; tirar o entupimento de areia e você vai ficar para tratar de guardar esse povo – respondeu Jeová.
- Senhor, e quando ao causo da missão, tem sucessor? – pergunta Cícero José de Farias.
- Não! A missão que lhe dou não tem sucessor. É por todos os seus dias. – responde Jeová, ponde termo ao diálogo.¹⁶⁵

¹⁶²BUENOS AYRES, Carlos. **Breus, serra onde Deus habita, berço de uma nova civilização**: um movimento messiânico-milenar em gestão no Nordeste – (Buíque – PE). Dissertação de Mestrado em Antropologia. Recife: UFPE, 1994, p. 25.

¹⁶³ Ibidem, p. 26.

¹⁶⁴ A origem do nome Israel deve-se a uma luta travada entre um anjo e Jacó, neto de Abraão, o patriarca de judeus, cristãos e muçulmanos. Depois da briga, Deus selou com Jacó uma aliança e rebatizou-o como Israel, que, em hebraico, significa *ministro de Deus*. Gênesis, cap. 32. In: **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 1998.

¹⁶⁵ BUENOS AYRES, Carlos. **Breus, serra onde Deus habita, berço de uma nova civilização**: um movimento messiânico-milenar em gestão no Nordeste – (Buíque – PE). Dissertação de Mestrado em Antropologia. Recife: UFPE, 1994, pp. 26-27.

Agora, Cícero tinha sido rebatizado. Já não trazia mais o nome que seus pais lhe deram, mas sim, o nome **Israel** dado a si diretamente por Deus-Pai. Pois para Deus-Pai somente Israel poderia ser o *pastor do povo eleito*, do povo que teria a responsabilidade de repovoar a Terra no advento do *Paraíso Terrestre*, num mundo pós-apocalíptico.

O que percebemos, ao longo de nossas pesquisas, foi que os movimentos de cunho messiânico-milenar são totalmente centralizadores. Seus líderes são o centro da vida religiosa, social e política e não deixam sucessores. Segundo alguns teóricos, tal comportamento traria em si leves traços de psicopatia e sociopatia, pois, é necessário que esses *profetas* se retirem da sociedade na qual estão inseridos desde o nascimento, para criarem um novo mundo social no qual eles são os detentores absolutos do poder e de todas as formas de capital. Muitos atribuem ao carisma o fato de conseguirem arregimentar seguidores e manterem-se na liderança de seus prosélitos.

Na passagem abaixo podemos ver que apenas Israel é digno da confiança de Deus-Pai:

[...] Claro que a palavra de Deus se cumpre sem limite na sua bondade e na sua soberania, poder e misericórdia, julgará todas as coisas com retidão e justiça, até que venha o filho de Deus completar a sua missão até a entrada do terceiro milênio. Deus-Pai em frente desse mundo para ajudar o Governo da nação brasileira no sentido da paz, como tudo o que aqui exponho no sentido do novo mundo na entrada do terceiro milênio, Eu Deus posso responder pelo que aqui revelo como obra santa em fé e verdade na expressão da palavra, **bem-digo, fora de Israel não vem outro digno da confiança de Deus para lhe substituir a missão que Deus lhe confiou, assim revelado e escrito até que venha o Rei da paz Cristo Jesus na glória do seu poder e na majestade da sua soberania reinar na terra como Deus de muitos povos, nações e línguas.**¹⁶⁶ [...] Disse Deus ao povo de **Israel**¹⁶⁷: Sois vós o meu povo a semente do bem que plantei com as minhas mãos para colher frutos capaz de habitar com Deus, em um reino que não terá fim.

¹⁶⁶ Grifo nosso. Aqui neste trecho percebemos a confirmação de que somente Meu Rei seria digno de cumprir a missão dada por Deus-Pai. Sendo sucedido, apenas, pela vinda de Jesus Cristo.

¹⁶⁷ Grifo nosso. O termo Israel aqui se refere aos iniciados.

Em fins de novembro de 1952, é fundado o Novo Paraíso¹⁶⁸, por ordem de Deus-Pai:

Estando eu no roçado pela manhã do dia 29 de novembro de 1952, fui tomado por uma faixa de energia que descia do alto de modo salutar. Tomou meu corpo e inspirou-me de modo consciente, ordenando fundar o Novo Paraíso, para as finalidades da reforma do mundo, porque já não lhe convinha os homens em desobediência a Deus.¹⁶⁹

Após essa ordem direta de Deus-Pai, Israel volta a peregrinar por algumas cidades do interior nordestino. Ele passaria um período em Juazeiro e, construiria sua primeira comunidade em Campina Grande.

3.2. ISRAEL... PEREGRINAÇÕES E A CHEGADA À “TERRA PROMETIDA”

Quando Israel se fixa em Juazeiro leva, consigo, em torno de vinte e quatro seguidores. Não faz mais cura¹⁷⁰. Agora junta um povo para cumprir sua segunda missão, a de guardar um povo numa fuma para repovoar a terra no terceiro milênio. Os rumores se espalham pela cidade do sertão cearense, e algumas pessoas aderem às fileiras de iniciados buscando uma colocação no hall dos *eleitos*¹⁷¹. Sua atuação na terra do Padre Cícero, acarretou em uma perseguição pelo clero católico.¹⁷²

Por conta desta perseguição da Igreja Católica, Israel e seus seguidores saem de Juazeiro e passando pelo Recife seguem para Campina Grande. Mas, não se fixam nessa última por muito tempo. Seguem, agora, para uma cidade chamada

¹⁶⁸ Ou Legião Jesuítica Cristã, ou Novo Israel, ou Nova Jerusalém, segundo documentos antigos. In: BUENOS AYRES, Carlos. **Breus, serra onde Deus habita, berço de uma nova civilização**: um movimento messiânico-milenar em gestão no Nordeste – (Buíque – PE). Dissertação de Mestrado em Antropologia. Recife: UFPE, 1994, p. 27

¹⁶⁹ Ibidem, p. 27.

¹⁷⁰ Deus-Pai o teria proibido de fazer curas, pois, o *eleito de Deus* não seria conhecido como curandeiro. Contudo, tivemos relatos de alguns de seus seguidores, que após se fixar na Serra dos Bréus, Israel teria feito algumas curas.

¹⁷¹ Através das entrevistas realizadas por nós entre os meses de agosto e outubro de 2010, percebemos que, segundo os relatos, naquela época (1950) era comum no interior se falar constantemente sobre o *fim do mundo*, e ao saberem que existia um homem que dizia falar com *Deus* e que estava a juntar um povo para a chegada do terceiro milênio, muitas pessoas que acreditavam nessas “teorias” apocalípticas deixaram tudo para seguir Israel.

¹⁷² RIBEIRO, René. **Antropologia da Religião e Outros Estudos**. Recife: Massangana, 1982, pp. 257-259.

Livramento, também na Paraíba. Lá, Israel teria montado um escritório de estudos arqueológicos, cujo objetivo era procurar uma fuma, ou caverna, que serviria de abrigo para o grupo com o advento do terceiro milênio, conforme predito por Deus-Pai. O grupo permaneceu nesta localidade por cerca de cinco anos, e saiu de lá em direção à Campina Grande devido a uma perseguição sofrida.

Mas, desta vez, não foi do clero Católico e sim de um latifundiário de nome Argemiro Cândido. Esse novo episódio de perseguição fez com que o grupo retornasse à Campina Grande, momento no qual Israel comprou um sítio na localidade de Puxinanã (cidade próxima à Campina Grande) onde, algum tempo depois, fixou residência.

Apesar da mudança, Israel manteve ativo seu escritório de arqueologia em Livramento, existindo uma locomoção constante do grupo entre Puxinanã e Campina Grande para, segundo Buenos Ayres, angariar fundos para continuar com as explorações arqueológicas em Livramento.

A respeito destas locomoções, Carlos Buenos Ayres afirma:

As locomoções de Israel, entre Puxinanã e Campina Grande, culminaram com a maior das perseguições já sofridas pelo grupo em sua “caminhada”, nesta última localidade, por volta de 1966. Seus componentes foram presos pela polícia “... sob a acusação de estarem iludindo a boa-fé de pessoas do povo despojando-se de seus haveres, a fim de custearem as escavações em Livramento”.¹⁷³ Tais denúncias foram feitas por parentes de alguns adeptos, revoltados com a adesão dos mesmos ao movimento.¹⁷⁴

Segundo Buenos Ayres, o grupo teria sido libertado graças à intervenção do advogado contratado Raimundo Asfora.¹⁷⁵

¹⁷³ RIBEIRO, René. **Antropologia da Religião e Outros Estudos**. Recife: Massangana, 1982, p. 258.

¹⁷⁴ BUENOS AYRES, Carlos. **Breus, serra onde Deus habita, berço de uma nova civilização: um movimento messiânico-milenar em gestão no Nordeste – (Buíque – PE)**. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Recife: UFPE, 1994, p. 31.

¹⁷⁵ Nas entrevistas que fizemos com os seguidores de Meu Rei entre o mês de outubro de 2006 e outubro de 2010, tal episódio tem narrativa divergente. Eles nos relataram que o que aconteceu foram denúncias sobre um homem que fazia reuniões clandestinas, e quando a polícia chegou ao sítio em Puxinanã, segundo relatos, local da segunda comunidade milenarista de Meu Rei, encontraram pessoas reunidas ao redor de um homem (Meu Rei) que explicava uma passagem bíblica recém lida, avistando a Bíblia fechada em cima da mesa. A primeira comunidade de cunho milenarista fundada por Meu Rei teria sido na cidade mesmo de Campina Grande. Todas essas informações advêm dos relatos dos iniciados.

Esse panorama resultou na saída do grupo de terras paraibanas. Migraram para Pernambuco, mais precisamente para o distrito do Catimbau no município de Buíque, de onde, finalmente, fixariam residência permanente na Serra dos Bréus.

3.3. SERRA DOS BRÉUS... LOCAL DA NOVA JERUSALÉM

Israel pretendia instalar sua nova comunidade na Vila do Catimbau, contudo, mais uma vez, seu intento é impossibilitado pela perseguição do clero católico da localidade. Ele volta, então, às suas andanças pelo Vale. E nessas caminhadas ele encontra a Serra dos Bréus, onde compra¹⁷⁶ um pedaço de terra com algumas economias e começa o trabalho de desbravar um lugar que era como alguns relataram, uma capoeira meio ‘selvagem’, sem água, com muita pedra e mato e nada mais.

O primeiro empreendimento na nova terra foi erguer uma casa para abrigar as pessoas que o acompanhavam nessa jornada. A primeira casa erguida era de palha. Como uma grande palhoça onde todos moravam, ou, fazendo uma comparação com os indígenas da região, uma grande oca. Mas, nem todos que o seguiam desde os primórdios de sua peregrinação, foram, nesse momento, para o alto da serra. Alguns ficaram em Arcoverde e Buíque, pois os Bréus era um lugar inóspito e de difícil acesso.

Depois de erguida a casa, o trabalho mais pesado na construção da comunidade teve início: tornar a Serra dos Bréus um lugar habitável. O alto da Serra era um lugar com muita vegetação nativa, solo pedregoso, onde era preciso andar quilômetros até os chamados *caldeirões* localizados no meio do Vale do Catimbau para se ter um pouco de água; levantar-se muito antes do raiar do sol para capinar, cozinhar, buscar água, construir casas, abrir caminhos (durante muito tempo só se era possível ir ao topo da serra a cavalo ou mula, não existiam estradas para carros, só trilhas estreitas em meio à mata).

¹⁷⁶ Acreditamos que essa compra tenha sido efetuada com o dinheiro de alguma economia possuída por Israel.

Os Bréus se configuravam, assim, como o local ideal para a implantação definitiva da comunidade. Era um local de difícil acesso, com diversas trilhas, visão privilegiada de todo o Vale do Catimbau, além de possuir a caverna¹⁷⁷ predita por Deus-Pai.

Imagem 5 – Caminho que leva à caverna



Fonte: Acervo próprio.

Como pode ser visto na imagem acima, o caminho que leva à caverna predita por Deus-Pai, como local de aguardo do milênio é íngreme e acidentado. Para que pudéssemos chegar até esse ponto, realizamos uma caminhada de aproximadamente uma hora. Deste ponto visualizado acima, pode-se perceber uma protuberância rochosa de cor meio avermelhada, por lá Israel e seus seguidores passavam por uma abertura em arco e percorriam uma trilha estreita, levando

¹⁷⁷ A caverna é repleta de pinturas rupestre, tem cerca de 600 metros de extensão, e Israel teria tido uma revelação de Deus-Pai que aquela era a fuma designada por Ele para abrigo do *povo eleito* na chegada do terceiro milênio.

ferramentas e outros objetos. Nós não chegamos a ir à entrada da caverna, pois entre essa passagem estreita e sua entrada temos nada mais além de um imenso precipício, e não pudemos arriscar à fazer tal descida sem o equipamento adequado. Na caverna, cabiam, folgadoamente, cinqüenta pessoas. O local consistia numa espécie de imenso salão, onde, nos primórdios da Porto Seguro, eram realizadas as reuniões dominicais e algumas festividades.

Imagem 6 – Paredão onde se localiza a caverna



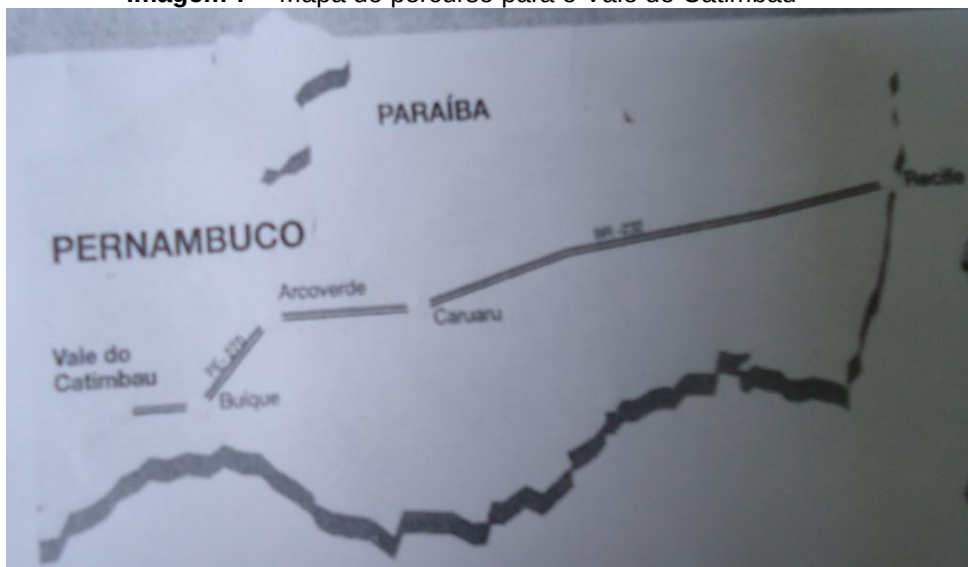
Fonte: Arquivo próprio

Para chegar à comunidade, para quem sai do Recife, é preciso pegar a BR-232 até Arcoverde, de lá se percorre a PE-270 até Buíque. Dependendo do trânsito, a viagem de aproximadamente 291 quilômetros pode durar de três a quatro horas. Mas, ainda não chegamos à comunidade, pois, é preciso pegar a estrada de terra que liga Buíque ao Vale do Catimbau, passando pela vila do mesmo nome e

andando mais ou menos uns 30 minutos por outra estrada difícil e arenosa para finalmente chegar à porteira da Fazenda.

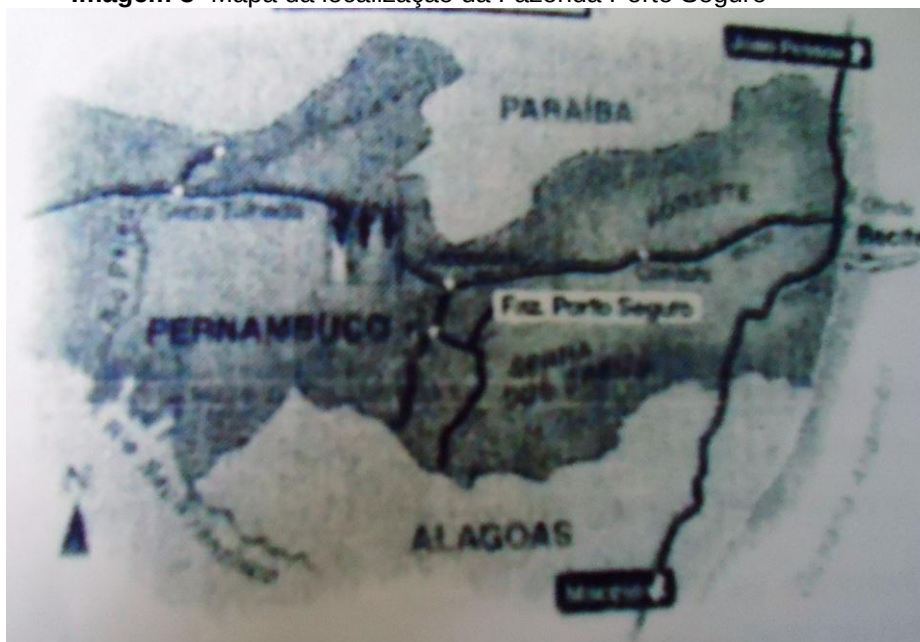
É preciso ficar atento nesse trecho da viagem, pois, a entrada para a Fazenda não está sinalizada, o que pode levar o visitante à ir até a comunidade do Muquén, vizinha à Porto Seguro. Foi-nos relatado que, por questões políticas, a placa que lá existia indicando a entrada da comunidade foi quebrada e retirada.

Imagem 7 – Mapa do percurso para o Vale do Catimbau



Fonte: Diário de Pernambuco, Caderno Viagem, 01 de setembro de 1998.

Imagem 8- Mapa da localização da Fazenda Porto Seguro



Fonte: Revista Os Caminhos da Terra, dezembro de 1996.

Israel finalmente tinha encontrado o local profetizado para abrigar o *povo eleito*. E, assim, em 1976 era fundada a Fazenda Porto Seguro.

3.4. A FAZENDA PORTO SEGURO... O REFÚGIO DO POVO ELEITO

A economia primeira da Fazenda baseava-se no plantio da mandioca para a feitura de farinha. A casa de farinha da comunidade era de propriedade de Israel, e a produção era, principalmente, para venda externa.

Ao se adentrar nos domínios da Fazenda Porto Seguro, fica-se impressionado diante de sua estrutura e visão do Vale. Não é possível percorrer todos os seus 700 hectares, contudo, as trilhas e caminhos que percorremos são de tirar o fôlego e nos faz pensar que realmente chegamos a um local de paz e tranquilidade.

O clima da Fazenda é seco e quente durante o dia e frio e úmido durante a noite. A Serra dos Bréus fica há aproximadamente 800 metros acima do nível do mar, o que proporciona um ar um tanto quanto rarefeito.

Ao sentarmos em sua praça central, para fazermos nossas observações acerca da comunidade e interagir com seus moradores, percebemos, além da beleza, o abandono em que se encontram algumas das casas, principalmente as que foram de certa forma, abandonadas por seus donos com o falecimento de Israel.¹⁷⁸

Ficamos verdadeiramente impressionados com a grandeza do que ali foi construído, do que ali foi semeado. Já entre os remanescentes constatamos que alguns deles acreditam verdadeiramente na volta de Israel para o cumprimento de sua missão, como acreditavam em todos os seus ensinamentos e palavras quando o mesmo ainda estava à frente da comunidade.

Descobrimos, através das entrevistas, que o objetivo de Israel era transformar a Porto Seguro num lugar auto-suficiente, numa comunidade onde reinaria a harmonia entre seus moradores e todos teriam o necessário para sua subsistência.

¹⁷⁸ Segundo relato dos iniciados.

Desta forma, todos esperariam, numa sociedade pacífica, a vinda do milênio e a instauração do Paraíso Terrestre que surgiria nas terras da Fazenda, na Serra dos Bréus, Sertão do Moxotó.

O coração da comunidade era, e ainda é, o *Palácio de Deus*. Dele se ramificaram as ruas e casas; dele também é possível ver todos os ângulos da ‘vila’ Porto Seguro. O Palácio é o ponto central da comunidade. Atualmente sua conservação e preservação ficam á cargo de Dona Carminha, uma das fundadoras da Fazenda.¹⁷⁹

3.5. O PALÁCIO DE DEUS... MORADA DE UM REI IMORTAL

A construção do *Palácio de Deus* teria seguido um modelo divino, ocorrendo sua edificação através de ordem direta de Deus-Pai:

[...] Tu homem de Deus, toma aos teus ombros o peso e a responsabilidade da missão que Te dei de **Rei de paz**¹⁸⁰, conserve a minha paz, guarda os meus mandamentos e faz o que Te autorizo fazer para nós, um palácio na Serra dos Bréus como residência de um soberano que governa a sua nação. Esse palácio que Te autorizo fazer não é uma igreja, é um palácio de residência de um governador, e Eu como Deus pelo espírito presente que sou, personificado na tua pessoa falando na tua boca.¹⁸¹

A partir deste momento, Israel fica conhecido apenas por Meu Rei – Rei de Paz, e assim seria chamado por seus seguidores e visitantes. E é de *Meu Rei* que vamos denominá-lo a partir de agora.

O Palácio de Deus foi construído com madeira, tijolos e cimento. Para entrar em seu terraço, passamos um pequeno portão de ferro, pintado de verde. Logo que

¹⁷⁹ Diferentemente do que poderíamos pensar, a Porto Seguro não foi um empreendimento solitário de Israel; ele contou com a ajuda de três irmãs vindas da aldeia Kapinawá (próxima à Serra dos Bréus): Dona Carminha, Marluce e Helena. Carminha foi a primeira das irmãs a acompanhar Meu Rei em sua jornada desbravadora dos Bréus, seguida logo depois de sua irmã Marluce e de Helena. Elas eram responsáveis por cozinhar e cuidar da palhoça. Além de buscar água e ajudar no plantio da mandioca, etc.

¹⁸⁰ É a partir deste momento que Israel passa a ser comumente chamado de Meu Rei.

¹⁸¹ FARIAS, Cícero José de. **Testamento**: a palavra de Deus. Aqui está claro a palavra de Deus falando a Israel. Fazenda Porto Seguro, Buíque, novembro de 1993.

o ultrapassamos vemos alguns bancos de cimento rodeando a parede do terraço, janelas envidraçadas (para tentar manter a poeira longe), logo em seguida tem uma porta que nos conduz a uma espaçosa sala.

Imagem 9 - Terraço lateral esquerdo



Fonte: Acervo próprio

Imagem 10 - Terraço frontal



Fonte: Acervo próprio

Imagem 11 – Vista da porta de entrada do Palácio



Fonte: Acervo Próprio

Imagem 12 - Primeira Sala do Palácio



Fonte: Acervo próprio

Imagem 13 - Espaço da primeira sala, onde Meu Rei ouvia música



Fonte: Acervo próprio

Depois, outra porta que nos leva à outra sala menor. Do lado direito desta segunda sala há outra porta que nos conduz ao primeiro quarto do Palácio; do lado esquerdo uma meia parede que nos leva a uma escadaria que vai dar no subsolo; em frente, temos a sala de reuniões com sua imensa mesa sustentada por cavaletes, onde Meu Rei passava para a comunidade os documentos ditados por Deus e realizava as reuniões dominicais.

Imagem 14 - Segunda Sala do Palácio



Fonte: Acervo próprio

Imagem 15 – Escadaria que leva à cozinha, no subsolo



Fonte: Acervo próprio

Imagem 17 – Vista Lateral do Palácio de Deus.



Fonte: Acervo Próprio

Podemos observar, na imagem acima, visivelmente seis andares do Palácio, o qual ainda conta com o subsolo.

O Palácio era o centro social e religioso da comunidade. Em suas dependências aconteciam às reuniões dominicais, as festas e todo o tipo de recepção aos visitantes.

Era em seus terraços que Meu Rei costumava receber visitantes de diversas localidades. Nesses momentos, conversava e debatia com eles questões de cunho filosófico e teológico. Muitas foram às vezes em que recebeu maçons vindos de Maceió e com eles tinha longas palestras. Era nesses terraços que Meu Rei também recebia os políticos da região.

Imagem 18 – Israel e alguns dos maçons que o visitavam



Fonte: Acervo fotográfico da Fazenda Porto Seguro

Em determinado momento, Meu Rei passou a receber também alguns romeiros. Chegavam ônibus lotados de pessoas em busca de uma palavra do *velhinho que falava com Deus*, e também de cura¹⁸².

Quando estivemos na comunidade em nossas pesquisas de campo, no mês de outubro de 2010, chegou uma van com romeiros oriundos do interior de Alagoas. Esses romeiros tinham ido à Porto Seguro, cerca de 40 anos atrás, e chegaram lá em busca do “meu amiguinho”, do “velhinho” e se decepcionaram ao saber que Meu Rei não se encontrava mais entre os vivos.

Eles nos disseram que em sua primeira visita, Meu Rei conversou bastante com eles. E respondeu algumas perguntas. Curou alguns¹⁸³ e a todos deu algumas garrafas de *Água da Vida*.¹⁸⁴

¹⁸² Segundo a Sr.^a Dadá (participante da comunidade) Meu Rei teria curado sua irmã. A irmã da Sr.^a Dadá sofreria de tétano no braço direito. Todo o drama teria começado quando sua irmã procurou um médico para mostrar um caroço que tinha na axila direita, o médico, então, teria diagnosticado o tétano e lhe teria dito que como ela demorou muito a procurar ajuda médica, a doença tinha se espalhado para o seio direito e os locais se encontravam bastante infeccionados; a profilaxia seria amputar ambos (o braço e o seio); Dadá e sua irmã ouviram falar de um homem que se dizia confidente de Deus e, como último recurso, procuraram Meu Rei na Fazenda Porto Seguro, lá chegando Meu Rei passa-lhe um “tratamento” com a *água da vida* e durante dois meses ela bebe a água e lava o local com ela; Dadá nos contou que Meu Rei teria feito uma ‘cirurgia’ no braço de sua irmã e, juntamente com a *água da vida*, Meu Rei a teria curado. Depois deste episódio, ambas aderiram ao movimento de Meu Rei. Acreditamos que o relato desta cura tenha se espalhado entre os visitantes da comunidade, o que explicaria constante busca por cura de doenças, através de Meu Rei, depois do relatado acima.

¹⁸³ Os relatos destas ‘curas’ vão de cisco no olho à dores de cabeça. Nada da amplitude da cura realizada na irmã da Sr.^a Dadá.

Ao longo de nossa conversa com esse grupo de romeiros alagoanos, percebemos que os mesmos fazem uma correlação entre Meu Rei e o Padre Cícero. A todo o momento, o nome de um era utilizado para exemplificar o outro.

Eles têm Meu Rei como um tipo de santo. Guardam até hoje fotos dele em suas casas emolduradas e penduradas na parede, ao lado da Virgem Maria e do Padim Padre Cícero.

Foi nas dependências do Palácio que Meu Rei criou a moeda Talento. O Talento era, segundo ele, a moeda do *reino divino* e iria prevalecer no Brasil com a chegada do Terceiro Milênio e a anuência do Governo Republicano. Contudo, o Talento transformou-se mesmo em um souvenir da comunidade, que os visitantes compravam à Meu Rei.¹⁸⁵

Imagem 19 – Cédulas de Talento



Fonte: Acervo Próprio

Não deve ter sido fácil para Meu Rei manter o equilíbrio da vida comunal com tantos visitantes oriundos de diversas realidades sociais que, decerto poderiam de alguma forma influenciar seus prosélitos. Por tanto era importante haver regras comuns a todos e Meu Rei as criou englobando vários problemas da sociedade

¹⁸⁴ Água da Vida ou Água Abstratosa era uma água que Meu Rei preparava e dizia conter o abstrato (ou substrato) de Deus-Pai, tal água prolongaria a vida e acabaria com todas as doenças. Para seus seguidores, a Água da Vida seria um tipo de “água benta” da Igreja Católica ou “água fluidificada” do Espiritismo.

¹⁸⁵ Segundo relatos dos prosélitos, os visitantes compravam as cédulas do talento como forma de ajudar Meu Rei financeiramente.

contemporânea, como assassinio, jogatina, consumo de entorpecentes, entre outros. Ademais, também ocorriam festividades na Porto Seguro, que constituíam o círculo litúrgico comunal.

3.6. MEU REI E A ADMINISTRAÇÃO DO *ESPAÇO SOCIAL*...

A ordem social comporta uma série de observâncias específicas, positivas ou negativas, que se juntam para a manutenção e a estabilidade de uma sociedade. Essas observâncias têm um significado especial quando se referem às expressões ético-simbólicas da fenomenologia do ato religioso no que se refere às expressões culturais vigentes em uma determinada formação social.

Dentre os teóricos sociais, foi Max Weber quem teria encontrado os meios de correlacionar o conteúdo do discurso místico aos interesses religiosos daqueles que o produzem, que o difundem e que o recebem. Numa visão mais aprofundada, chega a constituir o sistema de crenças e práticas religiosas como a expressão transfigurada das estratégias dos diferentes grupos de especialistas em competição pelo monopólio da gestão dos bens salvacionistas. Weber afirma que a religião cumpre uma função social de conservação da ordem social, contribuindo para a legitimação do poder dos dominantes e para a domesticação dos dominados.¹⁸⁶

Para Pierre Bourdieu, a religião contribui para a imposição (dissimulada) dos princípios de estruturação da percepção e do pensamento do mundo e, em particular, do mundo social, na medida em que impõe um sistema de práticas e de representações cuja estrutura objetivamente fundada em um princípio de divisão política apresenta-se como a estrutura natural-sobrenatural do cosmos.¹⁸⁷

A formação de um *habitus* religioso, segundo Bourdieu, seria o princípio gerador de todos os pensamentos, percepções e ações, segundo normas de uma representação religiosa do mundo natural e sobrenatural, isto é, objetivamente ajustados aos princípios de uma visão política do mundo social. Dentro deste *habitus*

¹⁸⁶ WEBER, Max. **Economía y Sociedad**: esbozo de sociologia comprensiva. V. I. Ciudad Del Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1964.

¹⁸⁷ BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólica**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

circularia um *capital religioso* que dependeria do estado da estrutura das relações objetivas entre demanda religiosa e oferta religiosa que as diferentes instâncias são compelidas a produzir e a oferecer em virtude de sua posição na estrutura das relações de força religiosa.

Na ótica de Bourdieu, este capital religioso determinaria tanto a natureza, a forma e a força das estratégias que estas instâncias podem colocar a serviço da satisfação de seus interesses religiosos com as funções cumpridas por estas instâncias na divisão dos trabalhos religiosos.

Dentro das perspectivas teóricas aqui apresentadas, Meu Rei teria desenvolvido ritos e proibições nas terras da comunidade da Fazenda Porto Seguro que garantiriam a consolidação e permanência da ordenação do espaço social comunitário no qual ele era o líder absoluto.

Uma vez por semana ocorriam as chamadas Reuniões Dominicais, ou Ciclo Litúrgico Semanal, essas reuniões serviam para manter a solidariedade interna, estimular a fé na Aliança para com Jeová e instigar a crença comum na esperança da Parusía e subsequente instauração do Reino de Deus na Terra – o milênio. Cada Reunião constituiria o ensejo para a efetuação de sermões, por parte de Meu Rei, contra eventuais desânimos, críticas e dissensões no grupo e, também, para que cada um dos iniciados pudesse se pronunciar.

As festas, ou datas festivas, da comunidade ocorriam três vezes ao ano e constituía o ciclo litúrgico dos ‘neo-israelitas’ e eram chamadas Festas de Natividade.

Imagem 20 – Meu Rei, coroadado, dançando bolero



Fonte: Acervo Fotográfico da Fazenda Porto Seguro.

Imagem 21 – Meu Rei dançando Bolero



Fonte: Acervo Fotográfico da Fazenda Porto Seguro

Imagem 22 – Festividade da Fazenda



Fonte: Acervo Fotográfico da Fazenda Porto Seguro

Contudo não existiam somente festividades na comunidade tinham, também, proibições e estas consistiam em dez tópicos básicos: o *diabolismo*, a *idolatria*, a *feitiçaria*, os *seqüestros*, os *assaltos*, os *roubos*, *matar*, o *uso de entorpecentes*, o *jogo*, as *festas de intervenção*.

A proibição do *diabolismo*, da *idolatria* e da *feitiçaria* tinha como objetivo a viabilização da fé e da livre fidelidade a Jeová e à Nova Aliança, por parte dos iniciados.

Em relação aos *seqüestros*, *assaltos* e *roubos*, eram proibidos, como também a existência de pessoas que os praticassem, pois, essas perseguições concorreriam negativamente contra a vida comunal.

No referente a *matar*, os seguidores de Meu Rei dizem que a comunidade era o Reino da Vida e que lá não se mata homem, nem mulher, nem boi, nem ovelha, nem caprinos. Na Porto Seguro era proibido se matar qualquer ser vivo, pois a faculdade de tirar vidas pertencia apenas à Deus, o que teria tornado os iniciados vegetarianos.

No documento intitulado Revelação nº 4, está escrito que “não há salvação para quem usa maconha, cocaína e outros entorpecentes, que tira o homem do domínio de si próprio” ¹⁸⁸. Esta proibição preveniria a tentativa de adoção de soluções artificiais sobre os problemas humanos.

No que se versa sobre a prática do *Jogo*, era total e definidamente proibida. Tal proibição manifestaria uma preocupação de caráter moral e também traduzia a incompatibilidade de universos ontológicos auto-excludentes.

A proibição das ditas ‘*Festas de Intervenção*’ se referia à ação sacrificial e ao folião de carnaval. A interdição da prática sacrificial e carnavalesca na Serra dos Bréus baseava-se no fato de não haver salvação à custa de carne e sangue sacrificado; em relação ao folião de carnaval, a justificativa de sua proibição alicerçava-se no fato de o carnaval ser o momento de transgressão das proibições sociais, intervindo na ordem social e causando confusão das formas o que se tornaria a subversão das ordens divinas.

A teologia não admite à força das armas, a condenação, a falta de perdão, o crime a tortura, e nem a salvação através do sacrifício. Porque o sacrifício vem de origem maligna. Se vê claro duas fontes criativas e produtivas, a do bem e a do mal. Pelo aqui exponho, na vulgata teológica se divulga o mundo de Deus [...] No sentido da salvação em Cristo sacrificado, cabe isso dentro das religiões, não dentro da teologia. ¹⁸⁹

Além destes aspectos sócio-simbólicos da sociedade da Porto Seguro, Meu Rei vai além e cria um código de cunho ético-religioso que era composto por vários documentos, como uma forma de legitimar seu papel como enviado de Deus e, também, como um reforço à dominação e controle do imaginário coletivo. Neles, Meu Rei se auto-intitula como o ‘Segundo Adão’¹⁹⁰ no lugar de Jesus.

[...] Considerando a profundidade deste código, se vê claro a missão dada pôr Deus a *Israel* (Meu Rei), cujo homem confidente com Deus recebeu a

¹⁸⁸ FARIAS, Cícero José de. **Revelação Número 4**. Buique: Serra dos Bréus, 1960.

¹⁸⁹ FARIAS, Cícero José de. **Base de Restauração do Paraíso Adâmico**. Buique: Fazenda Porto Seguro, 1996.

¹⁹⁰ Essa expressão é utilizada por alguns exegetas cristãos para explicar que assim como o pecado entrou no mundo por um único homem (Adão), a redenção da humanidade também se relaciona à obra de uma única pessoa (Cristo). Numa das perícopes do capítulo cinco da Epístola Paulina aos Romanos, o apóstolo põe em contraste as conseqüências do pecado de Adão e o resultado da obra redentora de Cristo. In: SHEDD, Russell. **Escatologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, s/d.

missão de segundo Adão, pai da civilização que vai prevalecer na entrada do terceiro milênio.¹⁹¹

Ademais se utiliza da Teoria do Ditado – esta teoria diz respeito ao processo de inspiração das Escrituras e segundo este ponto de vista, o próprio Deus teria ditado aos escritores canônicos cada palavra contida nos livros da Bíblia – para atribuir suas ações como ‘desígnios de Deus’.

Esta Teoria do Ditado foi utilizada ao longo da História para endossar o caráter santo e instrumental dos escritos sacros. Um bom exemplo disso é a iconografia cristã posterior ao século VII que mostra sempre a figura de Gregório, o Grande (540-604), tendo sobre os ombros uma pomba, símbolo do Espírito Santo, a comunicar-lhe a *verdade divina* aos ouvidos.¹⁹²

Disse o Senhor Deus Jeová: Tu Israel (Meu Rei), é na Terra uma autoridade capaz de resolver o que Deus te autoriza fazer. Porém preciso te preparar para que chegues à altura de um homem confidente com Deus e capaz de escrever o que estou te revelando. Portanto, para este levantamento, toma a caneta e escreve a palavra de Deus [...] Disse Deus: a Minha palavra nessa composição fica como obra eterna e imutável para todos os tempos, é um renovo de vida para o povo chamado filho da luz. Quando tu completares esse código ele representará Deus construindo o seu mundo.¹⁹³

Além do exposto anteriormente, Meu Rei procura, num determinado momento, preterir os ensinamentos bíblicos para enaltecer o seu código ético-religioso como o único válido.

¹⁹¹ FARIAS, Cícero José de. **Código da longa vida para aqueles que estão a caminho a procura de Deus, criando o Reino da Vida**. Buique: Fazenda Porto Seguro, 1993.

¹⁹² CAIRNS, Earl E. **O Cristianismo Através dos Séculos**: Uma História da Igreja Cristã. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 135.

¹⁹³ FARIAS, Op. Cit.

3.7. O CÓDIGO ÉTICO-RELIGIOSO DA FAZENDA PORTO SEGURO...

Meu Rei não foi um homem de educação formal, tendo apenas os rudimentos do antigo ABC, contudo, construiu uma documentação riquíssima que permeava a vida dos seus seguidores.

A produção documental da comunidade da Fazenda Proto Seguro é vasta. Seus conteúdos vão desde a justificação da criação da comunidade, passando por um contrato enviado ao então Presidente Fernando Henrique Cardoso, até mesmo à uma Ciência Metafísica dividida em seis partes.

Os documentos produzidos por Meu Rei, que foram objetos de nossas pesquisas para melhor entendimento do movimento e da personalidade do líder, são: *“Palavra de Deus: código da longa vida para aqueles que estão em caminho, a procura de Deus, criando o reino da vida”, “A Palavra de Deus: explicação da base de segurança nacional”, Testamento: a palavra de Deus, aqui está claro a palavra de Deus falando a Israel”, “Esclarecimento ao Público”, Ciência Metafísica – 1,2,3,4 e 6”, Mensagem dirigida ao Governo que vai governar na entrada do Terceiro Milênio”, “Base de Restauração do Paraíso Adâmico”, “O despertar da consciência”, “A Palavra de Deus: mensagem às nações”, “Carta Magna de Caráter Padrão”.*

A referida documentação seguirá completa em anexo, nas próximas páginas utilizaremos apenas alguns documentos desta vasta produção, para tentar localizar as passagens da vida de Meu Rei que se vêem refletidas nas linhas destes documentos.

Gostaríamos, entretanto, de deixar claro aqui que não pretendemos fazer uma análise *teológica* dos escritos de Meu Rei, mas sim apontar certas peculiaridades. Para tanto, utilizaremos estes escritos em ordem cronológica.

O primeiro documento a que tivemos acesso está datado do dia 22 de agosto de 1993, é o documento intitulado Carta Magna Padrão, e nele, Meu Rei justifica a fundação da Fazenda Porto Seguro, sua missão na terra e posição frente ao governo brasileiro.

Carta Magna de Caráter Padrão

Assim diz Israel: Não sou profeta, nem pastor, não faço prodígio, nem milagre, nem sou espírita e nem curandeiro. Sou um homem que converso, com Deus, tenho missão a cumprir, anunciada por Deus Filho e Deus Pai. Meu nome de missão é Israel dado por Deus que me ungiu e constituiu com o título de Rei de Paz, da mesma dinastia de Melquizedeque, David, Salomão e Moisés. Não tenho religião, porém, é com estima e subida honra que *respeito todas as religiões, o governo e as leis do país*¹⁹⁴. Acima de tudo, como e bebo no campo da sabedoria, cuja fonte é Deus, *que me autorizou a fundar a Fazenda Porto Seguro*¹⁹⁵, com 33 famílias que formam uma comunidade, com certa seleção, obedecendo aos desígnios de Deus, *para tudo aquilo que ele me autoriza fazer*¹⁹⁶, uma certa preparação nessa comunidade, para entrada do terceiro milênio, era nova, era de paz, ciclo de evolução e progresso, uma obra feita por Deus aqui em cima da Serra dos Bréus, um novo reinado. Obedecendo aos desígnios de Deus em todos seus mandamentos, que com muita honra estou pronto a defender os direitos de Deus quando preciso for, com o título de Rei de Paz. Assim Deus me ungiu e constituiu para a entrada do terceiro milênio *ele responde por tudo isto que aqui está escrito*¹⁹⁷, sem atender outra coisa que cause subversão as ordens de Deus. Em suma: Foi aqui na Serra dos Bréus que Deus sentiu vontade de habitar, porque só gosta, de bosques e montes, porque nas cidades grandes não há paz, existem ofertas de sacrifícios feitos a Deus, como se ele vivesse das coisas sacrificadas, derramamento de sangue, prostituição e *tortura nos presídios*¹⁹⁸. Assim de bom grado, recebo todas as visitas na forma de dialogar, interpretar, respeito todas as concepções. Não atendo chamado, pois esta é a ordem de Deus. Se alguém quiser morar com Deus na Serra dos Bréus, me procure que dou o destino certo.¹⁹⁹

É possível perceber bem o tom de justificação utilizado por Meu Rei neste documento. Acreditamos que muitas destas justificativas, que permeiam o texto, sejam frutos das experiências desagradáveis que Meu Rei teve no decorrer de sua longa vida.

¹⁹⁴ Grifo nosso.

¹⁹⁵ Grifo nosso.

¹⁹⁶ Grifo nosso.

¹⁹⁷ Grifo nosso.

¹⁹⁸ Grifo nosso.

¹⁹⁹ FARIAS, Cícero José de. **Carta Magna de Caráter Padrão**. Buique: Fazenda Porto Seguro, 1993.

Na primeira frase por nos destacada *“respeito todas as religiões, o governo e as leis do país”*, presumimos que tal afirmativa tenha advindo das perseguições sofridas em Juazeiro do Norte, Campina Grande e em Buíque. Afinal, ele aqui se coloca de forma conciliadora em relação ao governo, as leis e à religiões. Pode ser, também, a exteriorização do seu desejo de não ver repetir-se entre os seus as barbáries cometidas contra os prosélitos de Antonio Conselheiro.

Nas três frases seguintes, em destaque, *“que me autorizou a fundar a Fazenda Porto Seguro [...] para tudo aquilo que ele me autoriza fazer [...] ele responde por tudo isto que aqui está escrito”*, percebemos que Meu Rei se exime de toda e qualquer culpabilidade que poderia recair sobre si à conferir à Deus o comando e domínio total sobre suas ações.

A última frase destacada, *“tortura nos presídios”*, nos reme aos relatos dos porões da Ditadura Militar Brasileira. E nos faz acreditar que remeta ao episódio da prisão de Meu Rei e seus seguidores em Campina Grande na década de 1960.

Outro documento bastante interessante é o intitulado “Mensagem dirigida ao Governo que vai governar na entrada do Terceiro Milênio”, datado do mês de setembro de 1995. Nesse documento, Meu Rei faz previsões sobre o Governo Republicano brasileiro, sobre o Governo Divino, e sobre a propriedade dos bens divinos encontrados em qualquer das camadas do solo (todas seriam de Israel).

Mensagem dirigida ao Governo que vai governar na entrada do Terceiro Milênio.

Assim disse o senhor: **Eu Deus ungi e constitui Israel com o título de Rei de Paz** da mesma dinastia de Melquizedeque, Salomão e Moisés, com soberania Coroa Real força e poder. O que ligares na terra ligado ficará nos Céus, pôr força e Poder das leis divinas. O Rei tem direito a pegar nas reservas de Deus onde quer que elas existam, no solo, subsolo e barisfera, porque Jeová fez doação destas reservas a Israel. Portanto não é o fim, se Alguém dos seus bens fez doação a Deus ou a Jesus, pôr força e Poder das leis divinas essa mesma doação Deus Pai Jeová e Jesus fez a Israel, portanto o Rei dispõe destas reservas doadas pôr Deus e pôr Jesus para fazer no Brasil o que Deus lhe autoriza fazer a bem do País e da Nação, não padece dúvida e de ordem de Jeová seja levada ao conhecimento do governo republicano e seus assessores para que pôr força das leis divinas e

força das leis terrenas haja um aconchego, Deus quer entrar em convênio de comum acordo com o governo entre dois poderes, para que o governo republicano na entrada do terceiro milênio governe o Brasil como bem lhe parece, e Eu Deus através do Rei dou a nação o que bem me parece. No prazo de dez anos a nação deve a Deus, e para que não haja uma palpitância contra a divindade quem ler entenda, leve em mente, analise, pense bem, voltado para o mesmo bem. O ciclo do governo republicano não vai terminar no fim de dois mil. O Rei não vai governar o Brasil, e sim o governo republicano. Se bem digo, através do Rei Eu Deus dou a nação o que e tirado das minhas reservas, que não são minérios, nesse propósito como está escrito nessa mensagem ela tem origem de caráter filantrópico porque Eu Deus através do Rei que Eu criei, vou ajudar o governo no sentido da evolução do Brasil, que hoje pertence a Deus Pai. Só vou governar o Brasil quando a nação se dispor a aceitar o governo de Deus sem armas nas mãos dos homens, portanto não é o fim. Quem ler entenda, Eu Deus Jeová sou o Deus da paz, não vim para destruir, vim para conservação da vida que só Deus dispõe dela e espargem essa mesma vida imenso universo. Portanto no sentido abordado e escrito, os homens com as armas nas mãos não sabem o valor que a vida tem, porem Eu Deus criei o homem a minha imagem e semelhança no homem modelo corpo metafísico, se bem digo quanto a mim Eu Deus não conheço o homem modelo que teve origem de mim, o Deus da criação. E Tu Rei, homem de 113 anos que conversa com Deus, Eu te ungi e constitui com o título de Rei, porque através do rei Eu Deus Jeová trouxe para o Brasil os bens divinos. Entretanto bem digo, pelo que aqui exponho Eu Deus não fujo a luta e nem Tu podes recuar, porque Tu habitas em mim e eu habito em Tu, personificado como pessoa presente falando na tua boca a palavra de minha boca. [...] As duas horas da manhã falou Deus a Israel e disse o Senhor: as minhas palavras são verdadeiras, justas, fiéis e eternas. Eu Deus Pai sou o Rei do Brasil personificado no corpo de Israel como pessoa presente, declaro: aqui há mistério, leve em mente, analise, pense bem, voltado para o mesmo bem. [...] Em suma: quanto aos bens divinos o primeiro é a paz, o segundo é a água da vida que através dela vem a saúde, dias mais longos e abre caminho para a vida imortal, terceiro é o perdão setenta vezes sete, para aqueles que pratica o bem, não tem pecados. [...]²⁰⁰

²⁰⁰ FARIAS, Cícero José de. **Mensagem dirigida ao Governo que vai governar na entrada do Terceiro Milênio**. Buíque: Fazenda Porto Seguro, 1995.

A produção documental que Meu Rei deixou é verdadeiramente extensa, e nos seria possível utilizá-la toda aqui nestas poucas páginas. Alguns destes documentos foram colocados nos anexos, para enriquecer ainda mais o nosso trabalho e, também, para que o leitor conheça mais desta extraordinária produção documental, um dos aspectos primordiais de diferenciação da comunidade da Fazenda Porto Seguro dos outros movimentos messiânico-milenares ocorridos em terras brasileiras nos séculos XIX e XX que foram analisados no capítulo anterior.

Dentre os documentos produzidos, existem alguns que explicam sua última missão: *a de tornar-se o primeiro homem imortal da Terra.*

3.8. SADABE... O PRIMEIRO HOMEM IMORTAL DA TERRA

Segundo alguns de seus seguidores, Deus-Pai teria enviado três partículas energéticas de sua própria essência divina para o corpo de Meu Rei (nesse momento um homem idoso de 104 anos), no ano de 1987. Essa energia iria levar, aproximadamente, nove anos para maturar e elevar Meu Rei ao patamar de *primeiro homem imortal da terra*. Neste momento teria ocorrido um novo batismo, Meu Rei já não seria mais *Israel*, seria daquele momento em diante, **Sadabe**.

O relato do recebimento desta missão está no documento intitulado *A Palavra de Deus: Código da Longa Vida para Aqueles que estão em Caminho a Procura de Deus, Criando o Reino da Vida*:

[...] A tua missão até 1976 ainda não estava completa, porém, agora em 1993 nesse código se encontra completa a tua missão dada por Deus. [...] Disse o senhor: Eu sou Deus Jeová o pai de Jesus Cristo, Eu vim a terra aqui estou para criar o novo mundo. [...] se vê claro a missão dada por Deus à Israel, cujo homem confidente com Deus recebeu missão de segundo Adão, pai da civilização que vai prevalecer na entrada do terceiro milênio. [...] Deus confiou a Israel o destino da humanidade que vai habitar com Deus no terceiro milênio. Assim como está revelado a missão de Israel, Deus lhe deu o título de Rei de Paz e representante de Deus com a luz dos conhecimentos para ligar o céu com a terra, com a escada de Jacó. [...] O

espírito de Deus desceu dos céus à terra e se personificou em Israel para criar mais uma obra entre as que já estão criadas. Estas palavras são semeios vivificantes para criar o mundo que Deus veio morar com os homens. Deus é o criador incriado que não tem princípio nem fim. [...] Assim entre o progresso, desenvolvimento e evolução dos povos, ao desenrolar do tempo no ciclo de Aquário se descortinará a imortalidade no homem. [...] De Adão até a nossa era não foi possível a imortalidade no Homem, porém a Deus tudo é possível. Disse o senhor: Eu preciso de um homem na terra capaz de ser instrumento do sopro do meu espírito, que de boa vontade esse homem se disponha a aceitar essa missão dada por Deus, cujo o homem é Israel, a quem dei tão profunda missão de ser ele um representante de Deus na terra. Eu nele, me personifico para prepará-lo no cumprimento da sua missão. [...] Deus estará personificado no homem que escolheu para ser seu representante em um ciclo de felicidade eterna. [...] De que maneira, o homem pode receber vida eterna se não for o homem um instrumento do sopro do espírito de Deus? Assim, é claro que sem uma metamorfose para perfeição do homem, longe dele ser um filho de Deus.[...] Levantei Noé e ele prevaleceu na sua missão. Levantei Moisés e ele prevaleceu na sua missão. Agora levantei Israel e Eu nele estou e Ele está em Mim e Eu nele manifesto o meu espírito e habito nele dia e noite, trabalho com Ele, como com Ele, durmo com Ele, porque nele está Deus pelo espírito personificado em Israel. [...] Assim disse o Senhor: Pôr pedido de Deus-Pai e Deus-Filho deve ser levado ao público que pôr força e poder das leis divinas, na Fazenda Porto Seguro as 3:00 horas da madrugada do dia 13 de maio de 1996, nasceu o primeiro homem imortal na terra. “SADABE ALEXANDRE DE FARIAS REI” com coroa real no Brasil, filho de CORSADABE DEUS-PAI. Como Israel viveu 113 anos e oito meses, como imortal hoje seu nome é SADABE.²⁰¹

No momento de recebimento desta nova missão, segundo relatos, Meu Rei se encontrava em seus aposentos pessoais.

Para se chegar a tais aposentos é preciso enfrentar alguns lances de escada até o último andar do Palácio.

Imagem 23 – Mesa na ante-sala do quarto de Meu Rei, onde ele recebia as revelações de Deus-Pai.

²⁰¹FARIAS, Cícero José de. **A Palavra de Deus**: Código da longa vida para aqueles que estão em caminho a procura de Deus, criando o reino da vida. Buíque: Fazenda Porto Seguro, 1993.



Fonte: Acervo próprio

Passados três anos da mudança de Meu Rei em *homem imortal*, o mesmo falece, deixando seus seguidores atônitos e perdidos. Eles não compreenderam como dizendo-se imortal, seu líder poderia ter falecido, deixando-os desprotegidos para o advento do milênio – o *Apocalipse*.

Percebemos, com isso, que a figura do profeta e sua audiência constituiriam uma realidade única, pois, entre ambos existiria uma identificação ético-política. Segundo Pierre Bourdieu,

é pela capacidade de realizar, através de sua pessoa e de seu discurso como palavras exemplares, o encontro de um significante e de um significado que lhe era preexistente mas somente em estado potencial e implícito, que o profeta reúne as condições para mobilizar os grupos e as classes que reconhecem sua linguagem porque nela se reconhecem.²⁰²

²⁰² BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009, p.75.

Mesmo antes de ser ‘tornar’ imortal, Meu Rei conseguiu algumas melhoras substanciais para a região dos Bréus, e sobre elas falaremos a seguir.

3.9. MEU REI... AS CONQUISTAS PARA A SERRA DOS BRÉUS E AS REPERCUSSÕES DE SUA COMUNIDADE NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO.

A Serra dos Bréus era um local sem água encanada, sem estradas, com o solo pedregoso impossível de cavar poços e, principalmente, sem eletricidade.

Com a fixação de Meu Rei e seus seguidores neta localidade, esse panorama começa a se modificar.

Meu rei começa a construção de cisternas para o armazenamento das águas da chuva e, segundo relatos, teria encontrado, abaixo do Palácio, uma fonte de água mineral²⁰³ Isso ajudou na questão da água, mas, hoje apesar das cisternas²⁰⁴, os moradores dependem muito de carros pipas.

Foram abertas estradas de terra, estreitas e escorregadias, para carros ao longo de toda a Serra dos Bréus.

As modificações alcançadas não se deveram apenas ao carisma de Meu Rei, mas, foram frutos dos interesses dos políticos locais e estaduais em estabelecer um reduto eleitoral na Fazenda Porto Seguro. Prova disso foi a presteza e o interesse de se resolver a questão da eletricidade da Serra pelo Deputado Henrique Queiroz, que tinha a amizade de Meu Rei e de seus seguidores, como também seus respectivos votos.

A condição de um local sem iluminação elétrica só foi mudada no ano de 1994. Meu Rei conseguiu, através da intervenção do deputado estadual Henrique Queiroz, que o engenheiro e presidente da Celpe, Luis G. Perazzo, fizesse com quem o local recebesse a *luz elétrica*.

²⁰³ Ou lençol de água subterrâneo. Não se sabe ao certo.

²⁰⁴ As cisternas do Palácio encontram-se desativadas.

Imagem 24 – Placa em homenagem á eletrificação da Porto Seguro



Fonte: Acervo próprio

Imagem 25 – Descerramento da placa. Meu Rei e o deputado Henrique Queiroz.



Fonte: Acervo Fotográfico da Fazenda Porto Seguro

Imagem 26 – Dia da inauguração da energia elétrica na Porto Seguro, frente do Palácio.



Fonte: Acervo Fotográfico da Fazenda Porto Seguro

Imagem 27 – Meu Rei, Henrique Queiroz e convidados



Fonte: Acervo Fotográfico da Fazenda Porto Seguro

Imagem 28 – Discurso de Meu Rei, em comemoração a eletrificação.



Fonte: Acervo fotográfico da Fazenda Porto Seguro

Esse foi um dia de grandes festividades na Fazenda Porto Seguro.

Além da energia elétrica, Meu Rei conseguiu para os moradores da Serra dos Bréus²⁰⁵, a construção e manutenção de um núcleo escolar na comunidade, que atendia crianças tanto da Fazenda como da comunidade do Muquén. Todos os ônus da manutenção da escola, merenda e material didático e salário dos funcionários eram de responsabilidade da Prefeitura Municipal de Buíque.

Mas, como todo movimento que prega o diferente levanta especulações e suspeitas, a vida na comunidade da Porto Seguro não era só paz e harmonia. Muitos foram os que por lá chegaram atrás de uma boa história para publicar em revistas e jornais que distorceram os depoimentos recebidos dos moradores da localidade.

O movimento desencadeado nos Bréus teve repercussão, principalmente, na mídia escrita e, uma das reportagens que causou mais polêmica na Porto Seguro foi a escrita pelo jornalista Klester Cavalcanti, na Revista Caminhos da Terra sob o título “Vida Eterna ao Rei!”. Abaixo reproduzimos partes desta matéria:

²⁰⁵ Além da fazenda Porto Seguro, existe outra comunidade na Serra dos Bréus, a comunidade do Muquén..

[...] Bezerra trabalha exclusivamente com o *profeta-embusteiro*²⁰⁶, é dono de uma confortável casa de seis cômodos, e toda a família compartilha da sua crença. [...] A rara paisagem no meio do sertão tem origem nas diversas fontes de águas minerais que brotam das rochas. É numa delas que seu Israel coleta a disputada “água da vida”, vendida a cinco reais o litro. “Essa água cura doenças, tira mau-olhado e faz tudo de bom que se pode imaginar”, assegura o *profeta oportunista*²⁰⁷. [...] *Esse Meu Rei apenas reúne um grupo de fanáticos numa vila, pregando um novo mundo, mas não propõe mudança alguma no sistema*²⁰⁸. [...] ²⁰⁹

Contudo, a parte desta reportagem que mais indignou os moradores da Porto Seguro, foi a que Cavalcanti intitulou de “O rei divide o ‘palácio’ com sete moças. Quatro têm menos de 18 anos”. Nessa parte da reportagem, ele deixa implícito uma suposição de pedofilia, suposição essa que chocou à todos os que faziam parte do movimento.

[...] A filha mais velha de Maria das Dores Silva, Francineide, de 15 anos, é uma das dançarinas de seu Israel – que ainda arrisca uns passos de bolero. “Fanci mora no palácio e ajuda em casa com comida e dinheiro”, conta Dorinha. Além de Francineide, mais oito seguidores têm a honra de receber a irrepreensível hospitalidade do messias: um rapaz de 17 anos, que faz as vezes de Office-boy, e sete moças, quatro delas com menos de 18 anos. Com vigor e energia impressionantes seu Israel sobe e desce as escadarias da morada real várias vezes ao dia e costuma assistir o Jornal Nacional com algumas das meninas lhe fazendo cafuné. Só depois de conferir as notícias é que o soberano se entrega aos braços de Morfeu. [...] O profeta gosta de ver “suas meninas” dançarem e ainda arrisca alguns passos de bolero com elas.²¹⁰

A respeito destas moças que viviam com Meu Rei em seu Palácio, apuramos em nossas entrevistas que não somente elas vivam com ele. Viviam no Palácio cerca de dezoito pessoas, todas encarregadas das melhorias e conservação na *casa de Deus*. Ao serem questionados sobre esta reportagem específica, os seguidores se mostraram indignados e nos afirmaram que o repórter, Klester

²⁰⁶ Grifo nosso.

²⁰⁷ Grifo nosso.

²⁰⁸ Grifo nosso.

²⁰⁹ CAVALCANTI, Klester. “Vida Eterna ao Rei!”. In: **Revista Caminhos da Terra**. São Paulo: Azul, Ano 5, nº 12, 56 Ed., Dezembro de 1996, pp. 56-61.

²¹⁰ Ibidem.

Cavalcanti, se arrependeu do que foi escrito e pediu desculpas à Meu Rei por suas palavras.²¹¹

Na imprensa pernambucana, o jornal que entrevistou e fez reportagens com Meu Rei foi o Diário de Pernambuco. Foram no total, três reportagens, uma em 1991, outra em 1994 e a última em 1998.

A primeira reportagem teve sua publicação no dia 17 de março de 1991, no Caderno Cidades, sob o título “Fundador de seita diz conversar com Deus”, de autoria de Paulo Goethe.

Com adeptos vindos da Bahia, Brasília e outros lugares do país, a fazenda Porto Seguro encaminha-se para se tornar auto-suficiente na produção de alimentos e captação de água, num local de difícil acesso e totalmente desabitado em volta. Para se chegar ao reino de Israel, “é preciso atravessar uma estrada arenosa, cruzando por pedras e uma vegetação rasteira. O visitante que se dispõe a enfrentar todas essas dificuldades acaba se surpreendendo com a organização da comunidade do ‘Senhor Rei’”. São mais de quinze casas de alvenaria, iluminadas por gerador, supridas por um engenhoso sistema de cisternas e direcionadas para o Palácio de Pau²¹², a obra máxima do fundador da vila, ainda em fase de construção. Projetada pelo próprio Israel, a sede da fazenda é um prédio de três pavimentos²¹³, com amplas salas de reuniões e muitos quartos, com cinco cisternas para acumular água de chuva. Uma criação de quem conseguiu “passar da cartilha”. Dono das terras por onde se estende a fazenda, Israel explica que o local é uma obra agrícola, científica e construtiva. “O projeto inicial é fazer uma comunidade de 33 famílias”, conta ele, que doa lotes a quem concordar em respeitar as normas rígidas do lugar. Os adeptos, que não podem matar animal nem comer carne, guardam-se mutuamente. Atualmente, 20 famílias já vivem em ‘Porto Seguro’, a maioria adepta do vegetarianismo e ajudando nas plantações de milho, feijão e mandioca da fazenda. “Não estou fazendo nada contra o Governo”, avisa Israel, que espera concluir a comunidade nos próximos dois anos, o mesmo prazo para o término do ‘Palácio de Pau’, que deverá ter mais de 600 metros quadrados de área construída. Apesar de contar que o

²¹¹ Não tivemos acesso ao documento escrito desta retratação; acreditamos que a mesma tenha sido feita de forma apenas verbal.

²¹² O Palácio de Deus também é chamado de Palácio de Pau pela grande quantidade de madeira utilizada em sua construção.

²¹³ O Palácio tem sete pavimentos, contando com o subsolo, e não foi concluído devido ao falecimento de Meu Rei.

número de famílias foi estabelecido por inspiração divina, o “Senhor Rei” não descarta a hipótese de a comunidade aumentar. ‘mas os lotes então serão vendidos’, disse. Na fachada do ‘Palácio de Pau’, um desenho sob o letreiro²¹⁴ da fazenda da ‘Porto Seguro’ já avisa que o lugar é místico. Um olho e pedaços de uma foto dos anéis de Saturno servem de emblema para as idéias do homem de 108 anos, “O desenho significa: vejo de perto o que está longe de mim”, explica Israel. Ele se preocupa em informar que não profetiza nada nem faz milagres, apenas acredita que traz Deus próximo. “A evolução e a ciência formaram uma asa para se chegar até Ele”, conta, “falta o homem criar outra asa, que é se relacionando mais profundamente com a Divindade”. Nas palavras do “Senhor Rei”, temas como reencarnações sucessivas, evolução dos planetas e prolongamento da existência têm um valor especial. “Estudo metafísica por conta própria e não sou contra nenhuma religião”, afirma. Com seu chapéu, cajado e suspensórios, Israel garante que outros planetas estão num estágio mais desenvolvido do que o da terra e os homens precisam passar para um plano superior. “O cosmos tem camadas espaciais e fora do sistema solar há vida”, disse. Mesmo com a idade avançada - e por isso mesmo -ele espera prolongar sua existência até virar um Matusalém. A ‘água abstratosa’, preparada com uma receita secreta pelo próprio Israel ajuda a preservar o seu corpo material. “Preparo a água do céu a 40 graus de abstrato”, revela, sem no entanto explicar mais detalhadamente o processo e os ingredientes. Os seguidores podem adquirir garrações de cinco litros com o preparado da “fonte da juventude” ao preço de três mil cruzeiros. “Tive sucessivas reencarnações, mas também não posso revelar nada sobre elas”, esconde o “Senhor Rei”.[...] embora Israel tenha revelado pouco da sua vida pessoal, um seguidor dele, o paraibano Manoel Caetano Sobrinho, contribuiu para elucidar o perfil do “Senhor Rei”. ‘Nós o chamamos assim porque aceitamos que é o próprio Deus quem está falando, assegurou o cabeleireiro que trabalha em Campina Grande, deixando a mulher e os quatro filhos morando na fazenda. ‘Isto aqui vai ficar conhecido no mundo todo’, acredita o adepto. Segundo ele a missão de Israel na terra começou em 1932, quando Cícero José de Farias era negociante em Arcoverde. ‘Uma noite, ele se levantou, foi ao quintal e viu que uma estrela diferente das outras se transformar na imagem de Cristo’, conta Manoel Caetano. Nos 20 anos seguintes, Israel foi aconselhado a seguir o Espiritismo e adquiriu o dom de curar as pessoas. Em 1952, o “Senhor Rei” perde o dom e recebe a missão de levantar o Reino de Deus. ‘Descobri a verdade com ele’, assegura o seguidor paraibano que ainda

²¹⁴ Na fachada do Palácio, nos dias atuais, esses caracteres não existem mais.

conta ter Israel vendido as terras que possuía em Juazeiro do Norte e Maceió para investir na fazenda de Buíque. ‘Ele não é um homem comum’, comenta Manoel Caetano, que já viu mais de 200 pessoas visitarem o local ao mesmo tempo para ouvir os ensinamentos do fundador da comunidade. Sobre a vida pessoal do seu líder, o cabeleireiro declara que ele foi casado e tem três filhos²¹⁵, não comentando a razão por que a sua esposa abandonou-o. na opinião do próprio “Senhor Rei”, a religião é professada pelo grupo é sincretismo do Cristianismo e do Espiritismo, misturadas pela sua experiência mística. “Abaixo do Sol, nada é perfeito. O homem precisa viver em paz, para poder completar seu ciclo”, recomenda o conselheiro da fazenda ‘Porto Seguro’.²¹⁶

A segunda reportagem publicada no Diário de Pernambuco trouxe o título: “Profeta do Sertão diz que teve encontro com Deus-Pai”, e foi de autoria de Sebastião Araújo.

Bruxo? Profeta? Fanático? Afinal, quem é Cícero José de Farias, um velhinho que diz ter 113 anos e habita os confins do Sertão pernambucano, liderando uma comunidade de 42 famílias? Ele é o primeiro homem **imortal** na terra e chama-se Sadabe Alexandre de Farias Rei, título que recebeu mês passado diretamente do próprio Deus-Pai, com quem diz manter constantes conversações. Esse novo enviado de Deus à terra, afirma que tem por missão restaurar um novo reino na Fazenda Porto Seguro, em Buíque. Este reino seria o reino adâmico, uma espécie de paraíso também chamado Base de Segurança Nacional, destinada ao aperfeiçoamento de todos que desejam chegar ao Terceiro Milênio. **Meu Rei**, como também é conhecido entre seus seguidores, garante que vai “ajudar” o Governo no sentido da evolução do Brasil que hoje pertence a Deus-Pai. Ele é uma figura que chama a atenção desde o momento em que se coloca os pés no Palácio na Fazenda Porto Seguro, um edifício de três andares onde mora com alguns jovens adotados, na Região. Para quem não o conhece,, mostra-se arredo num primeiro momento e tenta **estudar** a energia da pessoa. Pode até retrair-se se descobrir eu a energia é negativa. Mas, se a frequência do visitante for a mesma sua, tem-se a chance de descobrir um ser humano que possui realmente algo de sobrenatural. Que pode falar por horas a fio sobre tema que vão desde a política à Aids. Sadabe ou **Meu Rei** cativa como se estivéssemos diante de um deus, daqueles que nos deixam

²¹⁵ Segundo depoimento de seu filho mais velho, Jesus José de Farias, Meu Rei teve apenas dois filhos: ele e sua irmã Adrina, ambos de mães diferentes.

²¹⁶ GOETHE, Paulo. “Fundador de seita diz conversar com Deus”. In: **Jornal Diário de Pernambuco**, Caderno Cidades, 17 de março de 1991. Recife: APEJE.

com a alma lavada e purificada. Aliás, o processo de purificação começa quando se toma a água **abstratosa**, que ele vende aos visitantes. Também conhecida como **água da juventude**, tem o dom do rejuvenescimento. Apesar da idade, revela-se um líder nato, mantendo atrás de si seguidores que não só habitam **no seu Reino Adâmico**, como chegam de todas as partes do mundo para conhecer o trabalho daquele que diz haver mantido um **contrato** com Deus-Pai e com Deus-Filho, através do qual, passa a fazer parte de uma trindade que criará o reino de uma nova civilização. Apesar da missão profética, Sadabe mantém sua vida normal dentro das regras do seu reino, onde não há cultos nem celebrações. Quando quer passar algum ensinamento marca uma reunião com seus seguidores ou atende individualmente. Gosta de assistir aos telejornais e de dançar um bom bolero. Tem dois filhos, que não vivem com ele: Adrina, uma professora que mora em Campina Grande, e Jesus, que reside em São Paulo.²¹⁷

O que mais chamou a nossa atenção não foi tanto o texto redigido por Araújo, mas sim a entrevista que Meu Rei concedeu a este que abordou assuntos diversos. A entrevista vem logo abaixo da reportagem e recebeu como título a frase: “Meu Rei prega paraíso eterno na Fazenda Porto Seguro”.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO – Qual a missão de Sadabe na terra?

- Vim para conservação da vida e dar testemunho da existência de Deus, nosso pai, que hoje é bem-vindo para nós. Criar um mundo moderno com um governo teológico, metafísico e evolutivo, sem armas nas mãos dos homens, porque eu e o Pai não estamos ligados à força das armas. Não vamos destruir nada do que está criado. Porém, vamos criar o que ainda não existe na terra. Partindo desse princípio, Deus-Pai, Deus-Filho e Israel, abrimos o caminho à vida longa e vida imortal, um paraíso eterno na Fazenda Porto Seguro, que já tem 25 anos de confirmação da paz.

DP – As pessoas estão preparadas para receber este deus?

- Ninguém está preparado. O círculo do governo republicano não vai terminar na entrada do Terceiro Milênio. Deus não veio governar o país. Quem vai governar é o governo republicano. Deus não veio ensinar nada ao governo. O governo sabe fazer seus serviços administrativos dentro do caráter democrático, enquanto Deus, como autoridade superior e divina, sabe o que LHE parece dar à Nação daquilo que Ele criou. Quanto a mim, Sadabe Alexandre de Farias Rei, homem que conversa com Deus, nada

²¹⁷ ARAÚJO, Sebastião. “Profeta do Sertão diz que teve encontro com Deus-Pai”. In: **Jornal Diário de Pernambuco**, Caderno Regional, 1996. Recife: APEJE.

posso fazer sem que não seja dentro dos compromissos que existem entre mim e Deus-Pai e Deus-Filho.

DP – Já que o senhor falou em política, como vê a atual situação do Brasil?

- O País está nas mãos de dois poderes: o governo republicano e Deus autoridade-corpo-celeste. Então, está se observando que no Brasil, Deus desceu dos céus à terra e o que veio criar dentro do sistema teológico é fazer tudo aquilo que bem LHE parece. Deus só vai governar o país brasileiro quando o homem estiver preparado para receber o seu governo sem arma nas mãos.

DP – O senhor conhece a situação de miséria em que vive boa parte da população brasileira?

- Conheço bem. Todas as misérias são obras do próprio homem que está preparado para destruir sua própria obra, que é ele próprio. O homem com as armas na mão não sabe que valor tem a vida. Chegará o tempo, entretanto, para o Terceiro Milênio, que as armas se trarão inválidas no paraíso criado por Deus. O que decai, decompõe, diminui é porque o homem malfeitor quer tornar o mundo presente em um mundo maligno.

DP – Como o senhor encara a formação de uma família hoje em dia?

- Deus não criou um homem para o bem e outro para o mal. O desagregamento e desconjuntamento entre a família são provocados por mentes que ainda não acordaram para a prática do bem. Cada um segue aquilo que bem lhe parece. Quem o mal faz é consciente do que faz. Ninguém tem o direito de dizer que Deus lhe tentou. Deus criou o bem. O mal tem outros fatores. O desagregamento em todos os campos é obra do homem.

DP – A Aids pode ser considerada o mal do século?

- A Aids, como outras doenças de caráter desconhecido, que vêm decompondo a criatura no seu sistema de saúde, é provocada pela energia atômica, que trouxe todo o mal. Vão aparecer ainda outras doenças, que não é ainda do conhecimento da ciência. Mas para Deus nada é impossível. Através da energia **abstratosa** que se desprende do próprio Deus, é possível se preparar uma água de origem subterrânea que é mais limpa do que o próprio homem. Esta água se presta à saúde de qualquer tipo de doença e abre caminho para uma vida mais longa.

DP – O segredo da sua longevidade é a água abstratosa?

- Sim, para ter na cabeça tudo que explico. Não tenho livro, tenho a Bíblia mas não me guio por ela. E da conversa entre mim e Deus que como e bebo. Tudo que possuo foi Ele que me deu. Tirando o que Ele me deu, pela minha idade não sou nada.

DP – Um dos assuntos polêmicos atuais é o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Como o senhor encara a questão?

- Esta coisa não é criação de Deus. É criação do próprio homem. O homem faz o que quer sem consultar a divindade. Isto é um passatempo. Tudo tem um limite para o homem mortal. Até mesmo nas civilizações pré-históricas havia este limite.

DP – Estes seus seguidores estão preparados para o Terceiro Milênio?

- Eles seguem os meus passos, mas têm liberdade de mente e consciência. Estão aqui porque lhe parecem bem. Não estão presos aqui. Se não estão aqui, este paraíso adâmico iria ser feito com quem?

DP – Qual o seu maior sonho?

- Que Deus nunca se afaste de mim. Foi este pedido que fiz a Ele.

DP – O senhor se considera um profeta?

- Segundo está escrito na Bíblia: Deus falou pela boca dos profetas. A conversa entre mim e Deus é desta maneira. Deus personificado em minha pessoa me dá o direito de perguntar tudo que quero perguntar-LHE e tenho resposta. Ele fala na minha mente em sistema telepático.

DP – Quando começaram estas conversas entre o senhor e Deus?

- Desde 1952 que Deus-Pai me fala. Antes, em 32, quem havia me encaminhado a Ele foi Deus-Filho. Não sou eu quem o invoco. É Ele quem me procura.

DP – Com a chegada do Terceiro Milênio teremos grandes mudanças?

- Vão acontecer muitas mudanças. Coisas de causas alarmantes, como guerras, a energia atômica no espaço, no mar e na terra. Mas, nada vem da parte de Deus. Todo mal é originado pelo próprio homem.²¹⁸

A terceira reportagem sobre Meu Rei e sua comunidade é datada do dia 01 de setembro de 1998. Ela foi incluída num suplemento chamado Viagem, cujo tema central era o Vale do Catimbau. A reportagem foi intitulada “Comunidade tem seu Rei: crença dos moradores foge do domínio de qualquer região conhecida” e teve a autoria de Fábio Araújo.

A Fazenda Porto Seguro é lugar único no Brasil. Lá, de nada adiantou o marechal Deodoro da Fonseca ter proclamado a República há mais de um século. E a discussão sobre a estabilidade das moedas a crise nas Bolsas não faz o menor sentido. Tudo isso porque a comunidade, onde vivem cerca de 40 famílias numa área de 700 hectares, é governada por um *Rei* e imprime o próprio dinheiro, chamado *Talento*. O responsável pelo feito é um

²¹⁸ ARAÚJO, Sebastião. “Profeta do Sertão diz que teve encontro com Deus-Pai”. In: **Jornal Diário de Pernambuco**, Caderno Regional, 1996. Recife: APEJE.

senhor de 116 anos²¹⁹ e grandes orelhas, que atende pelo nome de Sadabi ou simplesmente *Meu Rei*. Ele é considerado por todos, o verdadeiro representante de Deus na Terra. Espécie de Antônio Conselheiro contemporâneo - com a diferença que seus seguidores não são sertanejos miseráveis - , Sadabi garante ter recebido de Deus a missão de criar um reino sagrado, que eventualmente englobará o mundo inteiro. Apesar disso, os moradores negam que a comunidade seja religiosa. “Aqui esta a base de segurança nacional criada por Deus”, diz Sadabi. Ele conta que conversa com o *Eterno* desde 1932, tendo recebido a ordem de fundar um reinado 20 anos depois. Após peregrinar pelo Nordeste, fixou-se na região em 1973. Segundo ele, a Fazenda Porto Seguro é propriedade divina, “documentada em cartório”. Seu séquito de acompanhantes é formado por pessoas de classe média, incluindo comerciantes que largaram tudo em Maceió para segui-lo. A crença da comunidade foge ao domínio de qualquer religião conhecida, mas faz referências ao Espiritismo. Sadabi, inclusive, elogia abertamente Allan Kardec. Na verdade, *Meu Rei* teria passado por um processo de metamorfose, há dois anos, deixando de ser apenas matéria e tomando dimensões metafísicas. Assim, é imortal e destinado a reinar sobre todos os países. O fato de não ter preparado um sucessor, apesar da idade avançadíssima, reforça a tese. Os moradores da Fazenda acreditam que a partir de 2004 a Terra vai entrar num processo de purificação e ficará livre de tudo o que desagrade a Deus. Apenas os espíritos de luz reencarnarão por aqui. A porta de saída será uma ponte ligando o santuário de Machu Pichu, no Peru, e o planeta Júpiter. Que avisa amigo é [...] Quanto ao *Talento*, a moeda sagrada, Sadabe diz que sua fabricação busca provar que o dinheiro é bom e foi criado por Deus. “Mas temos que fazer um convênio com o presidente da República, para que ele dê valor ao *Talento*”, ressalta *Meu Rei*.²²⁰

Tivemos acesso, ainda, a uma reportagem sobre a comunidade da Porto Seguro, publicada na Revista Já Diário Popular de São Paulo, em 1997. Nesta matéria, Moacir Assunção, traça um comparativo entre *Meu Rei* e Antônio Conselheiro, intitulando a mesma com o seguinte título: “O sucessor de Conselheiro”.

²¹⁹ Na verdade, em 1998, *Meu Rei* teria 114 anos e não 116 como é colocado na reportagem. Afinal, quando ele falece em 1999, na sua Certidão de Óbito diz que ele tinha 115 anos, 3 meses e 27 dias.

²²⁰ ARAÚJO, Fábio. “Comunidade tem seu *Rei*: crença dos moradores foge do domínio de qualquer religião conhecida”. In: **Jornal Diário de Pernambuco**, Encarte Viagem, 01 de setembro de 1998. Recife: APEJE.

Ele era um adolescente quando há exatos 100 anos, tropas do Exército e das Forças Públicas de São Paulo, Bahia, Pará e Amazonas arrasaram o Arraial de Canudos, no sertão baiano, liquidando os seguidores de Antônio Conselheiro. Cícero José de Farias ficou perplexo com o conflito. Não entendeu por que 15 mil pessoas morreram de fome, doenças e pela ação das armas num ponto remoto do mapa brasileiro. Seria incapaz de imaginar que, décadas depois, a fé o levaria por uma trilha semelhante à percorrida pelo líder de Canudos, tornando-o, ainda hoje, às vésperas do século 21, um legítimo herdeiro de Antônio Mendes Maciel, o célebre Conselheiro. Com presumidos 115 anos, Cícero atende atualmente pelo nome de Sadabe Alexandre de Farias Rei, e comanda, no interior de Pernambuco, uma comunidade messiânica formada por 42 famílias. [...] O ‘Reino de Deus’ tem suas próprias leis e se prepara para adotar uma moeda bíblica, o talento. As cédulas – de 1,5,10,50 e 100 - , todas com a estampa de Sadabe e sua tosca assinatura, foram enviadas ao Presidente Fernando Henrique Cardoso e ao governador Miguel Arraes pela Casa da Moeda Divina.[...] Concorrer com a Casa da Moeda do Brasil é crime previsto no Código Penal. Por muito menos, os moradores de Canudos foram condenados à morte. Em 1896, corriam boatos, jamais confirmados, de que os seguidores de Conselheiro iriam atacar Juazeiro (BA) por causa de um atraso na entrega de uma encomenda de madeira para a construção de uma igreja no arraial. Além disso, Conselheiro se opunha a alguns princípios defendidos pela recém-instaurada República, como a separação da Igreja do Estado e o casamento civil, o que lhe valeu a pecha, injusta, de monarquista, ou seja, de adversário do novo regime. [...] Sadabe escolheu um “inimigo” mais atual: o regime democrático. Sua objeção está baseada em princípios religiosos e não políticos, pois, segundo ele, democracia tem relação com o diabo.[...] Apesar da semelhança física com Conselheiro, Sadabe rejeita a comparação. “Não sou beato como o Antônio Conselheiro. Sou apenas um homem que fala com Deus e recebeu Dele uma missão”, comenta. [...] Por conta de suas posições polêmicas, Sadabe, assim como Conselheiro, enfrentou problemas com a Igreja Católica e também com as religiões evangélicas, principalmente em Buíque (PE). Chegando a ser alvo de perseguições por parte dos religiosos. Mas, ao contrário do líder de Canudos, não teve de enfrentar a ira dos líderes políticos por desviar mão-de-obra barata da lida no sertão. Motivo: a maior parte de seus “súditos” reside e trabalha as cidades da região e moradores fixos da comunidade são aposentados.²²¹

²²¹ ASSUNÇÃO, Moacir. “O sucessor de Conselheiro”. In: **Revista Já Diário Popular**. São Paulo, Ano 1, Nº 48, 5 de outubro de 1997.

As reportagens supracitadas foram muito importantes à nossa pesquisa, uma vez que nos ajudou a ter uma visão hermética do movimento desenvolvido na Serra dos Bréus, além de nos proporcionar o conhecimento do que pensava Meu Rei sobre inúmeros aspectos de sua missão. Apesar do fato de algumas destas reportagens trazerem certo tom de ironia, acreditamos que o movimento perpetrado na Fazenda Porto Seguro é impar no que concerne aos movimentos milenaristas brasileiros.

Até agora, discorreremos aqui, sobre a vida do *profeta* Cícero José de Farias e tocamos em alguns aspectos de sua comunidade, porém, não descrevemos o que presenciamos quando lá estivemos em outubro de 2010. O atual aspecto da Porto Seguro, os prosélitos que lá ainda vivem, ou seja, o que mudou na Fazenda ao longo destes doze anos de ausência de Meu Rei será abordado no próximo capítulo.

CAPÍTULO IV

A FAZENDA PORTO SEGURO, O NOVO JARDIM DAS DELÍCIAS: DO ANO DE 1999 AO OCASO DA PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XXI.

A função da religião é fazer agir-nos, de auxiliar-nos a viver. O fiel que se comunicou com seu deus não é apenas um homem que vê novas verdades que o descrente ignora, ele é um homem que pode mais. Ele sente em si mais força, seja para suportar as dificuldades da existência, seja para vencê-las. Ele está como que elevado acima de sua condição de homem. Acredita salvo do mal sob qualquer forma. O primeiro artigo de toda fé é a crença na salvação pela fé.²²²

4.1. 1999... O COMEÇO DO FIM?

Era o dia 13 de janeiro de 1999. Tudo indicava que seria mais um dia igual a qualquer outro na Fazenda Porto Seguro. Todos se encaminharam para seus afazeres cotidianos. Ninguém poderia prever o que aconteceria naquela noite.

Às 23:45 deste mesmo dia, Cícero José de Farias – que tinha sido Israel, Meu Rei e Sadabe – falecia de causas naturais, aos 115 anos 3 meses e 27 dias. A partir deste momento, a vida da Porto Seguro jamais seria a mesma.

Os seguidores sentiram-se atordoados, perdidos. Afinal, eles tinham perdido seu líder, seu amigo, o *homem que falava com Deus, o homem que era Deus na terra, que era imortal*.

Muitos dos que moravam permanentemente na comunidade se evadiram da mesma, deixando suas casas seus sonhos, voltaram a se inserir na mesma

²²² DURKHEIM, Emile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.30.

sociedade que abandonaram por tanto tempo. Foram principalmente para as cidades de Buíque, Arcoverde e Campina Grande²²³. Alguns retornaram às suas religiões de origem, outros, os que nasceram nos Bréus, segundo nos revelaram, continuam a seguir os ensinamentos de Meu Rei.

Os que viviam em outras cidades, por conta de suas profissões, e iam somente à Fazenda em feriados, finais de semana e nas férias continuaram suas vidas e raramente (se não nunca) retornam à comunidade. Muitos deixaram suas casa ainda por terminar, outros as abandonaram e hoje se encontram em péssimo estado, o que aumentou ainda mais o clima de abandono e desolação que percebemos ao andar por suas ruas nos dias atuais.

Em alguns dos depoimentos concedidos entre o período de outubro de 2006 a outubro de 2010, observamos que muitos dos seguidores se atordoaram ao perceber que Meu Rei não se encontrava mais entre eles, pois, muitos o tinham *verdadeiramente* como *imortal*. Alguns se questionaram: *como alguém que é imortal pode ter falecido?*

A partir destes questionamentos surge uma teoria que, acreditamos, serviu para confortar, em alguma medida, uma pequena parte dos seguidores. Uma das pessoas que trabalhavam diretamente com Meu Rei foi o seu fomentador.

Aproximadamente seis meses depois do falecimento de Meu Rei, nasceu uma criança na comunidade, um menino. Esse seu seguidor acredita que tal criança seja a reencarnação do líder. Quando questionado sobre o fato, nos explica que a *criança ainda não manifestou nada incomum, mas, acredita-se que quando o menino chegar à maior idade ele se revelará e retomará a missão última de Meu Rei*

²²³ No dia 17 de agosto de 2010 durante a realização de nossa pesquisa de campo no município de Buíque, localizamos e entrevistamos uma das antigas participantes da comunidade, mãe de uma sobrinha-neta de Meu Rei, chamada Maria Martins, trabalhando na casa paroquial da Igreja Matriz de Buíque. Ela nos relatou que com a morte de Meu Rei, refez sua vida em Buíque, onde criou sua filha e tem uma casa. Entre os dias 07 e 28 de outubro de 2010, localizamos e entrevistamos a cunhada de Meu Rei, Dona Maria Monteiro, vivendo com os filhos, Raquel e Salomão de Farias, ambos professores, e com seus netos numa casa em Buíque. Ela nos relatou que como já estava ficando com certa idade, e como era viúva, resolveu ir morar em Buíque onde a vida seria mais fácil. Além de Dona Maria Martins e Dona Maria Monteiro (e seus filhos), localizamos também o Senhor Jesus Amorim que nasceu quee foi criado na comunidade (seu pai, Paulo Amorim foi um grande amigo de Meu Rei e morador participativo e ativo da comunidade) morando também em Buíque com a esposa e o filho, onde tem um comércio relativo à informática. Neste município ainda encontramos o Sr. Edvaldo Bezerra que era secretário de Meu Rei e hoje vive com sua esposa e filhos naquela localidade, e que fizemos com o mesmo a primeira entrevista ainda em 2006. Além destes, localizamos, também, vários seguidores de Meu Rei vivendo na cidade de Arcoverde, inclusive, seu filho Jesus José de Farias.

(de ser o primeiro homem imortal da Terra, participante da Trindade Santa no lugar do Espírito Santo) e *guiará os prosélitos no advento do Terceiro Milênio*, o suposto período Apocalíptico.

Em sua maioria, os iniciados não crêem em tal teoria. Dizem que tudo não passa de suposições infundadas à procura de conformidade e consolo.

A finalidade religiosa da Fazenda Porto Seguro já não mais existe. O que observamos ao chegarmos na Serra dos Bréus, é que o lugar que antes tinha sido efervescente de moradores e visitantes, lugar onde *Deus morava entre os homens*, encontra-se abandonado e relegado ao panorama de mais uma comunidade rural das cercanias da Vila do Catimbau. A excitação e esperança que permeava o dia-a-dia da Porto Seguro ficaram retidas no tempo e espaço, somente sendo possível senti-las através das palavras de saudosismo proferidas pelos prosélitos que lá ainda vivem e, pelos que lá só vão esporadicamente. Como diria Weber, deixaram de ser os ‘marginalizados’ seguidores do *Profeta*, para fazerem parte da sociedade constituída e dominante.

4.2. A AMEAÇA DA ‘IRREALIDADE’ NO COTIDIANO SOCIAL DA PORTO SEGURO...

[...] O cosmos postulado pela religião transcende, e ao mesmo tempo inclui, o homem. O homem enfrenta o sagrado como um a realidade imensamente poderosa distinta dele. Essa realidade a ele se dirige, no entanto, e coloca a sua vida **numa ordem, dotada de significados**^{224, 225}.

Tomando essa afirmativa de Peter Berger, percebemos que o sagrado, a experiência místico-religiosa, encontra-se, a priori, fora do homem. Ela se *apresenta* ao homem. Agrega-se a ele como forma ordenadora imbuída de significados que altera, em determinado ponto, sua visão primeira do mundo.

²²⁴Grifo nosso.

²²⁵BERGER, Peter. **O Dossel Sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985, p. 39.

No movimento que aqui estudamos, podemos complementar e dizer que o *sagrado* se apresenta como forma de legitimar a *dominação* do líder (Meu Rei) sobre seus prosélitos. Através da figura do ‘guia espiritual, social e político’ construiu-se um mundo ímpar que pretendia suplantar a sociedade *universal* por uma sociedade divinizada que seria a responsável pela condução da, num primeiro momento, **nação brasileira** e conseqüentemente, num segundo momento, de todas as nações mundiais.

Contudo, esse planejamento de um governo mundial divino se esvai a partir do momento que o ponto de convergência comum, o *líder*, parte do convívio comunal de maneira definitiva.

A condição de existência, ou de plausibilidade, para subsistir esta, ou qualquer outra comunidade, de cunho predominantemente religioso, não mais existiria, o que consistiria, então, numa evasão dos prosélitos em busca de novas realidades sociais que lhe trouxessem algum tipo de conforto.

O que encontramos em relação aos prosélitos da Porto Seguro, foram discursos que, ainda agora, dão crédito ao seu líder. Muitos ainda crêem na possibilidade que Meu Rei retorne (de uma forma ou de outra) para finalizar sua missão última: guiá-los e, conseqüentemente, torna-los, verdadeira e plenamente, os *eleitos de Deus*.

Por outro lado, o descaso que alguns mantêm em relação a suas moradas, à preservação da comunidade em si (pelo menos no que concerne à parte física-estrutural) não condizem com o desejo de retomada e de *retorno* da vida comunal sob a liderança carismática de Meu Rei.

No que concerne aos ensinamentos doutrinários, entretanto, percebemos que estes, sim, continuam a ser propagados e lembrados (de uma forma mais ou menos enfática) entre os que foram iniciados. Percebemos que existe um tipo de saudosismo nas mentes dos mesmos. Uma saudade do que tiveram e do que poderiam ter tido.

Alguns ainda nos explicaram que o estado atual de suas casas deve-se ao fator, primordialmente, monetário. Além, também, do fator temporal: teriam poucos

recursos e tempo escasso para empreenderem uma reforma substancial nas moradias.

Mas, apesar disto, o núcleo familiar que vive permanentemente na comunidade, se esforça ao Máximo para preservar, pelo menos, o antigo centro de convergência social: o *Palácio de Deus*. Contando com poucos recursos e pouquíssima colaboração externa, eles fazem o que podem com capital inócuo. Quando da nossa visita, em outubro de 2010, encontramos o *Palácio de Deus* em processo de pintura e a praça também (neste último, tivemos colaboração efetiva).

O que nos compete, neste momento, é relatar, o mais fielmente possível, como encontramos a Porto Seguro após onze anos de seu 'desmembramento' como comunidade religiosa.

4.3. O ABANDONO DE UM SONHO... FAZENDA PORTO SEGURO NOS DIAS ATUAIS

Ao percorrermos as ruas da Porto Seguro, ficamos a imaginar como teria sido a vida na comunidade quando a mesma ainda contava com uma população de, aproximadamente, quarenta famílias. Como seriam as noites nas casas que hoje estão abandonadas, deterioradas e tomadas pelo mato e ervas daninhas, quando iluminadas e povoadas? Com crianças e pessoas andando de um lado para outro para cumprir alguma tarefa da lida diária? Com os visitantes aportando para palestras longas na varanda do Palácio de Deus com Meu Rei? Nas festividades que aconteciam nos feriados de fim de ano, com mesa farta e dança, principalmente forró e boleros?

Ao mesmo tempo, pensamos na grandiosidade da obra perpetrada por Meu Rei naquelas terras, antes tão inóspitas e hoje configuradas em uma estrutura de pequena cidade interiorana. Faz-nos lembrar da frase de Meu Rei em entrevista ao Diário de Pernambuco "*Se não estão aqui, este paraíso adâmico iria ser feito com quem?*". Eles não estão mais ali. Meu Rei não está mais ali. E o que percebemos hoje é a luta diária e árdua por sobrevivência do núcleo familiar que lá permaneceu. Um desejo forte de que tudo mude. Desejo de quem até hoje acredita nas palavras

de Meu Rei, que ainda hoje segue seus ensinamentos, que ainda hoje faz o que pode para preservar a memória material e imaterial do que, podemos seguramente dizer, foi o principal movimento milenarista brasileiro do século XX.

Não existe relato de movimento tão complexo e longo como o conduzido na Fazenda Porto Seguro. Ele foi ímpar em sua estrutura e proposta, em suas nuances que o tornavam tão igual e ao mesmo tão diferente dos tantos outros movimentos que pregavam a vinda do *Paraíso Terrestre*.

Mas, voltemos ao objetivo deste tópico, relatar as condições atuais da Fazenda Porto Seguro. Tentando exemplificar melhor o que aqui exporemos, inserimos abaixo algumas imagens tiradas por nós de algumas casas, da praça central e da rua principal da mesma.

Imagem 29 - Vista da rua principal da Fazenda Porto Seguro, ao fundo, o Palácio de Deus



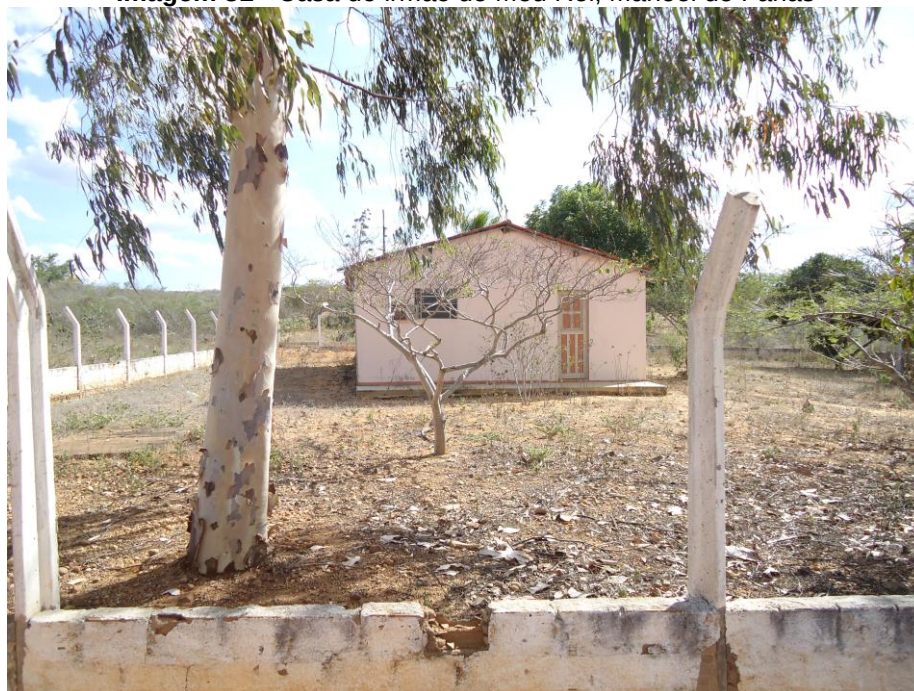
Fonte: Acervo Pessoal

Imagem 30- Casa abandonada na comunidade



Fonte: Acervo Pessoal

Imagem 31 - Casa do irmão de Meu Rei, Manoel de Farias



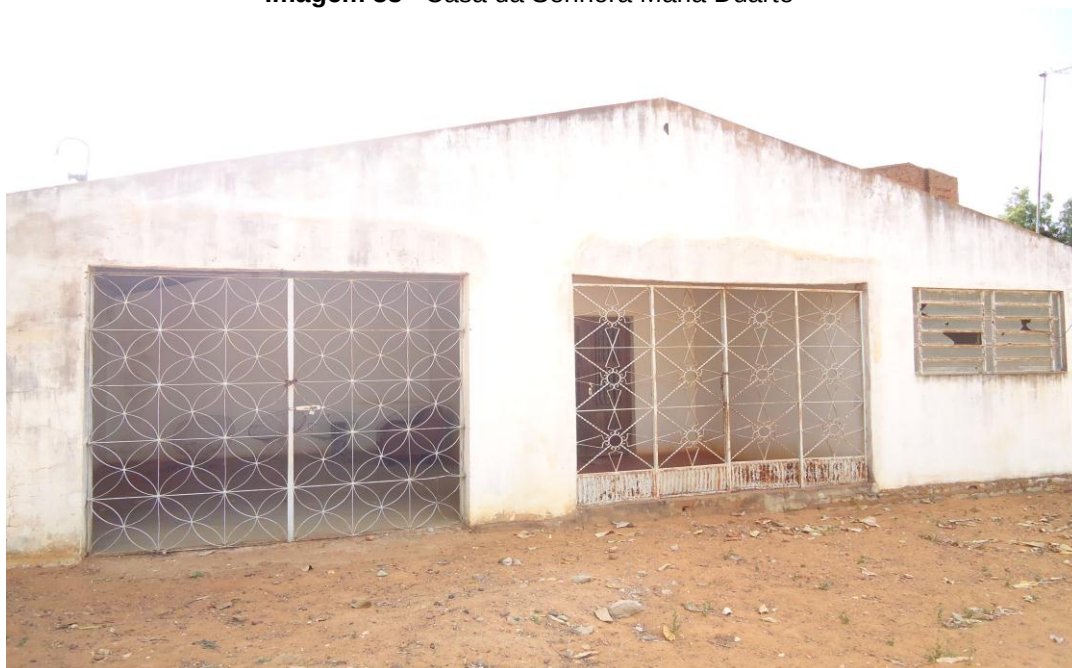
Fonte: Acervo Pessoal

Imagem 32 - Construção que, a princípio, seria a central telefônica da comunidade



Fonte: Acervo Pessoal

Imagem 33– Casa da Senhora Maria Duarte²²⁶



Fonte: Acervo Pessoal

²²⁶ Entre o período de 07 a 28 de outubro de 2010, ao longo das entrevistas feitas por nós com os iniciados na Fazenda Porto Seguro, foi-nos relatado que a Sr.^a Maria Duarte era a responsável pelos assuntos ligados a aposentadoria de Meu Rei. Até o presente momento, ela se encontra em posse dos documentos do mesmo (RG, CPF, Título de Eleitor, etc.). Através de alguns relatos, sabemos que após o falecimento de Meu Rei a Sr.^a Duarte abandonou completamente a comunidade.

Imagem 34 - Praça da Fazenda Porto Seguro



Fonte: Acervo Pessoal

Como podemos observar através destas imagens, o abandono permeia os caminhos da comunidade. Existe um descaso dos antigos moradores em conservar seus bens. Algumas casas encontram-se totalmente tomadas pelo mato, com telhas faltando, janelas quebradas e tantas outras avarias comuns à construções sem manutenção.

Porém no meio dessa espécie de desolação, existe uma vontade grande daqueles que ali ainda vivem de conservar e restaurar o que lhes é possível.

Além das casas, a escola que lá existe está com o muro quebrado e de portas fechadas para crianças, jovens e adultos da comunidade. Os recursos que são destinados para ela estão sendo transferidos para a escola instalada na comunidade do Muquén, e a justificação do poder público baseia-se no 'contingente' maior de alunos nesta última. Desta forma os alunos da Porto Seguro deslocam-se em caminhões estilo pau-de-arara para poder receber a educação formal nas escolas da Vila do Catimbau.

Imagem 35 – Fachada da Escola



Fonte: Acervo Próprio

Imagem 36 – Detalhe do muro quebrado por uma batida de carro



Fonte: Acervo Próprio

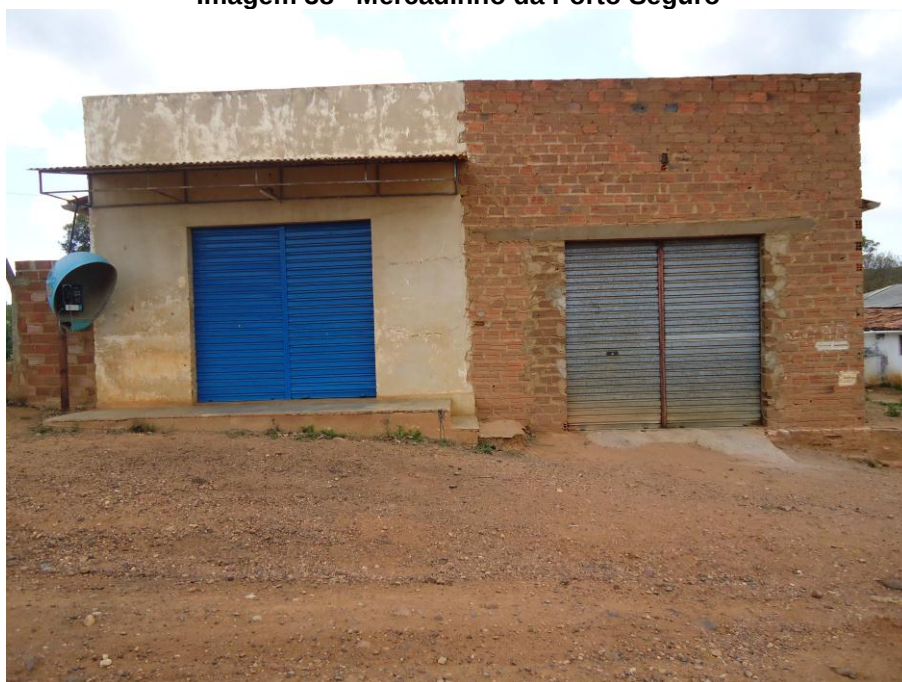
Imagem 37 – Primeira Sala da Escola



Fonte: Acervo Próprio.

Além da escola, outros prédios de convergência social estão fechados. Como o mercadinho e a lanchonete. A casa de farinha, responsável pela economia primeira do local, não existe mais. A lojinha que vendia roupas e afins está fechada por falta de mercado consumidor.

Imagem 38– Mercadinho da Porto Seguro



Fonte: Acervo Próprio

Imagem 39 – Loja de Roupas, do lado esquerdo, de fachada branca



Fonte: Acervo Próprio

Apesar do abandono visto na comunidade, a mesma tem muito a mostrar a quem a visita. Além da curiosidade que sua história causa aos visitantes, existem em seus domínios trilhas belíssimas. A trilha da Pedra Furada, por exemplo, encontra-se dentro das terras da Fazenda. Nos espaços tomados por vegetação nativa e sem casas ou qualquer tipo de edificação, proliferam pinturas rupestres, mirantes naturais, flores exóticas, como o lírio do sertão, grutas e infindas belezas naturais.

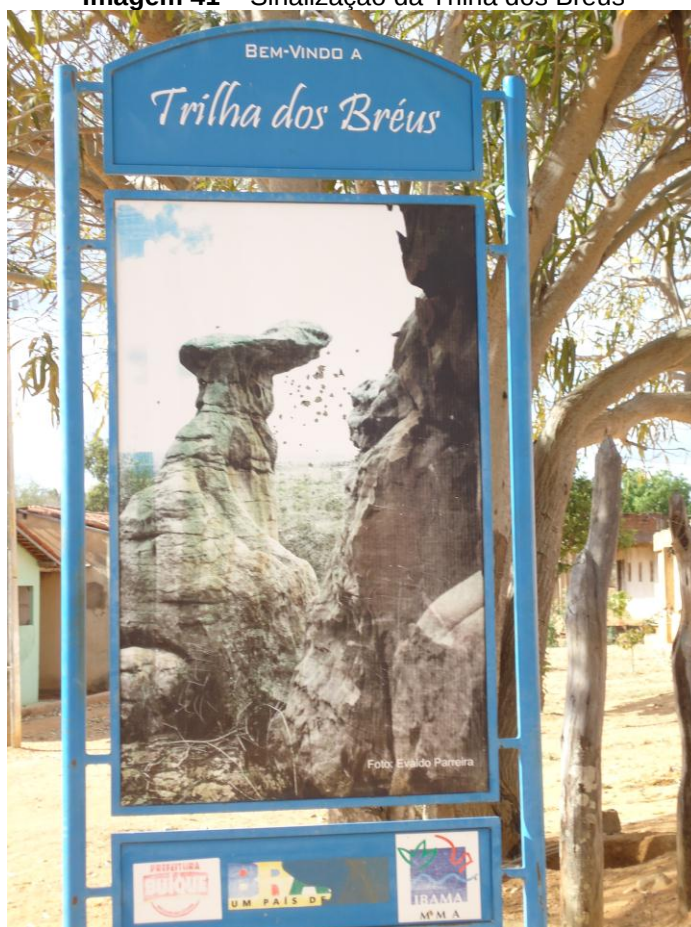
Apercebendo-se do potencial de tais atributos geográficos, os moradores da comunidade decidiram investir no turismo. Para tanto, estão construindo um tipo de pousada/albergue para hospedar quem tem interesse em explorar suas trilhas e os meandros do Vale do Catimbau, completamente visível em toda sua extensão, do umbral de algumas varandas.

Imagem 40 – Pousada/Albergue em fase de construção



Fonte: Acervo Próprio

Além dos moradores remanescentes da Porto Seguro, alguns que comumente só a freqüentam nos fins de semana também perceberam seu potencial turístico e começaram a oferecer pacotes àqueles que gostam de turismo de aventura, oferecendo entre outros, a opção de rapel em paredões da Serra.

Imagem 41 – Sinalização da Trilha dos Bréus

Fonte: Acervo Próprio

Apesar do potencial da comunidade, a vida dos que ali vivem de forma permanente não parece fácil. Muitos sobrevivem com menos da metade do salário mínimo. O problema da água continua. Sem terem sido contemplados com a política governamental, em anos anteriores, de construção de cisternas, muitos dependem de caminhões pipas ou da chuva para encher seus tonéis e caixas d'água.

A memória ainda persiste e é preservada na nova geração que se forma na comunidade. Quatro crianças nascidas muito após o desmembramento do sonho milenar aprendem com seus pais, avós e tios a importância de Meu Rei na vida deles e são ensinados a divulgar as lições passadas. Alguns nos procuraram ávidos por nos relatar quem era e como era Meu Rei em sua linguagem infantil e lúdica. E, como todas as crianças, tendem a imaginar vividamente aquilo que não puderam vivenciar de forma concreta.

Todavia, alguns percalços que ultrapassam a parte físico-econômica da vida comunal tiveram de igual maneira, impacto sobre as vidas daqueles que resolveram ficar nas terras consideravam seu verdadeiro lar.

A questão da hereditariedade surgiu pouco depois do falecimento de Meu Rei. Afinal, ele teve dois filhos e era dono das terras da Fazenda Porto Seguro. Era natural que seus filhos acreditassem serem eles os legítimos herdeiros de seus bens e legado.

Sua filha, segundo relatos, pensou em converter o Palácio de Deus em uma pousada para turistas. Seu intento foi fortemente combatido pelos prosélitos remanescentes.

Seu filho tentou requerer a posse sobre as terras e tudo o que lá estava construído. Mas, ao que parece, Meu Rei deixou tudo o que possuía em doação à Deus-Pai, com reconhecimento de firma em cartório e todos os tramites legais. Apesar disso, outro fator entrou na balança desta querela hereditária. Três irmãs alegaram ser co-fundadoras da comunidade. Elas estavam ao lado de Meu Rei desde os tempos em que tudo o que existia ali era uma grande palhoça. Vivem na Fazenda por mais de 40 anos. Ainda hoje zelam, não só pelo Palácio de Deus, como por toda a comunidade, fazem desde a limpeza da praça, ruas e adjacências, como ainda vivem a lida da roça, da mesma forma que o faziam desde a década de 1970. O que poderíamos considerar que se configuraria como uso capião, num linguajar jurisprudencial.

Nosso papel aqui, no entanto, não é realizar nenhum tipo de pré-julgamento, apenas o de apresentar o panorama tal qual nos foi repassado pelas diversas personagens.

A terra que era para ser o *refugio da humanidade, de paz e esperança*, apresenta, na verdade, conflitos cotidianos e, de certa forma, mundanos, semelhantes deveras aos vividos pela sociedade 'comum'.

Divergências em relação a criação de gado, caprino e bovino, que era proibido por Meu Rei e hoje se prolifera pelo lugar; divergência ao modo de vida de moradores novos na comunidade (algumas pessoas venderam suas casas para moradores que jamais conviveram com Meu Rei e têm, como os prosélitos

destacaram, “visão de vida muito diversas”); além de outras divergências diversas entre os *prosélitos residentes* e os *prosélitos visitantes*.

O que parece ser unânime entre estes últimos é a importância de Meu Rei para a mudança que, de certa forma, se operou em suas vidas. Sobre o fato de terem construído e vivido algo grandioso por algum tempo. De terem compartilhado da mesma perspectiva de vida que hoje, muitas vezes, nos pareceu tão distinta e distante.

O que podemos seguramente afirmar é que a comunidade jamais terá seu viés religioso de volta, afinal os iniciados estão sem seu *profeta* e não existe um substituto que tenha sido designado por ele ou que poderia vir a ser aceito pelos adeptos.

Afinal, como tentamos explicar ao longo destas páginas, a comunidade liderada por Meu Rei seria uma organização sócio-religiosa não-burocratizada, essencialmente carismática e semi-libertária. Ela estaria inscrita num organograma acanhado, subjetivo e pessoal, onde inexistiria especialização rigorosa.

Segundo Weber, a dominação exercida por um profeta surgiria a partir

da criação de um poder carismático no sentido ‘puro’ [...] que seria sempre o produto de situações singularmente extraordinárias – especialmente de situações políticas ou econômicas, ou psíquicas internas, sobretudo religiosas - , e se originariam por uma excitação comum a um grupo de homens, excitação surgida do inaudito [...] ²²⁷

Desta feita, o poder carismático exercido por Meu Rei não só incitaria seus seguidores a uma efetiva transformação de sua natureza íntima, como consistiria numa reação tanto a permanência recalcitrante dos valores e costumes tradicionais quanto às inovações racionais.

Mas, para que haja a dominação carismática, é necessária a existência dos dominados e, portanto, do reconhecimento destes em relação a dominação.

O reconhecimento puramente tático, mais ativo ou mais passivo, de sua missão pessoal pelos dominados, nos quais se apóia o poder do líder

²²⁷ WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.

carismático, tem sua origem na fiel consagração ao extraordinário e inaudito, alheio a toda norma e tradição e, com isso, em virtude de proceder da miséria e do entusiasmo, ao estimado como divino.²²⁸

É na dialética entre experiência íntima e imagem social que a cadeia da eficácia simbólica se completa. Desta maneira o profeta e sua audiência constituem uma realidade ímpar ao passo que entre eles existe certa identidade ético-política.

É pela capacidade de realizar, através de sua pessoa e de seu discurso como palavras exemplares, o encontro de um significante e de um significado que lhe era preexistente mas somente em estado potencial e implícito, que o profeta reúne as condições para mobilizar os grupos e as classes que reconhecem sua linguagem porque nela se reconhecem.²²⁹

Em resumo, a comunidade como um todo não se constituiu ontologicamente como prisioneira do passado, nem se deixou prender pelas amarras do presente. Ela se abriu para as possibilidades futuras que se descortinavam sob a divindade de Meu Rei.

Nela existia a certeza num porvir interligado a um tempo teofânico que lhes muniria de coragem. Mas, tudo desmoronou com a morte do líder, levando consigo a promessa de imortalidade no *Novo Paraíso*.

Do que foi argumentado, podemos aferir que a gestão de um movimento religioso envolve muito mais do que apenas uma nova concepção de mundo, do futuro ou a construção de novas bases ético-religiosas onde o objetivo final oferecido é a participação no hall dos *escolhidos* e, na busca deste Paraíso, vemos a inserção destes movimentos na teoria braudeliana da longa duração.

²²⁸ WEBER, **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.

²²⁹ BOURDIEU, Pierre. **Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] Pelo cálice de amargura do Senhor; Se fez nas gerações a obra do Senhor; Semeou santa lei; Que o anjo revelou; Surgindo Israel; O servo de Jesus; Até que chegue a hora do Senhor.

Hino recebido através de revelação por Meu Rei para a Nova Jerusalém

Tentar compreender o funcionamento da Fazenda Porto Seguro desde sua fundação no ano de 1976 até a primeira década do século XXI foi sem dúvida um dos nossos principais objetivos ao longo desta pesquisa.

A análise das peculiaridades do movimento desencadeado na Serra dos Bréus nos ajudou a ter a dimensão real da significação do referido movimento na vida das famílias que dele fizeram parte.

Ademais, percebemos que Meu Rei construiu em torno de si uma aura de infalibilidade que se enraizou na mentalidade dos iniciados. Nos depoimentos dos iniciados percebe-se claramente que no imaginário coletivo, Meu Rei possuiria todas as qualidades divinas de Deus Pai e de Jesus. Para os iniciados, ele era verdadeiramente participante da Trindade Santa, ocupando o lugar do Espírito Santo.

A perplexidade que observamos nos depoimentos quando perguntávamos sobre a imortalidade de Meu Rei, deve-se ao fato de todos acreditarem, verdadeiramente, que o mesmo era *sim imortal* e não terem conseguido compreender a sua passagem do plano físico para o espiritual, o que serviu para nos confirmar que a crença em Meu Rei continua na vida destas pessoas como um ente vivo, pulsante.

Constatamos, também, ao longo de nosso estudo a importância política de Meu Rei para a região os Bréus. Foi através dele, de sua relação com o deputado estadual Henrique Queiroz, que ocorreu a eletrificação da região.

O que na realidade tentamos fazer foi analisar a fundo os desdobramentos advindos de um sonho, ou chamamento divino e, como este pode modificar toda uma vida. Afinal, assim como os profetas e patriarcas bíblicos, Meu Rei também contribuiu para fomentar a crença, não só no *fim dos tempos*, mas, na possibilidade de um melhor *amanhã*.

Um dos principais resultados desta pesquisa foi justamente a percepção da crença ainda viva em todos os ensinamentos de Meu Rei. A constatação que seu legado, bem ou mal, continua vivo no seio dos que ainda permanecem nas terras da Porto Seguro e dos que dela se evadiram. Que a crença nos escritos de Meu Rei foi ponto imprescindível para a formação de uma nova percepção da religião e da espiritualidade por parte dos iniciados.

Devemos acrescentar que a nossa participação no dia-a-dia da comunidade pós Meu Rei, nos possibilitou penetrar de forma íntima no universo criado na Serra dos Bréus. Permitiu-nos uma imersão no sonho que foi construído naquelas terras. Ajudou-nos a ter a dimensão real da obra perpetrada por Cícero José de Farias ao longo dos 23 anos em que permaneceu como líder absoluto da comunidade.

Acreditamos que o trabalho de pesquisa executado ao longo destes cinco anos (2006-2011), possibilitou que esta dissertação contribuísse para o enriquecimento da historiografia acerca de tal movimento, pois, como já dissemos na introdução, existem apenas três trabalhos acerca do mesmo fazendo com que o movimento de Meu Rei seja pouco conhecido no meio acadêmico.

Porém, acreditamos que ainda falta muito a ser pesquisado e analisado acerca desta comunidade milenarista do Sertão do Moxotó, afinal, tal comunidade possibilita trilhar caminhos diversos desde a análise das mentalidades, uma análise acurada do discurso perpetrado por Meu Rei e, naturalmente, o que foi feito: um estudo do cotidiano tendo como catalisador a religião que atua no mundo atual, em que vivemos um (re)encanto da religiosidade, como um dos principais impulsionadores de movimentos Históricos .

REFERÊNCIAS

1. Fontes Secundárias:

- AGOSTINI, N. **Ética e Evangelização**. São Paulo: Vozes, 1993.
- ALMEIDA Erickson de. **Canudos**: a trama político - religiosa e os militares. Paraná: Almeida, 2000.
- AZEVEDO, João Lúcio de. **A Evolução do Sebastianismo**. Lisboa: Presença, s/d.
- BALANDIER, Georges. **A Desordem**: elogio do movimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1977.
- BANDARRA. **“Profecias” do Bandarra, sapateiro de Trancoso**. Lisboa: Veja, s/d.
- BERGER, Peter. **O Dossel Sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.
- _____. “A Dessecularização do mundo: uma visão global”. In: **Religião e Sociedade**, volume 21, nº 1, 2001.
- BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. São Paulo: Jorge Zahar, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BRANDÃO, Sylvana. **Triunfo da (Des)Razão**: A Amazônia na Segunda Metade do Século XVIII. Recife, Tese de Doutorado, UFPE, 1999.
- BRAUDEL, Fernand. “A longa duração”. In: BRAUDEL, Fernand. **História e Ciências Sociais**. Lisboa: Presença, 1990.
- _____. **Escritos sobre a História**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

- BUENOS AYRES, Carlos. **Bréus, serra onde Deus habita, berço de uma nova civilização:** um movimento messiânico-milenar em gestão no Nordeste– (Buíque – PE). Dissertação de Mestrado em Antropologia. Recife: UFPE, 1994.
- CABRAL, Flávio José Gomes. **Paraíso Terreal:** a rebelião sebastianista na Serra do Rodeador. Pernambuco, 1820. São Paulo: Annablume, 2004.
- _____. “Dom Sebastião e a Virgem da Pedra: práticas religiosas e sediciosas em Pernambuco colonial”. In: **Cadernos de Olinda**. Olinda - PE, v. 01, n. 01, p. 01, 2005.
- _____. “Desertores, desempregados e outros elementos perigosos na 'cidade do paraíso terreal': a rebelião sebastianista na serra do Rodeador (Pernambuco, primeira metade do século XIX).” In: **História & Perspectivas**, Uberlândia, v. 29-30, pp. 07-31, 2004.
- CASCUDO, Luiz da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Instituto Nacional do Livro, 1954.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural:** entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.
- _____. **À Beira da Falésia – a História entre Certezas e Inquietude**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- COHN, Norman. **Cosmos, Caos e o Mundo que Virá:** As Origens das Crenças no Apocalipse. Trad. Claudio Marcondes. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. COHN, Norman. **Na Senda do Milênio:** Milenaristas Revolucionários e Anarquistas Místicos da Idade Média. Lisboa: Presença, 1980.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Juazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

- DELUMEAU, Jean. **Mil Anos de Felicidade: Uma História do Paraíso**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- DIAS, Alexandre Alves. “A Serra do Rodeador e a irmandade do Senhor Bom Jesus da Pedra”. In: **Revista Suplemento Cultural**. Recife: CEPE, out/nov., 1997.
- DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- GISNZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**. 10 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- HALL, Stuart. “A Questão da Identidade Cultural”. In: **Coleção Textos Didáticos**. 2 Ed. Revista. São Paulo: IFCH/UNICAMP, nº 18- fevereiro, 1998.
- HERODOTO. **Histórias - Livro I**. Lisboa: Edições 70, 2007.
- KOHN, Hans. “Messianisme”. In: **Encyclopedia of Social Science**. New York: Macmillan, 1948.
- LAMPE, A. (Org.). **Enrique Dussel, Ética e a Filosofia da Libertação**. São Paulo: Vozes, 1995.
- LEVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- MARTINS, José de Souza. **Os Camponeses e a Política no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1981, p. 61.
- MEGIANI, Ana Paula Torres. **O Jovem Rei Encantado: expectativas do messianismo régio em Portugal, séculos XIII a XVI**. São Paulo: Hucitec, 2003.
- MONTEIRO, Douglas Teixeira. **Os Errantes do Novo Século: Um estudo sobre o surto milenarista do Contestado**. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

- MOURA, Clóvis. **Sociologia política da guerra camponesa de Canudos:** da destruição do Belo Monte ao aparecimento do MST. São Paulo: Expressão Popular, 2000.
- NEGRÃO, L. N.; CONSORTE, J. G. (Orgs.) **O messianismo no Brasil contemporâneo.** São Paulo: FFLCH-USP/CER, 1984. (Coleção Religião e Sociedade Brasileira).
- NOGUEIRA, Ataliba. **Antônio Conselheiro e Canudos:** Revisão Histórica. São Paulo: Atlas, 1997.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Messianismo no Brasil e no Mundo.** São Paulo: Dominus/EDUSP, 1965.
- QUIRINO, Priscilla P. **MEU REI: a imortalidade no Sertão do Moxotó. Serra dos Bréus, Buíque – PE, séculos XIX-XX.** Recife:UFPE, Monografia, 2008.
- RIBEIRO, René. **Antropologia da Religião e Outros Estudos.** Recife: Massangana, 1982.
- SEVERINO, Renata da Silva. **“Meu Rei” e sua “Comunidade Metafísica e Teológica início de um Reinado”, no Vale do Catimbau, Pernambuco.** Dissertação de Mestrado, UNICAP, 2008.
- SILVA, Rogério Souza. **Antônio Conselheiro:** a fronteira entre a civilização e a barbárie. São Paulo: Annablume, 2001.
- SHEDD, Russell. **Escatologia do Novo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, s/d.
- VALENTE, Waldemar. **Misticismo e Região:** aspectos do sebastianismo nordestino. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais/MEC, 1963.
- WEBER, Max. **Ciência e Política:** duas vocações. São Paulo: Martin Claret. 2006.
- _____. **Economia e Sociedade.** V. 1. Brasília: UNB, 1982.

- _____. **Sociologia das Religiões e Considerações Intermediárias.** Lisboa: Olho D'Água, 2006.
- _____. **Ensaio de Sociologia.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.
- _____. **Ciência e Política:** duas vocações. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- WILSON, D. A. **A história do futuro.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- **Bíblia de Jerusalém.** São Paulo: Paulus, 1998.

2. Fontes Primárias:

- ARAÚJO, Sebastião. “Profeta do Sertão diz que teve encontro com Deus-Pai”. In: **Diário de Pernambuco**, Caderno Regional, 1996.
- ARAÚJO, Fábio. “Comunidade tem seu *Rei*: crença dos moradores foge do domínio de qualquer religião conhecida”. In: **Diário de Pernambuco**, Encarte Viagem, 01 de setembro de 1998.
- ARCELA, Alberto. “População de Campina Grande revoltada com a previsão das Borboletas Azuis”. In: **Correio da Paraíba**, João Pessoa, 13 de maio de 1980.
- ASSUNÇÃO, Moacir. “O sucessor de Conselheiro”. In: **Revista Já Diário Popular**. São Paulo, Ano 1, Nº 48, 5 de outubro de 1997.
- CABRAL, Flávio José Gomes. “A Guerra do Rodeador.” In: **Revista Continente Multicultural**, v. 34, pp. 88-91, 2003.
- CAVALCANTI, Klester. “Vida Eterna ao Rei!”. In: **Revista Caminhos da Terra**. São Paulo: Azul, Ano 5, nº 12, 56 ed., Dezembro de 1996, pp. 56-61.
- FARIAS, Cícero José de. **Testamento:** a palavra de Deus. Aqui está claro a palavra de Deus falando a Israel. Fazenda Porto Seguro, Buíque, 1993.

- _____. **A Palavra de Deus:** Código da longa vida para aqueles que estão em caminho a procura de Deus, criando o reino da vida. Buíque: Fazenda Porto Seguro, 1993.
- _____. **Carta Magna de Caráter Padrão.** Buíque: Fazenda Porto Seguro, 1993.
- _____. **Mensagem dirigida ao Governo que vai governar na entrada do Terceiro Milênio.** Buíque: Fazenda Porto Seguro, 1995.
- GOETHE, Paulo. “Fundador de seita diz conversar com Deus”. In: **Diário de Pernambuco**, Caderno Cidades, 17 de março de 1991.
- LEITE, Antônio Áttico de Souza. “Memória sobre a Pedra Bonita ou o Reino Encantado”. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Pernambuco**. Recife, vol. XI, 1903-1904.
- “Borboletas Azuis: os fanáticos do dilúvio.” In: **Revista Manchete**, Rio de Janeiro, 10 novembro de 1979, pp. 68-85.
- “Borboletas Azuis não devem ser hostilizados.” In: **Diário da Borborema**, Campina Grande, 08 maio de 1980a.
- “Borboletas Azuis aguardam o dilúvio que começa hoje.” In: **Diário da Borborema**, Campina Grande, 13 de maio de 1980b.
- “Centenas de Pessoas Acompanharam o Sepultamento de Roldão Mangueira” In: **Diário da Borborema**, Campina Grande, 25 de julho de 1980.
- “Populares Espancaram Roldão e seus adeptos.” In: **Diário da Borborema**, Campina Grande, 26 setembro de 1979.
- “Seita de Roldão pode levar adeptos ao suicídio.” In: **Diário da Borborema**, Campina Grande, 26 de agosto de 1979.